



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

NELI DE FARIA HENRIQUES CACOZZA DE SOUZA

**ANÁLISE LONGITUDINAL DE PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM JOVENS EXPOSTOS A
FATORES DE RISCO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

SÃO CARLOS – SP

2024

NELI DE FARIA HENRIQUES CACZZA DE SOUZA

**ANÁLISE LONGITUDINAL DE PROCESSOS DE RESILIÊNCIA EM JOVENS
EXPOSTOS A FATORES DE RISCO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientador: Alex Sandro Gomes
Pessoa

Coorientadora: Renata Maria
Coimbra

São Carlos-SP
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUZA, NELI DE FARIA HENRIQUES CACZZA DE
ANÁLISE LONGITUDINAL DE PROCESSOS DE
RESILIÊNCIA EM JOVENS EXPOSTOS A FATORES DE
RISCO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA / NELI DE
FARIA HENRIQUES CACZZA DE SOUZA -- 2024.
203f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Alex Sandro Gomes Pessoa

Banca Examinadora: Luciana Dutra-Thomé, Normanda

Araujo de Moraes, Sheila Giardini Murta, Lilia Iêda

Chaves Cavalcante

Bibliografia

1. Resiliência. 2. Adolescentes. 3. Jovens. I. SOUZA,
NELI DE FARIA HENRIQUES CACZZA DE. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

ERRATA

SOBRENOME, Nome. **Título do trabalho:** subtítulo (se houver). Ano da defesa. nº de páginas.
Natureza (Grau) - Departamento, Universidade, Cidade, ano de publicação.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
Indicar o nº da folha	Indicar o nº da linha	Indicar o erro	Indicar a correção

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia****Folha de aprovação**

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Doutorado da candidata **Neli de Faria Henriques Cacoza de Souza**, realizada em 26/02/2024:

Membros Titulares

Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa (Presidente)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
alexpeessoa@ufscar.br

Prof. Dr. Luciana Dutra-Thomé
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
lucianaduth@gmail.com

Prof. Dr. Normanda Araujo de Moraes
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)
normandaaraujo@gmail.com

Prof. Dr. Sheila Giardini Murta
Universidade de Brasília (UnB)
sheilagmurta@gmail.com

Prof. Dr. Lilia Iêda Chaves Cavalcante
Universidade Federal do Pará (UFPA)
liliaccavalcante@gmail.com

Suplentes

Prof. Dr. Maria Ângela Mattar Yunes
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)
mamyunes@yahoo.com.br

Prof. Dr. Simone dos Santos Paludo
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
paludo.simone@gmail.com

Prof. Dr. Célia Regina Rangel Nascimento
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
celiarn@gmail.com

AGRADECIMENTO

Início esses agradecimentos expressando a minha gratidão ao professor Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa, que com sensibilidade, respeito e generosidade esteve sempre presente. Como meu orientador articulou e valorizou as vivências que eu tinha em outras áreas do conhecimento e, apesar de sua extrema exigência, sempre foi muito sensível aos momentos delicados que enfrentamos, atravessados pela pandemia do COVID-19.

Agradeço, também, à professora Dra. Renata Maria Coimbra, que com muita generosidade dispôs os materiais de sua pesquisa, realizada em 2010, para que pudéssemos acessar as histórias de vida dos participantes. De forma carinhosa destaco os 4 participantes da pesquisa que se dispuseram a revisitar suas histórias, reviver momentos difíceis e partilhar os caminhos que navegaram nos últimos 12 anos.

Nesses 5 anos, que não foram nada típicos, fomos atravessados pelo evento da pandemia. Assim, o projeto de estar no espaço (físico) da universidade precisou ser reinventado. Porém, os vínculos construídos no primeiro ano presencial foram uma das grandes riquezas dessa caminhada: amigos com quem partilhei o apartamento em São Carlos, viagens pela madrugada para chegarmos a tempo na aula, muitas guloseimas e ataques de riso! Vivemos momentos deliciosos! Bárbara, Rafael, Jaque, Debora e Hary, vocês fizeram diferença e serão sempre especiais para mim. Não posso deixar de destacar o apoio recebido da Mari (meu suporte aqui na clínica), que com extremo cuidado e dedicação possibilitou a articulação do meu trabalho e o espaço para me dedicar à Tese.

Meus pais sempre terão um lugar especial nas minhas conquistas. Hoje, já em um outro plano, provavelmente minha mãe está vibrando com essa conclusão, pois ela questionava sempre: “Quando acaba? Eu vou poder ir ver a defesa?”. E eu só posso pensar: “Vai mãe, de onde você estiver!”.

Enfim, meu companheiro de vida: Marcio. Mesmo tendo que renunciar a alguns momentos que poderíamos partilhar, sempre foi um grande incentivador para que eu me

dedicasse ao doutorado. Meus filhos, Thiago e Pedro, que são sempre incentivo para que eu faça novas buscas. Temos inclusive uma fala que é sempre repetida entre nós: “São nossos argumentos vitais!”.

Estou feliz com a conclusão, com o processo vivido e com os novos conhecimentos adquiridos... a mudança de olhar que todo esse processo me possibilitou. É óbvio para mim que, mesmo não tendo pretensão de desenvolver, nesse momento, a carreira acadêmica, o doutorado me possibilitou uma nova postura nas áreas em que atuo. Aumentou meu grau de exigência em relação às minhas produções escritas, capacitações, treinamentos e mesmo atendimento de famílias. Me sinto orgulhosa de fazer parte da comunidade UFSCAR e agradecida a todos os docentes que fizeram parte desse processo!

RESUMO

A produção do conhecimento sobre processos de resiliência com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social cresceu consideravelmente ao redor do mundo. Todavia, os recortes investigativos centram-se, majoritariamente, em estudos correlacionais ou com delineamento transversal. Pesquisas com recorte longitudinal são escassas, o que significa que ainda é incipiente a compreensão dos processos de resiliência que se manifestam na transição entre ciclos desenvolvimentais. O objetivo desta Tese foi analisar, por intermédio de uma investigação longitudinal, os processos de resiliência em jovens adultos que foram expostos a situações de risco e vulnerabilidade significativas durante a infância e adolescência. Para tanto, foram realizados estudos de revisão de literatura, bem como uma investigação empírica. Sumariamente, as revisões narrativas da literatura apontaram um aumento na produção a partir do ano de 2015, embora as publicações tenham sido, predominantemente, conduzidas nos Estados Unidos e países Europeus. O tempo da coleta de dados entre as pesquisas variou consideravelmente, o que está associado com as imprecisões conceituais e impasses no que pode ser considerado um estudo longitudinal. Além disso, o uso de questionários é mais recorrente nessa modalidade de pesquisa, seguido do emprego de entrevistas e escalas. De forma complementar, outro estudo de revisão revelou que relacionamentos interpessoais, engajamento em educação formal, aspectos subjetivos associados à resiliência, projetos de vida e pontos de virada são as variáveis mais investigadas e apontadas como promotoras de resiliência em adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. A investigação empírica que faz parte desta Tese refere-se a um estudo de natureza qualitativa, com delineamento longitudinal-retrospectivo, exploratório-descritivo e conduzido a partir de um Estudo de Casos Múltiplos. Participaram da pesquisa 4 jovens, com idades entre 25 e 29 de idade ($MI = 26,75$), sendo três mulheres e um homem. Estes participantes foram recrutados, inicialmente, no ano de 2010, quando eram adolescentes. Os critérios de inclusão foram: (i) estarem expostos a adversidades significativas; (ii) demonstrarem processos de resiliência a partir da avaliação de profissionais que os atendiam. Tanto na adolescência quanto na vida adulta os participantes se envolveram em diversas etapas de coleta de dados, que culminou em um extenso banco de dados qualitativo, analisado por intermédio da técnica de Análise Temática. Os resultados do estudo empírico apontaram que os participantes estiveram expostos a inúmeros fatores de risco que perduraram longitudinalmente, da infância à vida adulta, embora existam algumas alterações nessas variáveis. Por outro lado, os processos de resiliência dos participantes se associam com a resolutividade de Tensões, definidas como problemáticas sociais que, quando enfrentadas, auxiliam na promoção de resiliência. Algumas Tensões parecem ter sido enfrentadas desde adolescência, ao passo que outras foram solucionadas apenas quando os participantes eram adultos. Além disso, identificou-se nesta Tese uma nova Tensão - *Capacidade em nutrir projetos de vida* – que requer investigações adicionais no futuro para que seja confirmada, refutada ou reformulada. Espera-se que esta Tese contribua com o avanço do debate sobre pesquisas longitudinais sobre os processos de resiliência, bem como colabore na compreensão das necessidades de adolescentes e jovens que vivenciam adversidades sociais crônicas.

Palavras-chave: Resiliência; Adolescentes; Jovens; Pesquisa Longitudinal.

ABSTRACT

The knowledge on resilience processes with children, adolescents, and young people in situations of social vulnerability has grown considerably around the world. However, the investigations focus, mostly, on correlational studies based on a cross-sectional design. Longitudinal research is scarce, which means that understanding the resilience processes that manifest in the transition between developmental cycles is still underexploited. The aim of this Dissertation was to analyze, through longitudinal research, the processes of resilience in young adults who were exposed to meaningful risk and vulnerability situations during childhood and adolescence. To this end, systematic literature review studies were carried out, as well as an empirical investigation. Summary, narrative reviews of the literature pointed to an increase in publication from 2015, although these papers were predominantly conducted in the United States and European countries. Data collection period varied considerably, which is associated with conceptual inaccuracies in what can be considered a longitudinal study. Furthermore, the use of questionnaires is most common in this type of research, followed by interviews and scales. In addition, another review study revealed that interpersonal relationships, engagement in formal education, subjective aspects associated with resilience, life projects and turning points are the variables most investigated and identified as promoting resilience in adolescents and young people in vulnerable situations. The empirical investigation that is part of this Dissertation refers to a qualitative study, with a longitudinal-retrospective design and conducted from a Multiple Case Study. Four young people participated in the fieldwork, aged between 25-29 years old ($M = 26.75$), being three women and one man. These participants were initially recruited in 2010, when they were adolescents. Inclusion criteria were: (i) being exposed to significant adversity; (ii) demonstrate resilience processes based on the evaluation of professionals who served them. Both in adolescence and adulthood, participants were involved in several stages of data collection, which culminated in an extensive qualitative database, subsequently analyzed through Thematic Analysis technique. The findings of the empirical study showed that participants were exposed to several risk factors that lasted longitudinally, from childhood to adulthood, although there were some changes in these variables. On the other hand, the participants' resilience processes were associated with the resolution of Tensions, defined as social problems that, when faced, may foster resilience processes. Some Tensions seem to have been faced since adolescence, while others were only resolved when the participants were adults. Furthermore, a new Tension was identified in this Dissertation - *Ability to nurture life projects* - which requires additional investigations in the future to be confirmed, refuted, or reformulated it. It is expected that this research report may contribute to the advancement of the debate on longitudinal research on resilience processes, as well as contribute to understanding the needs of adolescents and young people who experience chronic social adversities.

Keywords: Resilience; Adolescents; Young people; Longitudinal Research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. <i>Fluxograma dos estudos que compuseram o corpus de análise</i>	38
Figura 2. <i>Publicações por país de origem</i>	39
Figura 3. <i>Publicações por continente</i>	40
Figura 4. <i>Publicações por ano de publicação</i>	41
Figura 5. <i>Publicações por tempo de duração do estudo</i>	42
Figura 6. <i>Instrumentos utilizados na coleta de dados</i>	44
Figura 7. <i>Fluxograma da RSL</i>	53
Figura 8. <i>Linha do Tempo da Rita</i>	79
Figura 9. <i>A participante Rita com sua filha.</i>	79
Figura 10. <i>A participante Rita durante a conclusão do curso de confeitaria</i>	80
Figura 11. <i>Linha do Tempo de Renato</i>	82
Figura 12. <i>Renato destacou constantemente a importância das práticas religiosas</i>	82
Figura 13. <i>Registro das sobrinhas de Renato</i>	83
Figura 14. <i>Atividade laboral exercida por Renato</i>	83
Figura 15. <i>Linha do Tempo de Bárbara</i>	86
Figura 16. <i>Linha do Tempo de Dilma</i>	89
Figura 17. <i>Registro do contato com a natureza</i>	89
Figura 18. <i>Igreja que frequentava</i>	90
Figura 19. <i>Referência às fofocas em seu contexto de trabalho</i>	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Dados sociodemográficos</i>	69
Tabela 2. <i>Análise temática</i>	73
Tabela3. <i>Vulnerabilidade Econômica e Exploração no Mundo do Trabalho</i>	92
Tabela 4. <i>Vulnerabilidades Territoriais e a Violência Urbana</i>	96
Tabela 5. <i>Rupturas Relacionais</i>	100
Tabela 6. <i>Sofrimento, Sintoma e Revitimização do Abuso Sexual</i>	107
Tabela 7. <i>Sofrimento, Sintoma e Revitimização do Abuso Sexual 2</i>	108
Tabela 8. <i>Acesso a Recursos materiais</i>	113
Tabela 9. <i>Relacionamentos</i>	117
Tabela 10. <i>Identidade</i>	124
Tabela 11. <i>Coesão</i>	129
Tabela 12. <i>Poder e Controle</i>	134
Tabela 13. <i>Justiça Social</i>	140
Tabela 14. <i>Adesão cultural</i>	145
Tabela 15. <i>Capacidade em nutrir projetos de vida</i>	151
Tabela 16. <i>Tensões na Adolescência e Adulterez</i>	163

LISTA DE ABREVIATURAS

n°.	número
abr.	palavra por extenso

LISTA DE SÍMBOLOS

- \$ - Operador booleano
- “” - Operador booleano para palavras exatas

LISTA DE SIGLAS

AND - Operador booleano
AT - Análise Temática
CAEE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CDRisc - Connor Davidson Resilience Scale
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
Conjuve - Conselho Nacional da Juventude
COVID-19 coronavírus SARS-CoV-2
CPDS - Child Psychosocial Distress Screener
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IndexPsi - base indexadora da literatura publicada em Periódicos Científicos brasileiros em Psicologia
ISSBD - Internacional Society for the Study of Behavioral Development
LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MI – média de idade
n – Amostra
OMS - Organização Mundial de Saúde
OR - Operador booleano
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PRISMA - Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses
PubMed - National Library of Medicine
RIL - Revisão Integrativa de Literatura
SciELO - Scientific Electronic Library Online
SGD - Sistema de Garantia de Direitos
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Timeline - Linha do Tempo
UNESP - Universidade Estadual Paulista
USA – United States of America

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
Objetivo Geral	26
Objetivos Específicos	26
Capítulo 1	29
Caracterização da Produção Científica de Pesquisas Longitudinais Relacionadas a Processos de Resiliência de Adolescentes e Jovens	29
Estudos Longitudinais: Definições e Noções Introdutórias	30
Resiliência e Pesquisa Longitudinal: Lacunas e Incompletudes	33
Método	36
Resultados e Discussão	37
Capítulo 2	45
Resiliência, Fatores de Proteção e Vulnerabilidade Social: Uma Revisão Integrativa da Literatura a partir de Pesquisas Longitudinais	45
Introdução	46
Método	51
Resultados e Discussão	54
<i>Caracterização das pesquisas longitudinais sobre os processos de resiliência de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social</i>	54
<i>Fatores de Proteção Associados à Resiliência</i>	58
<i>Relacionamentos interpessoais</i>	58
<i>Engajamento na Educação Formal</i>	60
<i>Aspectos Subjetivos Associados à Resiliência</i>	62
<i>Projetos de Vida e Ponto de Virada</i>	63
Capítulo 3	65
Uma Investigação Empírica Longitudinal sobre Processos de Resiliência de Adolescentes e Jovens conduzida no Contexto Brasileiro	65
Método	66
<i>Participantes</i>	67
<i>Instrumentos</i>	69
<i>Procedimentos</i>	70
<i>Análise de Dados</i>	72
<i>Questões Éticas</i>	74
Capítulo 4	75
Fatores de Risco que se Perpetuam Longitudinalmente	75

Apresentação dos Participantes	15
Participante 1 - Rita.....	76
<i>Participante 1 - Rita.....</i>	76
<i>Participante 2 - Renato</i>	80
<i>Participante 3 – Bárbara</i>	83
<i>Participante 4 - Dilma.....</i>	86
“Tem que Correr Atrás”: Vulnerabilidade Econômica e Exploração no Mundo do Trabalho	91
“Não tem Segurança de Andar na Rua”: A Perpetuação das Vulnerabilidades Territoriais e a Violência Urbana.....	95
“Me Desligar Foi Doído”: Rupturas Relacionais.....	99
“Eu Queria um Lugar para Eu Ser Cuidada”: Sofrimento, Sintoma e Revitalização do Abuso Sexual.....	106
Capítulo 5.....	111
Análise Longitudinal de Processos de Resiliência a partir da Abordagem das Sete Tensões	111
5.1 Acesso a Recursos materiais.....	112
5.2 Relacionamentos.....	116
5.3 Identidade	123
5.4 Coesão.....	128
5.5 Poder e Controle.....	133
5.6 Justiça Social.....	139
5.7 Adesão cultural.....	144
5.8 Capacidade em nutrir projetos de vida	149
Capítulo 6.....	155
Considerações Finais.....	155
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICES.....	195
APÊNDICE 1	195
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195
(Resolução 466/2012 e 510/2016 do CNS).....	195
APÊNDICE 2.....	197
Roteiro de Questões – Desenvolvido a partir do Estudo 2.....	197
ANEXOS	200
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	200

Apresentação

Há alguns anos, a pesquisadora que desenvolveu esta Tese de Doutorado trabalha com comunidades e famílias em situação de vulnerabilidade social. A partir do contato direto com esses grupos, teve a oportunidade de desenvolver grupos de reflexão e acompanhamento de famílias que apresentavam demandas socioeconômicas, relacionais e ambientais. A ênfase deste estudo se embasou, portanto, na defesa do trabalho coletivo e no desenvolvimento de intervenções que assegurem o acesso a direitos sociais, especialmente no que se refere à implantação de políticas públicas de saúde, educação, previdência, habitação e assistência social.

No percurso da pesquisadora, ficou evidente que o fortalecimento de ações nos espaços comunitários contribuía de forma contundente para superação das adversidades e na construção de alternativas para o enfrentamento das mazelas sociais a que famílias e comunidades estavam expostas. Portanto, esta investigação foi meticulosamente planejada com o intuito de valorizar a trajetória profissional da pesquisadora e os estudos e as reflexões acerca dos espaços de proteção que promovem resiliência em jovens que viveram situações de adversidades significativas, sobretudo na infância e adolescência.

Além disso, é importante destacar que parte deste projeto é a continuidade de uma pesquisa intitulada “Negociando Resiliência: processos protetivos de adolescentes em contextos potenciais de risco”. Este estudo teve como responsável a Prof. Dra. Renata Maria Coimbra (coorientadora desta pesquisa), docente vinculada à Universidade Estadual Paulista – UNESP. A pesquisa foi iniciada em 2009 e contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo nº 2009/00149-9).

A investigação supracitada caracterizou-se por um estudo qualitativo, transversal e exploratório e teve como objetivo compreender os processos interativos e protetivos

que estão associados com o desenvolvimento positivo de adolescentes (na época, com idades entre 13 e 15 anos) e que se encontravam expostos a adversidades sociais significativas (Libório, 2011). A pesquisa, coordenada e desenvolvida no contexto brasileiro por Libório (2011), inspirou-se na proposta desenvolvida originalmente pelo pesquisador Michael Ungar, da Dalhousie University (Halifax, Canadá). Em âmbito internacional, essa pesquisa foi desenvolvida no Canadá, África do Sul, Índia e Brasil. Assim sendo, parte da pesquisa desenvolvida nesta Tese se constitui, de certa maneira, como uma continuidade do estudo realizado há cerca de 10 anos no contexto nacional, o que a caracteriza como uma pesquisa longitudinal retrospectiva sobre os processos de resiliência de jovens que estiveram expostos a adversidades significativas em suas infâncias e adolescências¹.

A pesquisa desenvolvida por Libório (2011) contou com a participação de adolescentes que estavam expostos a quatro tipos de adversidades sociais, a saber: expostos à situação de extrema pobreza; com deficiência que estudavam em escolas regulares; expostos ao trabalho infantil; e que haviam sofrido violência sexual. No total, participaram da pesquisa 16 adolescentes, sendo 4 participantes de cada tipo de adversidade listada acima. Os participantes foram selecionados porque, de acordo com profissionais que os atendiam em programas sociais e especializados, mesmo diante desses fatores de risco, os adolescentes demonstravam fortalecimento subjetivo, projetos de vida para o futuro e indicadores de processos de resiliência. Fundamentada na psicologia histórico-cultural e nos escritos de Barbara Rogoff (2005), Libório (2011) concluiu que os adolescentes, apesar de toda adversidade que sofriam, negociavam em suas comunidades o acesso a fatores de proteção que os auxiliavam na construção de

¹ Agradecemos à Dra. Renata Maria Coimbra e ao Dr. Michael Ungar, que nos encorajaram no desenvolvimento de uma investigação com recorte longitudinal sobre os processos de resiliência de jovens-adultos.

relacionamentos interpessoais de qualidade e mantinham uma participação ativa nas comunidades onde residiam, o que resultava na promoção de identidades fortalecidas e no fortalecimento subjetivo. Esses aspectos foram considerados fundamentais para manter um desenvolvimento psicossocial saudável e na promoção de resiliência nos adolescentes.

Como citado anteriormente, a presente Tese se propõe a fazer um estudo longitudinal retrospectivo, dando continuidade à pesquisa desenvolvida por Libório (2011) com alguns dos participantes, que, em 2023 (período em que a segunda coleta de dados foi realizada), são considerados jovens adultos. Em outras palavras, esta pesquisa visou investigar processos de resiliência de jovens que vivenciaram situações de extrema adversidade na adolescência, mas que, na avaliação dos profissionais que os atendiam, demonstravam processos de resiliência.

Quando o projeto de pesquisa começou a ser delineado, levantaram-se as seguintes hipóteses investigativas: 1) em primeira instância, será possível analisar a manutenção ou alteração dos fatores protetivos que nutrem os processos de resiliência na vida dos participantes no decorrer do tempo e na transição entre ciclos vitais (adolescência para juventude); 2) adicionalmente, entende-se que um estudo deste porte poderá contribuir para a compreensão dos processos de resiliência longitudinalmente, o que pode ser considerado algo inovador, dada a inexistência de recortes metodológicos dessa dimensão no contexto nacional.

O conceito de resiliência, central nesta Tese, vem sendo estudado e discutido na ciência do desenvolvimento humano e enfatiza a importância de se analisar o potencial humano em detrimento da ênfase dos efeitos danosos no sistema psicológico decorrentes de vivências e exposição a adversidades (Cicchetti & Stroufe, 2000). Nas décadas de 1970 e 1980, muitos estudos se debruçaram na busca pela compreensão de como crianças,

adolescentes e adultos eram capazes de sobreviver às adversidades de seus contextos, como por exemplo, em situações de extrema violência, pobreza, doenças crônicas, guerras, entre tantos outros fatores estressores com potencial nocivo ao sistema psicológico.

Os estudos na década de 1970 se iniciaram nos Estados Unidos e, segundo alguns autores (Masten & Garmezy, 1985; Rutter, 1985; Werner & Smith, 1992), originaram-se de mudanças sócio-históricas que emergiam nessa década e ameaçavam o desenvolvimento saudável. Viviam-se, nesse período, os eventos e os estressores decorrentes do pós-segunda guerra mundial, com efeitos devastadores à população mundial, como a perda de entes queridos, traumas e insegurança alimentar. Esse contexto caótico e perturbador à humanidade foi, de acordo com Masten (2001), o embrião dos estudos de resiliência. Paralelamente aos infortúnios produzidos pelo mundo pós-guerra, outras questões desafiadoras começaram a despontar para as políticas sociais e pesquisadores da área (aumento do número de divórcios, violência familiar, gravidez precoce, aumento no número de pessoas em situação de dependência química, entre outras) (Masten & Coatsworth, 1998). É no bojo dessas questões que os estudos sobre processos de resiliência ganharam força e começaram a se popularizar, principalmente em países europeus e norte-americanos.

De acordo com Yunes (2003), durante algum tempo, alguns estudiosos dessas temáticas utilizavam expressões como invulneráveis ou invencíveis para se referir a pessoas que pareciam lidar com qualquer tipo de adversidade (Brandão, 2011). Rutter (1983), psiquiatra inglês considerado pioneiro nesse campo, alegou que o uso do termo invulnerabilidade ou invencibilidade comunica características de resistência absoluta ao estresse e focaliza, demasiadamente, características intrínsecas do indivíduo. Dessa forma, tais vocábulos remetem à equivocada concepção de que alguns indivíduos são

capazes de superar, sempre e sob qualquer circunstância, qualquer adversidade e saírem fortalecidos ou ilesos. Porém, advoga-se nesta Tese que a resiliência implica um processo intrapsíquico complexo e multifacetado, que pode inclusive ser promovido em ecologias que a favoreçam. Assim, este estudo busca se unir a outras investigações que buscaram romper com paradigmas que a apontam como um traço de personalidade ou um atributo essencialmente inerente ao indivíduo (Rutter, 1991).

Fontana (2008) destacou em sua pesquisa que os estudos sobre resiliência podem ser organizados em três vertentes: (i) a norte-americana ou anglo-saxônica, que focaliza as características individuais que facilitam os processos de resiliência e, portanto, mais ligada à corrente behaviorista; (ii) a europeia, cujo enfoque centraliza-se em correntes psicanalíticas e que se desenvolveu sobretudo a partir de um modelo da prática clínica; (iii) e, por fim, a perspectiva latino-americana, que tem enfoque na dimensão social e comunitária e que se concentra em processos coletivos e nas estratégias que podem favorecer os processos de resiliência, em especial de grupos que passaram por processos históricos de marginalização e exclusão social. A Tese em questão se apoia nessa terceira vertente, pois entende-se a resiliência como um processo intrapsíquico que se manifesta a partir de relacionamentos interpessoais saudáveis e por intermédio do acesso a recursos que viabilizam a promoção dos direitos humanos.

Assim como a pesquisa de Fontana (2008), Yunes (2001), visando sistematizar a produção do conhecimento sobre resiliência, também fez o exercício de agrupar as pesquisas em termos de seus referenciais epistêmicos. A autora concluiu que existem diferentes discursos dominantes sobre a resiliência enquanto uma capacidade psicológica. O primeiro, intitulado discurso dos especialistas ou dominante, refere-se a uma abordagem que associa a resiliência à capacidade humana, como um marcador hereditário, biológico e inato. O segundo grupo de discursos alude aos estudos centrados

nas experiências de vida, cujas análises se pautam em estudos qualitativos e teorias sistêmicas ou ecológicas. Já o terceiro tipo de discurso remete a uma dimensão crítica que evidencia a complexidade dos processos de resiliência, em termos conceituais e metodológicos, e que faz uma crítica contundente a propostas que adotam a resiliência como adjetivo ou cujas análises se pautam na medição ou aferição de níveis de resiliência.

As pesquisas mencionadas, nos anos 70 e 80 do século passado, e a diversidade de aportes teóricos para explicar os processos de resiliência repercutiram na pluralidade da forma como as ciências, e mais particularmente a psicológica, passaram a definir esse construto. Mas, de maneira geral, nota-se que as publicações no contexto internacional e nacional sobre a resiliência tem se balizado na tríade Risco-Proteção-Resiliência. Pessoa (2011) afirmou que a análise sobre a resiliência psicológica não pode ser desassociada do binômio risco e proteção.

O conceito de fatores de proteção foi desenvolvido e amplamente divulgado por Rutter (1985). Esse pesquisador conceitua os fatores de proteção como tudo aquilo que pode alterar as respostas dadas por um indivíduo a situações que ameaçam o desenvolvimento saudável ou a saúde mental. Pessoa e Coimbra (2020), de forma complementar, classificaram os fatores de proteção como variáveis que corroboram o desenvolvimento saudável de um indivíduo, grupo ou comunidade e, ainda, têm o potencial de mitigar ou anular os efeitos deletérios da exposição aos fatores de risco. Já os fatores de risco são definidos como as condições ambientais, sociais ou históricas que, quando presentes na(s) trajetória(s) de vida(s) aumentam o potencial de desfecho negativo ao desenvolvimento humano (Pessoa & Coimbra, 2020), o que inclui as dimensões psíquicas, sociais e/ou relacionais.

Com base nos argumentos expostos, no presente estudo, entende-se que a resiliência não é imutável ou um atributo fixo, que vai sempre se expressar,

independentemente das condições adversas ou dos fatores de risco e proteção. Pelo contrário, defende-se que ela muda substancialmente no decorrer do tempo; não se trata de uma qualidade que nasce no/com o indivíduo e tampouco é um simples conjunto de vivências otimistas apesar da adversidade. O conceito de resiliência adotado nesta Tese indica que se trata de um processo complexo associado à capacidade intrapsíquica de demonstrar indicadores de saúde mental diante de eventos estressores. Resiliência se manifesta, portanto, apenas diante de eventos estressores que desestabilizam ou desorganizam o indivíduo por um período variável. Por não se tratar de uma capacidade inata, os processos de resiliência emergem a partir do papel ou função exercida pelos fatores de proteção, que são as pessoas e recursos de que os indivíduos dispõem e dão suporte para o enfrentamento dos desafios e adversidades que surgem em suas vidas.

Em termos epistemológicos, o conceito de resiliência adotada nesta investigação se baseia, fundamentalmente, nas pesquisas do pesquisador canadense Michael Ungar (Ungar 2005; 2008; 2013; Ungar et al., 2007), que propôs uma teoria ecológica sobre resiliência. Para Ungar (2008):

[...] resiliência é tanto a capacidade dos indivíduos de navegar em busca de recursos de manutenção da saúde, incluindo oportunidades de experimentar sentimentos de bem-estar, quanto uma condição da família do indivíduo, comunidade e cultura para fornecer esses recursos e experiências de saúde de maneiras culturalmente significativas [...] A resiliência é, portanto, tanto um processo de navegação da criança [ou outras pessoas] quanto a capacidade dos indivíduos de negociar recursos de saúde em seus próprios termos (p. 225, tradução nossa).

As pesquisas de Ungar que mais inspiraram a presente investigação foram aquelas que se debruçaram em análises interculturais sobre os processos de resiliência, pois

destacaram a imprescindibilidade de se levar em consideração a diversidade cultural e as experiências individuais que se associam à manifestação de resiliência. Ungar (2008) salientou que as pesquisas que identificam resultados positivos (resiliência) diante das adversidades (fatores de risco) são forjadas em protótipos ocidentais do que representa, para grupos hegemônicos, adaptação positiva e funcionamento psicológico saudável. Falta, de acordo com o autor, sensibilidade nos processos investigativos para a identificação de variáveis específicas, presentes em determinados contextos e realidades, que são promotoras de resiliência.

Em outras palavras, pode-se afirmar que os efeitos dos fatores de risco e proteção no desenvolvimento humano possuem ampla variabilidade de acordo com o contexto e a cultura. Já em relação aos processos de resiliência, existem manifestações que são homogêneas, quer dizer, ocorrem quase universalmente, independente da cultura; mas existem, por outro lado, manifestações heterogêneas e plurais, que só podem ser captadas e compreendidas a partir de avaliações meticulosas e sensíveis às dinâmicas sociais e relacionais. Sobre esse tema, Ungar (2008) desenvolveu quatro proposições: (i) os processos de resiliência têm aspectos globais, mas também especificidades culturais; (ii) especificidades culturais e contextuais exercem diferentes influências sobre a manifestação dos processos de resiliência; (iii) determinados padrões de manifestação de resiliência são identificados em grupos que compartilham os mesmos valores e práticas culturais; (iv) a maneira como as tensões culturais e contextuais são resolvidas afetará a maneira como os aspectos da resiliência se agrupam em diferentes grupos.

O conceito de Tensões, mencionada por Ungar na quarta proposição, é central para a presente pesquisa, pois será retomado no estudo empírico apresentado no Capítulo 5. Em suas pesquisas interculturais, Ungar (2008) identificou a existência de 7 Tensões que indicam padrões de manifestações de resiliência, independentemente da cultura. As

Tensões podem ser entendidas como problemáticas ou desafios presentes na trajetória de vida e no contexto de adolescentes e jovens. As pessoas que demonstram processos de resiliência ou que são avaliadas por outras pessoas de suas comunidades como exemplo de alguém que os demonstrou, “são aqueles que conseguem navegar com sucesso por essas tensões, cada um à sua maneira e de acordo com as forças e recursos disponíveis para o jovem pessoalmente, em sua família, comunidade e cultura” (Ungar, 2008, p. 231, tradução nossa). De acordo com o autor:

Resolver as sete tensões é governado por quatro princípios. Em primeiro lugar, as crianças só podem selecionar entre os recursos de saúde de que dispõem (princípio da navegação). Em segundo lugar, eles escolherão os recursos de saúde daqueles que estão disponíveis e com maior probabilidade de influenciar positivamente os resultados relacionados à saúde mental e física, conforme determinado por sua cultura e contexto (o princípio da negociação). Em terceiro lugar, a maneira como eles relacionam um aspecto da resiliência a outro refletirá a convergência em como as crianças se comportam entre as culturas (o princípio da homogeneidade). E quarto, as relações entre os aspectos da resiliência expressarão a diversidade dentro e entre as populações (o princípio da heterogeneidade) (Ungar, 2008, p. 231-232, tradução nossa).

As 7 Tensões, descritas originalmente por Ungar (2005; 2008) e adaptadas para esta pesquisa são as seguintes: 1- *Acesso a recursos materiais*: ter disponível recursos financeiros, educacionais, de saúde, trabalho, moradia, alimentos, vestuário, entre outros; 2 - *Relacionamentos*: manter e contar com relacionamentos interpessoais significativos, como amigos, familiares e outros adultos da comunidade; 3 - *Identidade*: autoavaliação das fraquezas pessoais e reconhecimento das potencialidades, mas também incluem as aspirações, crenças, valores, propósito pessoal e coletivo; 4 - *Coessão*: o equilíbrio entre

interesses pessoais e a responsabilidade por um bem maior, fazer e sentir-se parte de algo que extrapola os interesses individuais; 5 - *Poder e controle*: ser capaz de cuidar de si próprio e dos outros, bem como a capacidade de efetivar mudanças em seu entorno social e físico; 6 - *Justiça social*: encontrar um papel significativo na comunidade e identificar formas de injustiça que atingem a própria pessoa ou outros membros de sua comunidade; 7 - *Adesão cultural*: aderir a práticas, valores e crenças culturais locais e globais (Ungar, 2005; 2008).

Dada a magnitude e a complexidade da resolução das Tensões, levantou-se como hipótese que algumas delas podem ser avaliadas somente por intermédio de estudos longitudinais. Todavia, também no campo hipotético e que motivou a condução de estudos de Revisão Sistemática da Literatura (Capítulo 1 e 2), são escassas as investigações com esse delineamento acerca dos processos de resiliência.

Em relação às pesquisas longitudinais e aos processos de resiliência, é relevante citar a obra de Werner e Smith (1989), intitulada “*Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and Youth*”. Esta obra é considerada um marco nos estudos sobre resiliência, pois trata-se de um estudo com crianças do Kauai no Havaí, desenvolvida longitudinalmente por um período de 40 anos. As pesquisadoras acompanharam os efeitos acumulativos de fatores estressores presentes nos contextos de desenvolvimento e as acompanharam até a idade adulta. O objetivo inicial dessa investigação não era analisar os processos de resiliência, mas as pesquisadoras detectaram, surpreendentemente, que boa parte dos participantes não desenvolveu problemas psicossociais no decorrer do tempo, contrariando as hipóteses levantadas no início do estudo. Estudos longitudinais sobre as manifestações de resiliência devem ser apoiados, pois podem revelar características pessoais e relacionais, bem como identificar

dimensões contextuais e culturais cujos estudos com delineamento transversal são inábeis de revelar.

Com base no referencial teórico descrito, bem como nos argumentos que justificam a realização de um estudo dessa magnitude, estruturou-se a presente Tese de Doutorado, delimitando-se os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

- Analisar, por intermédio de uma investigação longitudinal, os processos de resiliência em jovens que foram expostos a situações de risco e vulnerabilidade significativas durante a infância e adolescência.

Objetivos Específicos

- Caracterizar e mapear a produção do conhecimento no contexto nacional e internacional acerca das pesquisas longitudinais sobre processos de resiliência com adolescentes e jovens;
- Analisar, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura, as pesquisas longitudinais sobre resiliência desenvolvidas com populações expostas à situação de vulnerabilidade social;
- Avaliar a manutenção de fatores de risco que se perpetuam entre ciclos de desenvolvimento;
- Verificar quais Tensões foram solucionadas e que podem estar associadas com a manifestação de processos de resiliência em jovens adultos que foram expostos a adversidades na infância e adolescência.

Para responder aos objetivos, a Tese se estruturou em seis Capítulos. Os Capítulos 1 e 2 referem-se a Revisões Sistemáticas de Literatura, com objetivos e delineamentos

específicos. Ao conduzir esses estudos, almejava-se construir uma fotografia da produção das pesquisas longitudinais acerca dos processos de resiliência vivenciados por adolescentes e jovens, particularmente aqueles expostos a indicadores de vulnerabilidade social.

Já o terceiro capítulo refere-se à apresentação da metodologia utilizada no estudo empírico que foi realizado. Foram descritos o processo de retomada do contato e as negociações com os participantes, os instrumentos e os procedimentos empregados no trabalho de campo e o processo de análise de dados que foi utilizado no banco qualitativo que foi gerado. Almeja-se, com esse capítulo, que o estudo (ou parte) dele seja passível de replicação em outros contextos e com outras populações

O Capítulo 4 traz a descrição e a análise dos fatores de risco que foram identificados na trajetória de vida dos participantes em dois momentos distintos: na adolescência e na vida adulta. Nesse sentido, são debatidos, com base no material empírico coletado, os fatores de riscos que se perpetuam entre ciclos de desenvolvimento e que expõem os participantes, reiteradamente, a condições de vulnerabilidade.

Subsequentemente, retoma-se, no Capítulo 5, a abordagem das 7 Tensões e discute-se quais delas parecem ter sido solucionadas pelos participantes. A discussão consiste em demonstrar como a resolutividade das Tensões explicam, ainda que parcialmente, as razões pelas quais os participantes, mesmo enfrentando inúmeras adversidades no decorrer da vida, conseguem navegar e negociar em suas ecologias os recursos necessários para a manutenção de indicadores de saúde mental. Sugere-se, ainda, que uma nova Tensão seja investigada e inserida nesse modelo teórico.

Finalmente, no Capítulo 6, são descritas as Considerações Finais. Nessa seção, são analisadas as limitações do estudo, bem como indicadas investigações futuras que podem ser conduzidas com base nos achados do presente estudo. Objetivamente,

apresenta-se qual a Tese defendida e como este trabalho trouxe uma contribuição inédita para o campo de estudo em que se insere.

Desejamos a todas(os) uma excelente leitura!

Capítulo 1

Caracterização da Produção Científica de Pesquisas Longitudinais Relacionadas a Processos de Resiliência de Adolescentes e Jovens

Estudos Longitudinais: Definições e Noções Introdutórias

Pesquisas longitudinais são investigações que têm o objetivo de analisar variáveis e condições ambientais por um período prolongado (Bordalo, 2006). No caso das pesquisas no campo das ciências psicológicas, seu foco principal é justamente verificar as possíveis alterações e manutenções de variáveis e construtos psicológicos durante um período preestabelecido (Mota, 2010). As estratégias para a coleta de dados dependem do objeto de investigação, de forma que podem ser usadas uma ou mais técnicas de levantamento de dados (Hochman et al., 2005).

Os primeiros estudos longitudinais registrados na literatura científica foram desenvolvidos por Guineau de Montbéliard (1720-1780 como citado em Silva et al., 2013), e versavam sobre o crescimento físico humano. Montbéliard foi um naturalista e ornitólogo francês que avaliou exclusivamente o crescimento do filho por um período de 17 anos (1779). Porém, somente no século seguinte, Boas (2004) propôs formalmente um método que considerava aspectos das curvas da distância e da velocidade do desenvolvimento humano normativo e, dessa forma, lançou o desafio da análise da variabilidade dos aspectos físicos inerentes ao desenvolvimento humano.

Segundo Silva et al. (2013), dois importantes estudos longitudinais foram marcos na pesquisa sobre o desenvolvimento humano. O primeiro foi desenvolvido na América do Norte, no período de 1930 e 1970, e o segundo na Europa, entre 1950 e 1980. Ambos os estudos se debruçaram na compreensão do desenvolvimento motor de crianças e jovens e tiveram um alcance clínico, educativo e social. Tais pesquisas foram mais sistematizadas e destacaram nomes fundamentais nas pesquisas longitudinais com grandes dimensões amostrais, como por exemplo, Bayley (1956), Boyd (1980), Espenschade (1940), Garn (1955), Tanner (1962), entre outros. Campana et al. (2001)

destacam que a investigação científica na área médica sobre o desenvolvimento humano concentra a maior parte das investigações. Todavia, esse tipo de estudo se estendeu a outras áreas do conhecimento, tornando-se cada vez mais sofisticados na medida que o método interpretativo foi sendo aperfeiçoado, bem como procedimentos estatísticos e novos procedimentos foram incorporados.

A pesquisa transversal, por sua vez, é o delineamento de estudo que se caracteriza por um recorte temporal mais restrito, que não visa o acompanhamento do objeto de pesquisa por períodos subsequentes (Bordalo, 2006). Dessa forma, possibilita a observação direta dos fenômenos e objetos em um curto espaço de tempo, sem a necessidade de um acompanhamento extenso dos participantes (Zangirolami-Raimundo et al., 2018), o que implica a obtenção de resultados de pesquisa mais rapidamente. Para Bordalo (2006), pode-se considerar que, na pesquisa transversal, “fator e efeito” são observados no mesmo momento histórico. Esses fatores fazem com que os custos para a realização das pesquisas transversais sejam inferiores em comparação às que possuem recortes longitudinais (Zangirolami-Raimundo et al., 2018).

Entretanto, as pesquisas com delineamento longitudinal são importantes para compreender os processos de desenvolvimento humano durante diferentes etapas da vida. Essas investigações são utilizadas, sobretudo, quando o principal interesse é descrever e avaliar as modificações ou manutenção de um fenômeno (psicológico, físico, moral, social etc.) ao longo de um período mais prolongado (Santana et al., 2018). Diferentemente das pesquisas transversais, o estudo longitudinal possibilita a verificação de mudanças e/ou continuidades dos aspectos cognitivos, comportamentais e emocionais ao longo de um período nos sujeitos participantes (Athias, 2011). Estudos desse porte são escassos no Brasil, principalmente devido ao seu alto custo, pois, no caso de pesquisas na área da psicologia do desenvolvimento, requerem que os participantes sejam

acompanhados durante muito tempo (Gaya & Bruel, 2019). Assim sendo, a pesquisa longitudinal exige rigor metodológico, criatividade e flexibilidade para adaptar os métodos que serão utilizados à especificidade da população a ser pesquisada durante a transição de ciclos desenvolvimentais (Santana et al., 2018).

Existem também diferentes tipos de estudos longitudinais. De acordo com Campana et al. (2001), os estudos longitudinais prospectivos são caracterizados por se iniciarem no presente e seguirem os procedimentos de coleta e análise de dados no futuro, em períodos preestabelecidos. Já nos estudos retrospectivos, as análises são realizadas, a partir de registros passados seguindo até o momento presente. Ruspini (2000) e Hakim (1997) classificam as pesquisas retrospectivas como “quase longitudinais”, pois a coleta de dados nesses estudos pode se realizar em um curto espaço de tempo e, ainda assim, obter dados relevantes para condução de análises pertinentes às variáveis de interesse dos pesquisadores.

Persistem, na comunidade científica, discursos não consensuais entre os pesquisadores sobre o tempo em que um estudo deve ter para ser classificado como de natureza longitudinal. No entanto, Hakim (1997) e Ruspini (2000) afirmam que a caracterização de um estudo longitudinal não deve levar em consideração apenas a dimensão cronológica e a extensão da coleta de dados. Por exemplo, é possível identificar estudos que foram realizados durante décadas, como é o caso da pesquisa de Wong et al. (2018), que acompanhou, durante 23 anos, filhos de alcoolistas para avaliar o risco de desenvolvimento de transtornos. Ou ainda, a pesquisa de Crump et al. (2016), que coletou dados por 43 anos para avaliar processos de resiliência, níveis de *stress* e hipertensão de militares do exército sueco. Entretanto, também há registros na literatura de pesquisas com um tempo consideravelmente menor de coleta de dados, cujos pesquisadores definiram os estudos como longitudinais. Giraldi (2016), Ruspini (2000) e, Silva et al.

(2013), considerados referências na condução de pesquisas longitudinais, ressaltaram alguns fatores fundamentais para a classificação de um estudo desse porte, entre eles: as questões norteadoras da pesquisa, os instrumentos empregados na coleta de dados, o tipo de relação estabelecida entre pesquisador e participante, as técnicas analíticas utilizadas, entre outros.

Resiliência e Pesquisa Longitudinal: Lacunas e Incompletudes

Na revisão histórica sobre o conceito de resiliência apresentado por Libório (2011), foi identificado que a incorporação deste construto na área da psicologia se deu no início dos anos 70 do século passado. Nesse período, os pesquisadores começaram a buscar indicativos para compreender como ocorriam os processos de adaptação ou superação de situações de estresse que afetavam as estruturas psicológicas das pessoas nos diferentes ciclos de desenvolvimento humano. Paulatinamente, essa concepção de resiliência foi sendo substituída por uma perspectiva que a compreende como um conjunto de processos intrapsíquicos que são produzidos a partir de múltiplas interações que ocorrem entre os fatores de risco e proteção que afetam a vida das pessoas (Yunes & Szymanski, 2001).

No contexto nacional, diversos pesquisadores têm defendido o caráter processual e dinâmico do fenômeno da resiliência (Trombeta & Guzzo, 2002; Yunes & Szymanski, 2001). Esses teóricos afirmaram que os avanços da psicologia levaram à compreensão de que a resiliência não deve ser vista como uma característica inata da pessoa (Pessoa et al., 2018). Essa perspectiva se alia a um discurso mais crítico, pois afirma que “as estratégias psicológicas de enfrentamento de riscos e situações de estresses (portanto, os mecanismos que envolvem à resiliência) estão associadas a possibilidades de acessar recursos que assegurem saúde mental e que permitam o enfrentamento de eventos adversos” (Pessoa et al., 2018, p.1).

Portanto, compreende-se que os processos de resiliência são nutridos por diferentes recursos protetivos, subjetivos ou materiais, tais como relacionamentos interpessoais permeados por afetos e instituições que promovam o acesso a políticas de garantias de direitos (Pessoa et al., 2018). Diante disso, os estudos sobre resiliência não devem centrar-se apenas nos aspectos individuais, mas ampliar as reflexões para os fatores contextuais e relacionais que promovam o desenvolvimento de recursos que auxiliam no enfrentamento e superação das adversidades.

Essa prerrogativa é essencial, por exemplo, em estudo com adolescentes e jovens que vivem em contextos de vulnerabilidade social (Pessoa & Coimbra, 2020). Com base nos pressupostos teóricos apresentados e a partir de uma busca na literatura, foi identificada uma lacuna no que concerne aos estudos sobre a temática da resiliência com delineamento longitudinais. Embora na literatura internacional já exista material empírico consistente sobre a validade de pesquisas que avaliam a interação de fatores de risco e proteção e sua relação com a resiliência, poucas são as investigações longitudinais sobre o fenômeno, principalmente no Brasil (Brandão & Nascimento, 2019). Inclusive, tem sido indicada a necessidade de estudos dessa natureza, tendo em vista seu potencial de indicar a variabilidade do fenômeno, assim como a manutenção das suas características ao longo do tempo (Rooke, 2015).

Entre as investigações longitudinais encontradas no âmbito internacional, destaca-se o estudo de Theron e van Rensburg (2018), que teve como objetivo analisar os processos de resiliência de 140 adolescentes sul-africanos que vivenciavam dificuldades estruturais significativas, relacionadas à limitação de recursos, nível elevado de violência e oportunidades limitadas, mas, ainda assim, permaneciam na escola. Como ocorre nas pesquisas sobre resiliência, as pesquisadoras se debruçaram na compreensão da capacidade dos adolescentes de lidar com as adversidades listadas. A investigação durou

24 meses e identificou, em suma, que os adolescentes com maiores índices de resiliência indicaram longevidade de nove recursos protetivos, ou seja, esses recursos estiveram presentes, em maior intensidade, durante os 24 meses em que ocorreu a pesquisa. Os mais significativos foram o acesso à educação e a crença de que esta pode oferecer um futuro melhor, o apoio religioso e de pares, o que, segundo as autoras, são suportes sistêmicos presentes na ecologia social dos participantes.

Na mesma direção, um grupo de pesquisadores da Universidade da Georgia (USA) investigou o processo no qual risco e proteção interagem para resiliência na juventude. Para tanto, realizaram um estudo que buscou identificar trajetórias de aquisição de habilidades sociais entre adolescentes em situação de risco para entender processos subjacentes à resiliência (Oshri et al., 2017). A partir de uma pesquisa nacional com 5.501 famílias que viviam situação de maus-tratos, abuso e negligência, foi desenvolvido um estudo longitudinal realizado nos anos de 1999 e 2000. O estudo foi replicado com um recorte de 1.179 crianças e adolescentes no ano de 2006. Os dados demonstraram que os participantes, que tinham recursos protetores de múltiplos níveis ecológicos no decorrer do tempo (individual, familiar, escolar e serviços assistenciais), desenvolveram mais acuradamente recursos para o desenvolvimento de habilidades sociais. De acordo com os autores, os resultados indicam a importância da promoção de habilidades sociais para a manifestação de resiliência na juventude.

Com tudo o que foi postulado, este estudo teve como objetivo caracterizar e mapear a produção científica nacional e internacional de estudos longitudinais relativos aos processos de resiliência de adolescentes e jovens adultos.

Método

O presente estudo se trata de uma Revisão Integrativa de Literatura (RSL) e, para nortear e sistematizar a execução da pesquisa, seguiram-se as diretrizes do protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) (Liberati et al., 2009). As bases de dados consultadas foram a PubMed, IndexPsi, LILACS e SciELO, e incluíram publicações nacionais e internacionais a respeito das pesquisas longitudinais relacionadas à temática da resiliência com adolescentes.

A busca foi realizada em dezembro de 2020, com os seguintes descritores, operadores booleanos e processos de truncagem: “Resilience” AND “Longitudinal” AND “Adolescents” OR “Young people” para a língua inglesa; “Resiliência” AND “longitudinal” AND “Adolescente\$” OR “Joven\$ Adultos” para o português; “Resiliência” AND “Longitudinal” AND “Adolescentes” OR “Jovene\$” para as buscas em espanhol. O uso do cifrão foi escolhido por incluir, nas plataformas de bases de dados, as palavras-chave tanto no plural como no singular.

O período de 20 anos (2000 a 2020) foi definido para a busca das publicações. Em relação aos critérios de inclusão, foram definidos os seguintes: ser um estudo com delineamento longitudinal, a partir da caracterização dos próprios pesquisadores; abordar, explicitamente, processos de resiliência com adolescentes e jovens adultos; terem sido publicados entre 2000 e 2020; publicações em revistas com metodologias de avaliação por pares. Foram excluídos: artigos duplicados; artigos teóricos; revisão de literatura; autorrelatos; estudos de caso; protocolos de pesquisa; artigos de validação de instrumentos; meta-análises; artigos que não exploravam os processos de resiliência propriamente ditos.

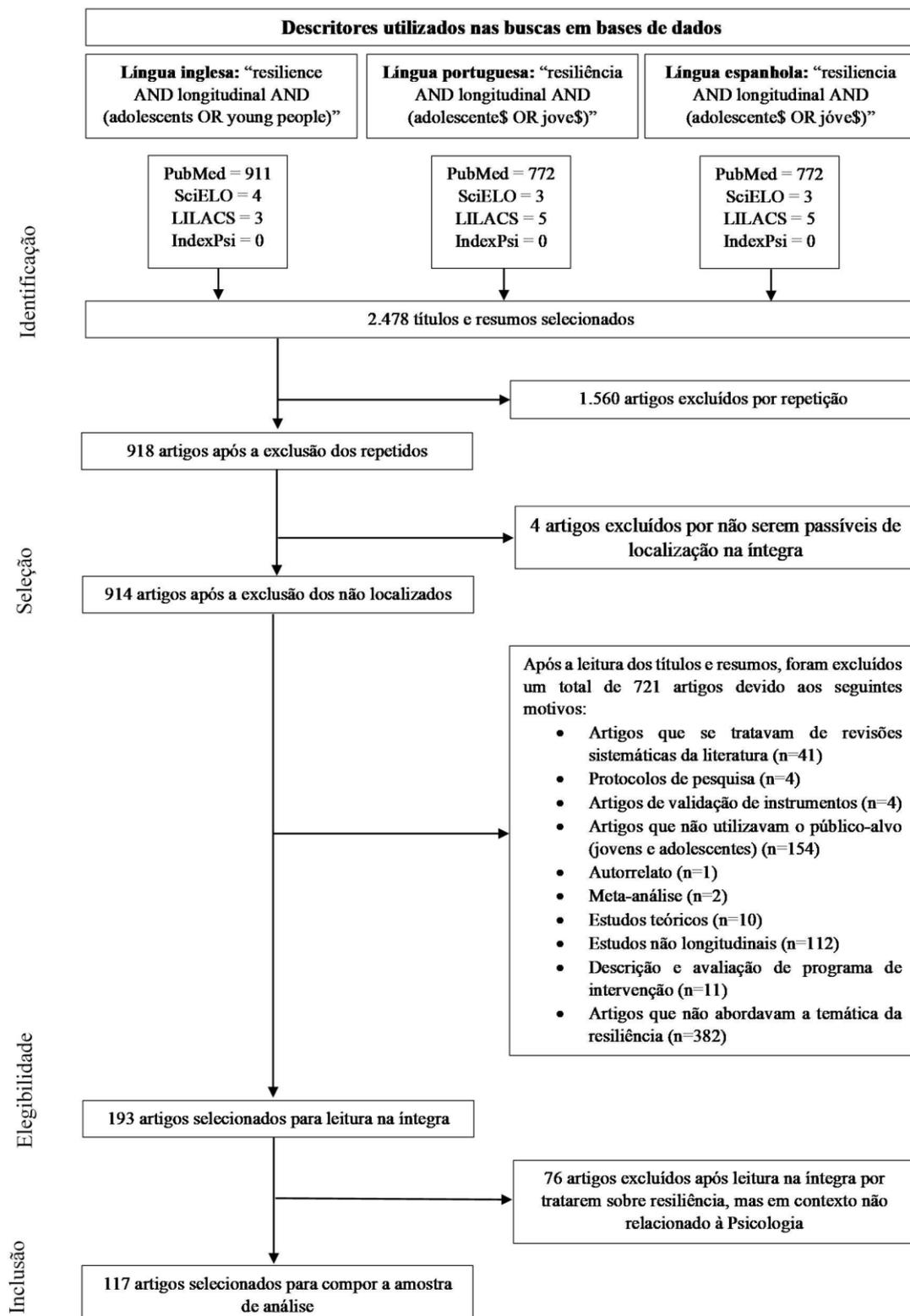
Após essa primeira seleção, foram avaliados os títulos, resumos e palavras-chave, considerando os critérios de inclusão e exclusão. Para assegurar confiabilidade, os

resumos foram avaliados de forma independente por duas pesquisadoras e os casos que apontaram discrepância foram submetidos à avaliação de um terceiro juiz. O processo de tabulação e análise dos artigos na íntegra também foi executado de forma independente por duas pesquisadoras e, quando necessário, um terceiro avaliador foi acionado.

Resultados e Discussão

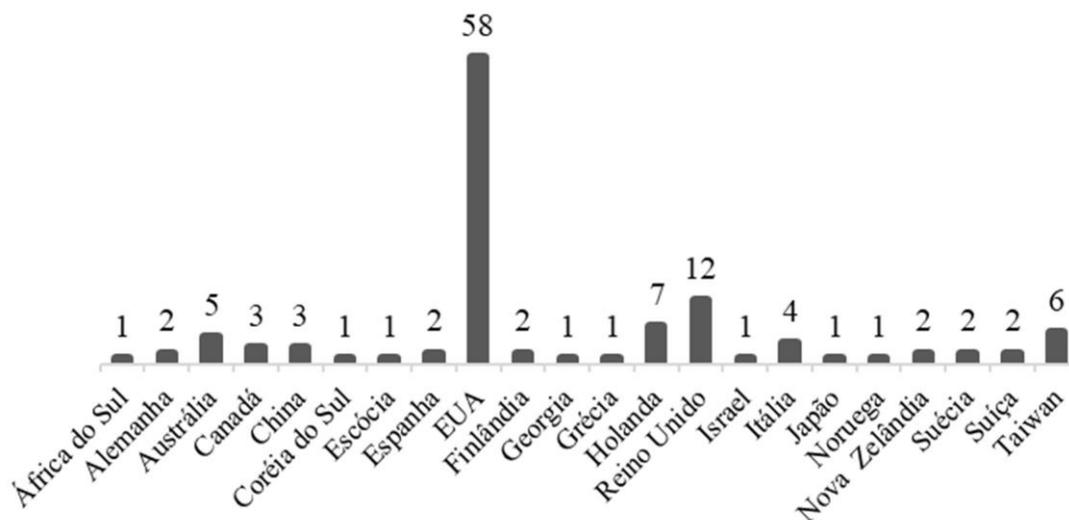
Foram encontrados, por meio da busca inicial, 2.478 artigos, dentre os quais 117 foram selecionados, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Todo o processo de constituição do corpus de análise está representado na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma dos estudos que compuseram o corpus de análise



Após a análise de todos os artigos na íntegra, as pesquisas foram classificadas em termos de 1) país de origem; 2) ano de publicação; 3) período de duração dos estudos, segundo as indicações dos autores; 4) instrumentos e estratégias utilizados para a coleta de dados. A Figura 2 representa a quantidade de estudos publicados de acordo com o país de origem dos pesquisadores. Fica evidente a predominância de pesquisa com desenho longitudinal que abordam o construto resiliência com adolescentes e jovens adultos nos Estados Unidos (n=58), seguidos do Reino Unido (n=12), Holanda (n=7) e Taiwan (n=6). É importante destacar que não foram registrados estudos desenvolvidos na América Latina.

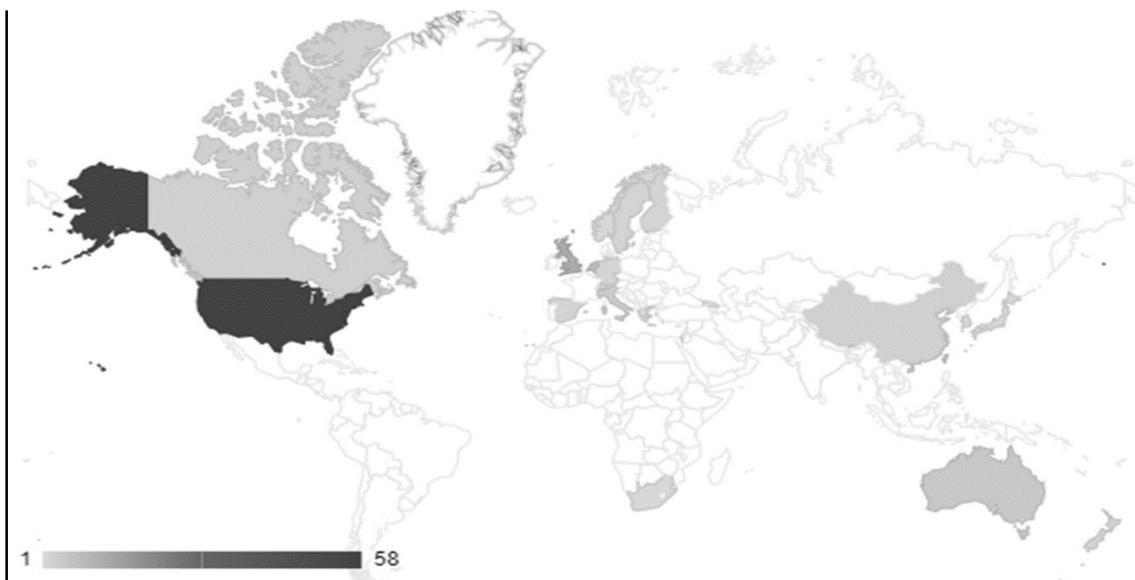
Figura 2. *Publicações por país de origem*



Assim, a maior parte dos estudos desse porte retrata a realidade de adolescentes e jovens de países da América do Norte e Europa, ou seja, de um contexto sociocultural e econômico muito diferente da realidade latino-americana. Cabe salientar, todavia, que embora não tenham sido encontrados tais registros, não significa necessariamente que eles não existam. Esses estudos podem estar indexados em bases de dados não revisadas

neste estudo ou mesmo terem usado outros descritores que não foram empregados na presente busca. A Figura 3 ilustra a distribuição dos estudos por continentes.

Figura 3. *Publicações por continente*



Dadas as dificuldades para a condução de pesquisas com recorte longitudinal, levanta-se como hipótese que os baixos investimentos na produção do conhecimento científico dificultam a realização de pesquisas com essa abordagem. De acordo com Escobar (2021), os investimentos em pesquisa no Brasil são insuficientes, sendo o Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação uma das pastas que recebe mais cortes orçamentários quando políticas de contenção de gastos são impostas pelo governo federal. Investimentos maciços das agências de fomento, bem como o estabelecimento de políticas mais eficazes para fortalecimento da ciência, são fundamentais para que haja maior diversidade nos processos investigativos que recorrem a procedimentos mais sofisticados e prolongados, como as pesquisas com delineamento longitudinal.

Já em relação ao período de publicação, dentre os 117 artigos selecionados, 21 foram publicados na primeira década analisada e os demais (n=96) se concentraram na

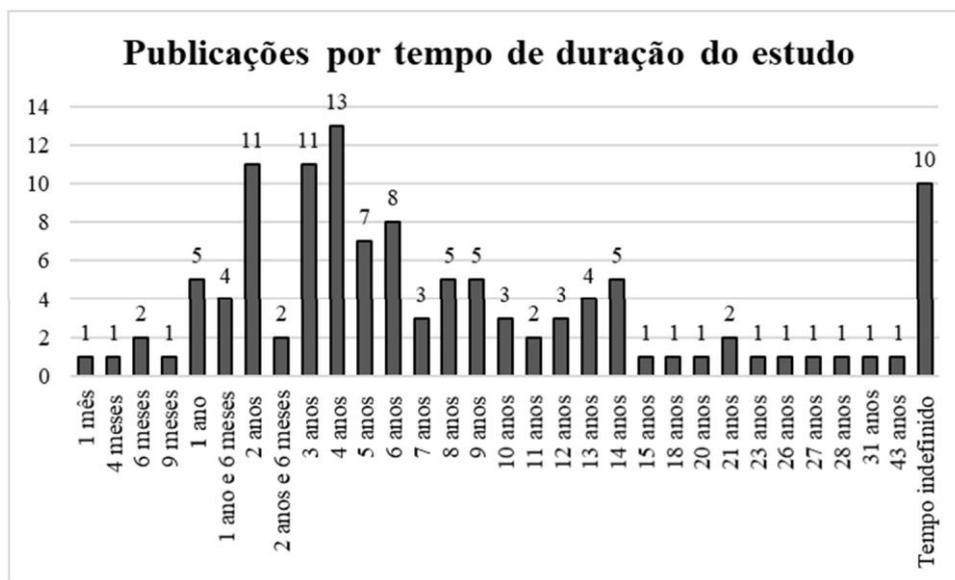
segunda década, com destaque para um aumento do número de publicações entre os anos de 2016 e 2019. A produção de artigos, como evidenciado na Figura 4, obteve seu pico no ano de 2017.

Figura 4. *Publicações por ano de publicação*



Notou-se, portanto, um aumento no número de pesquisas longitudinais relacionadas aos processos de resiliência em adolescentes e jovens, sobretudo na segunda metade da década. Como demonstrado, esses estudos não foram realizados no contexto latino-americano, portanto, constatou-se que este território permanece sub-representado na literatura especializada. A ausência de estudos longitudinais sobre resiliência no contexto latino-americano pode ter consequências diretas na vida de adolescentes e jovens, pois impactam, de alguma forma, na implantação de políticas públicas que promovam bem-estar e desenvolvimento na transição de ciclos vitais (Athias, 2011).

Também foi analisado o tempo de duração dos estudos com delineamento longitudinal que tematizaram os processos de resiliência de adolescentes e jovens adultos (ver Figura 5). É possível observar grande diversidade nessa classificação, uma vez que os estudos variaram de 1 a 43 anos de duração.

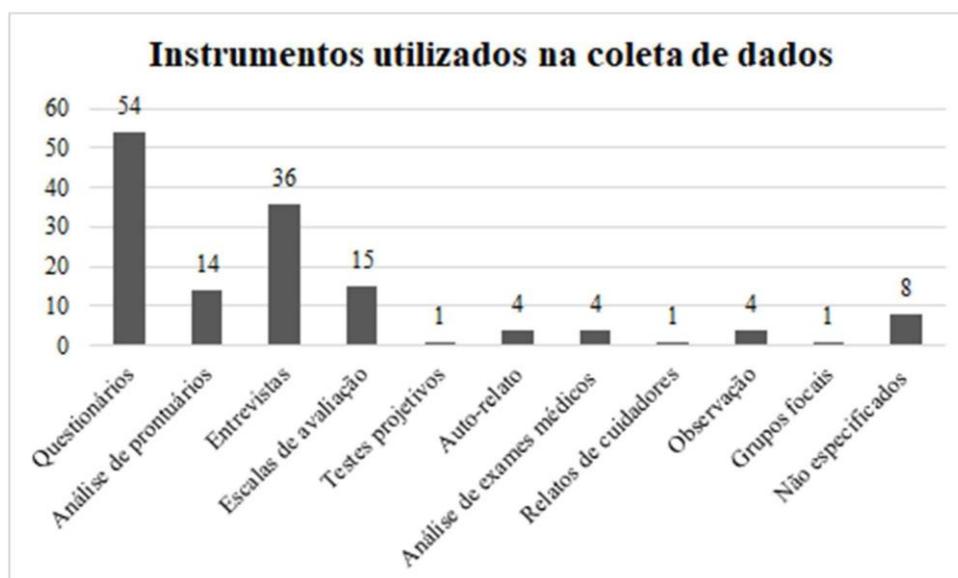
Figura 5. *Publicações por tempo de duração do estudo*

É importante salientar que essa diversidade pode estar associada aos impasses na operacionalização conceitual e procedimental do que caracteriza um estudo longitudinal. Por exemplo, algumas das pesquisas foram classificadas como estudo longitudinal do tipo retrospectiva. Nesses casos, como pontuaram Hakim (1997), Ruspini (2000) e Zago (2000), o corpus foi produzido a partir da sistematização de dados, eventos e variáveis atinentes a eventos passados, o que pode explicar o tempo relativamente curto para uma pesquisa de caráter longitudinal.

Na outra extremidade, como ficou evidenciado na Figura 5, foram identificados estudos com recorte temporal mais prolongado, chegando até mesmo a ultrapassar 40 anos de coleta e análise de dados. Um exemplo é a pesquisa de Yoon et al. (2018), que investigou, durante 21 anos, as correlações entre vulnerabilidade, resiliência, uso precoce de substâncias e maus-tratos dos pais. Os pesquisadores acompanharam uma amostra de 685 adolescentes e encontraram correlações entre o abuso físico na primeira infância (do nascimento aos 5 anos) e uso de substâncias na adolescência. O estudo revelou, ainda, que a qualidade do envolvimento dos pais no cuidado mostrou-se um fator de proteção potente.

A Figura 5 também demonstrou que a publicação de estudos longitudinais com durações mais longevas acontece em menor frequência e isso pode ser explicado, ainda que parcialmente, por algumas dificuldades relatadas para sua realização. Por exemplo, sabe-se que as agências de fomento tendem a investir em pesquisas cujos resultados podem ser apresentados a curto prazo. Assim, como apontam Collins (2006) e Menard (2002), as políticas de financiamento de pesquisas incrementam desafios à realização dos estudos longitudinais. Como a coleta de dados ocorre geralmente durante um período mais prolongado, as produções e comunicações científicas dos resultados parciais e finais acompanham essa lógica. Dessa forma, as agências de fomento podem não direcionar recursos para estudos dessa natureza (Collins, 2006; Menard, 2002).

A Figura 6 evidenciou que o uso de questionários é a técnica mais empregada nas pesquisas longitudinais, seguido de entrevistas, uso de escalas e análise documental. É importante ressaltar que a decisão de qual instrumento de coleta será utilizado na pesquisa envolve a avaliação dos custos, a confiabilidade das técnicas, o controle de variáveis, entre outras questões. Portanto, a definição e a implementação de uma pesquisa longitudinal são um processo complexo e dependem do porte e da abrangência do projeto (Barbosa, 2008). De acordo com Barbosa (2008), a utilização recorrente de questionários como instrumento de coleta de dados em pesquisa ocorre pelo baixo custo, pelo poder de alcançar um número mais expressivo de participantes, por maior facilidade em manter o anonimato dos participantes em potencial e pelo alto grau de confiabilidade em razão das provas estatísticas que podem produzir dados generalizáveis.

Figura 6. *Instrumentos utilizados na coleta de dados*

Lakatos (2003) salientou que a utilização das entrevistas se destaca por ser um método flexível, principalmente para pesquisas qualitativas. Porém, exige um tempo maior para ser aplicada e analisada, em comparação aos questionários. A aplicação das entrevistas exige também um entrevistador habilidoso e a construção de boas questões. Quanto ao uso de escalas, Feitosa et al. (2014) defenderam que seu uso possibilita uma avaliação mensurável de determinados fenômenos, objetivando a homogeneização dos dados. Ainda entre os instrumentos e as técnicas mais utilizados nas pesquisas longitudinais apareceu a análise documental. Entre as vantagens desse procedimento investigativo, destacam-se o baixo custo, o tempo reduzido de obtenção de dados (dependendo das perguntas norteadoras da pesquisa) e a estabilidade das informações (Barbosa, 2008).

É possível observar que, no levantamento realizado, 18 artigos utilizaram 2 ou 3 desses métodos de coleta de dados, combinados entre si. Argumenta-se que os estudos sobre resiliência conduzidos a partir de recortes longitudinais e que busquem a combinação de diferentes técnicas de coleta e análise de dados podem trazer resultados mais abrangentes e acuradas desse fenômeno psicológico tão complexo.

Capítulo 2

Resiliência, Fatores de Proteção e Vulnerabilidade Social: Uma Revisão Integrativa da Literatura a partir de Pesquisas Longitudinais

Introdução²

A produção do conhecimento sobre processos de resiliência com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social cresceu consideravelmente no Brasil e nos países da América Latina (Libório, 2011; Pessoa et al., 2018a; Theron et al., 2015). Todavia, os recortes investigativos centram-se, majoritariamente, em estudos correlacionais ou com delineamento transversal (Walsh et al., 2010, Yunes, 2006). Pesquisas com recorte longitudinal são escassas, o que significa que ainda é incipiente a compreensão sobre a manutenção e a alteração dos processos de resiliência que se manifestam na transição entre ciclos desenvolvimentais.

O conceito de resiliência, apesar de ter tido grandes avanços nas últimas décadas, ainda é permeado por concepções distintas no contexto acadêmico. Neste estudo, considera-se resiliência como um fenômeno psicológico dinâmico, que se manifesta a partir de vivências pessoais e por meio de relações multiníveis (Santos et al., 2021). Criticam-se, portanto, pressupostos que a associam a traços intrínsecos de alguns indivíduos ou como decorrentes de determinadas estruturas biológicas ou genéticas. Os processos de resiliência envolvem a possibilidade do indivíduo de, ao se deparar com adversidades significativas, ‘negociar’ em seu contexto os recursos protetivos que auxiliam na superação dos infortúnios (Pessoa et al., 2017; 2018a).

Libório (2011) afirmou que o conceito de resiliência passou a ser incorporado na psicologia na década de 70 do século passado. Destacou, ainda, que os pesquisadores, sobretudo provenientes do contexto norte-americano e europeu, começaram a buscar indicativos para compreender como ocorriam os processos de adaptação ou superação de

² Parte deste capítulo foi publicada em: Cacoza, N. F. H., Sena, B. C. S., & Pessoa, A. S. G. (2023). Resiliência e fatores de proteção: Uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens. *Revista Cocar*, 16, 1-20. <https://177.70.35.171/index.php/cocar/article/view/6918/2894>

situações de estresse que afetavam as estruturas psicológicas das pessoas nos diferentes ciclos de desenvolvimento humano. Nessa época, a resiliência era compreendida como um traço ou característica de personalidade, como se as estratégias de enfrentamento aos eventos adversos estivessem ligadas, essencialmente, com atributos ou marcadores biológicos presentes no indivíduo.

Aos poucos, essa noção rígida, estática e fatalista foi sendo substituída por modelos analíticos que apontam a resiliência como um processo intrapsíquico dinâmico, que se manifesta a partir da interação dos indivíduos com indicadores de proteção, entendidos como variáveis que mitigam ou minimizam a extensão e o impacto dos fatores de risco (Pessoa et al., 2018a). Com base nesse entendimento, Pessoa et al. (2018b) afirmaram que as pesquisas sobre resiliência devem, necessariamente, compreender a relação dialética e interdependente entre processos de resiliência, fatores de risco e proteção.

Os fatores de risco são variáveis individuais ou contextuais que têm o potencial de causar danos psicológicos, relacionais e materiais à vida das pessoas que atingem. Trata-se de situações ou condições que, quando presentes na vida das pessoas, trazem repercussões desfavoráveis ao desenvolvimento. Apesar de a literatura enfatizar os fatores de risco presentes no micro contexto, Pessoa e Coimbra (2020) ressaltaram que, em muitos casos, os fatores de risco são expressões das desigualdades sociais, decorrentes do modelo econômico vigente. Dessa forma, alerta-se que os fatores de risco devem ser compreendidos de forma abrangente, pois manifestam-se nas relações proximais e cotidianas, mas também nas estruturas sociais mais amplas. Além disso, os fatores de risco não devem ser vistos de maneira estática. As repercussões e os impactos dos fatores de risco possuem ampla variabilidade. Em outras palavras, a intensidade, duração e frequência da exposição ao fator de risco vão trazer repercussões muito distintas na vida

das pessoas. Isso significa que os mesmos fatores de risco são percebidos e vivenciados de formas distintas de pessoa para pessoa (Poletto & Koller, 2008).

Já os fatores de proteção são as variáveis pessoais e contextuais que podem auxiliar na promoção do bem-estar e saúde mental das pessoas ou mesmo reduzir a influência dos fatores de risco (Zappe & Dell’Aglia, 2016). A literatura tem apontado diversas situações que podem ocupar esse papel protetivo, entre eles: relacionamentos interpessoais saudáveis no contexto familiar e comunitário; envolvimento na vida escolar dos filhos; acesso a políticas públicas; expectativas positivas em relação ao futuro; habilidade de comunicação; entre outros (Habigzang et al., 2006; Poletto & Koller, 2008; Schenker & Minayo, 2005). Todavia, assim como apontado em relação aos fatores de risco, os fatores de proteção não são universais, o que significa que algo considerado protetivo em uma cultura ou comunidade pode ser compreendido como prejudicial por outras pessoas e grupos.

Em síntese, os fatores de risco e proteção devem ser analisados de forma processual e não estática (Yunes & Szymanski, 2001), o que exige o rompimento de discursos universalistas. Isso significa que não existem fatores universais de risco e proteção, como foi amplamente defendido nos estudos publicados nas décadas de 80 e 90. Escola e família, por exemplo, têm o potencial de se constituírem como fatores protetivos, entretanto, sabe-se que nesses contextos podem ocorrer diversas formas de violação de direitos (Pessoa et al., 2017; Pessoa & Koller, 2020), tornando-se fatores de risco ao desenvolvimento das pessoas.

Dada a complexidade da condução de estudos sobre resiliência, é fundamental que haja investimentos em pesquisas que recorram a diferentes estratégias metodológicas. Contudo, como já sinalizado, ainda prevalecem as pesquisas realizadas em países desenvolvidos e do hemisfério norte. A pesquisa longitudinal, de acordo com Mota

(2010), é relevante quando se busca investigar as múltiplas variáveis que afetam o desenvolvimento humano no decorrer do tempo (Mota, 2010).

A Internacional Society for the Study of Behavioral Development (ISSBD) apresentou, em 2005, as contribuições e as limitações da pesquisa longitudinal para produção e avanço do conhecimento na área da psicologia do desenvolvimento. A comissão destacou, entre outras coisas, que nesse tipo de delineamento o mesmo sujeito é visto em diferentes momentos de sua trajetória ontogenética, o que possibilita acompanhar as diferenças individuais com maior precisão. Sabe-se, porém, que essa modalidade de pesquisa possui limitações, entre elas: o ‘n’ da pesquisa costuma ser menor em razão dos altos investimentos que são necessários para esse tipo de delineamento investigativo; há dificuldades para retenção dos participantes ao longo do processo das coletas de dados; dificuldades de retestagem, que ocorre por desmotivação dos participantes no decorrer da pesquisa ou mesmo pela mortalidade dos participantes (no caso de pesquisas de longa duração). Para complementar, a ISSBD (2010) apontou que os índices de desistência dos participantes nas pesquisas com populações de baixa escolaridade são maiores, explicando talvez a escassez de pesquisas longitudinais sobre resiliência com populações em situação de vulnerabilidade social.

Raffaelli et al. (2018) afirmaram que os estudos transversais limitam as conclusões de pesquisas conduzidas com populações de adolescentes e jovens que vivenciam situações de adversidades social crônica, como aqueles em situação de rua. As autoras acrescentaram que “o desenho longitudinal [...] permite inferências mais fortes sobre associações entre adversidade na infância e ajuste subsequente” (Raffaelli et al., 2018, p. 97, tradução nossa). Além disso, os estudos longitudinais possibilitam verificação das mudanças de variáveis intrapsíquicas e psicossociais ao longo do tempo

(Santana et al., 2018), o que robustece o seu valor para as pesquisas sobre resiliência com populações que estão expostas a fatores de riscos sociais e/ou psicológicos.

Na mesma direção, Theron e van Rensburg (2018) afirmaram que estudos transversais fornecem compreensões incompletas sobre processos de resiliência de adolescentes. As autoras, de origem sul-africana, apontaram o paradoxo entre compreender a resiliência enquanto um processo dinâmico, que se altera substancialmente no decorrer da vida, e os desenhos metodológicos que persistem em recortes temporais específicos. Sugerem, desse modo, que a comunidade científica invista em modelos teóricos que expliquem a resiliência de adolescentes a partir do reconhecimento da influência de dinâmicas temporais, contextuais e influências culturais.

Os fatores de proteção que promovem resiliência na vida de adolescentes podem passar por alterações ao longo do tempo, dependendo de um conjunto de variáveis associadas. Com base em pesquisa longitudinais com adolescentes em situação de vulnerabilidade (dependência química dos cuidadores e exposição à violência urbana), Collishaw et al. (2016) e Eisman et al. (2015) identificaram que os fatores de proteção associados à resiliência não ocupavam a mesma função em outros momentos da vida dessa população. Isso significa que os fatores de risco, proteção e os processos de resiliência são modificados no decorrer do tempo e que somente pesquisas de seguimento ou longitudinais são capazes de captar tais alterações e nuances.

Diante disso, os estudos de resiliência não devem centrar-se apenas nos aspectos individuais avaliados em pesquisas transversais, mas ampliar as reflexões e análises para os fatores temporais, contextuais e relacionais que promovam o desenvolvimento de recursos de enfrentamento e superação das adversidades ao longo do tempo, incluindo em transições que ocorrem entre ciclos desenvolvimentais. Essa prerrogativa é essencial em estudo com adolescentes e jovens que vivem em contextos de vulnerabilidade social,

pois fatores de risco e proteção podem se manifestar e serem modificados longitudinalmente (Pessoa & Coimbra, 2020). De forma semelhante, entende-se que as políticas públicas e os programas de intervenção para promoção de resiliência podem se beneficiar de resultados de pesquisas longitudinais, pois poderão incorporar os achados dessas pesquisas em suas propostas e investir em problemáticas que parecem mais duradouras na vida de adolescentes e jovens.

A partir dessas considerações, no presente capítulo, objetivou-se caracterizar, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura, as pesquisas longitudinais sobre resiliência desenvolvidas com populações expostas à situação de vulnerabilidade social. Complementarmente, buscou-se averiguar os fatores de proteção que foram mais significativos para o acionamento dos processos de resiliência nessa população, de acordo com os estudos localizados.

Método

Esta pesquisa se constituiu como uma Revisão Integrativa da Literatura, que se inspirou nos procedimentos do protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). As buscas foram realizadas a partir do Periódicos Capes, mais particularmente em quatro bases de dados: PubMed, IndexPsi, SciELO e LILACS. A busca incluiu publicações nacionais (em língua portuguesa) e artigos internacionais, nos idiomas inglês e espanhol. Utilizaram-se os seguintes descritores: “*Resilience*” AND “*Longitudinal*” AND “*Adolescents*” OR “*Young people*” para a língua inglesa; “*Resiliência*” AND “*longitudinal*” AND “*Adolescente\$*” OR “*Joven\$ Adultos*” para o português; “*Resiliencia*” AND “*Longitudinal*” AND “*Adolescentes*” OR “*Jovene\$*” em espanhol. O uso do cifrão foi utilizado para incluir as palavras tanto no singular como no plural.

O recorte temporal adotado foram as publicações entre 2000 e 2020, totalizando a produção de duas décadas. A busca foi realizada por duas pesquisadoras, de forma independente, no mês de dezembro de 2020. Os critérios de inclusão foram: a) ser um estudo com delineamento longitudinal, a partir da caracterização dos próprios pesquisadores/autores; b) abordar, explicitamente, processos de resiliência com adolescentes e jovens adultos; c) terem sido publicados entre 2000 e 2020; d) publicações em revistas com metodologias de avaliação por pares. Os critérios de exclusão foram: e) artigos duplicados; f) artigos teóricos; g) revisão de literatura; h) autorrelatos; i) protocolos de pesquisa; j) artigos de validação de instrumentos; k) meta-análise; l) artigos que não exploravam os processos de resiliência de adolescentes e jovens.

A busca inicial nas bases de dados resultou na identificação de 2.478 publicações, sendo que, após restrição de formato, idioma e ano de publicação, artigos repetidos, restaram 117 artigos. A partir das etapas de seleção, foram realizadas, também por duas pesquisadoras de forma independente, a leitura dos títulos, resumos e textos na íntegra. Para assegurar os níveis de concordância, foi aplicado o Teste de Relevância (Pereira & Bachion, 2006), que se refere a uma lista de perguntas objetivas que produzem respostas afirmativas ou negativas a fim de refinar a escolha dos artigos. No Teste de Relevância foram definidos novos critérios de inclusão, tais como: data de realização da pesquisa, tipo de estudo, idioma, definição específica dos participantes da pesquisa, período em que foi produzido, dentre outros. Dessa forma, após a aplicação do Teste de Relevância, restaram 17 artigos que compuseram o corpus de análise do presente estudo. A Figura 7 ilustra o fluxograma da seleção das publicações.

Figura 7. Fluxograma da RIL

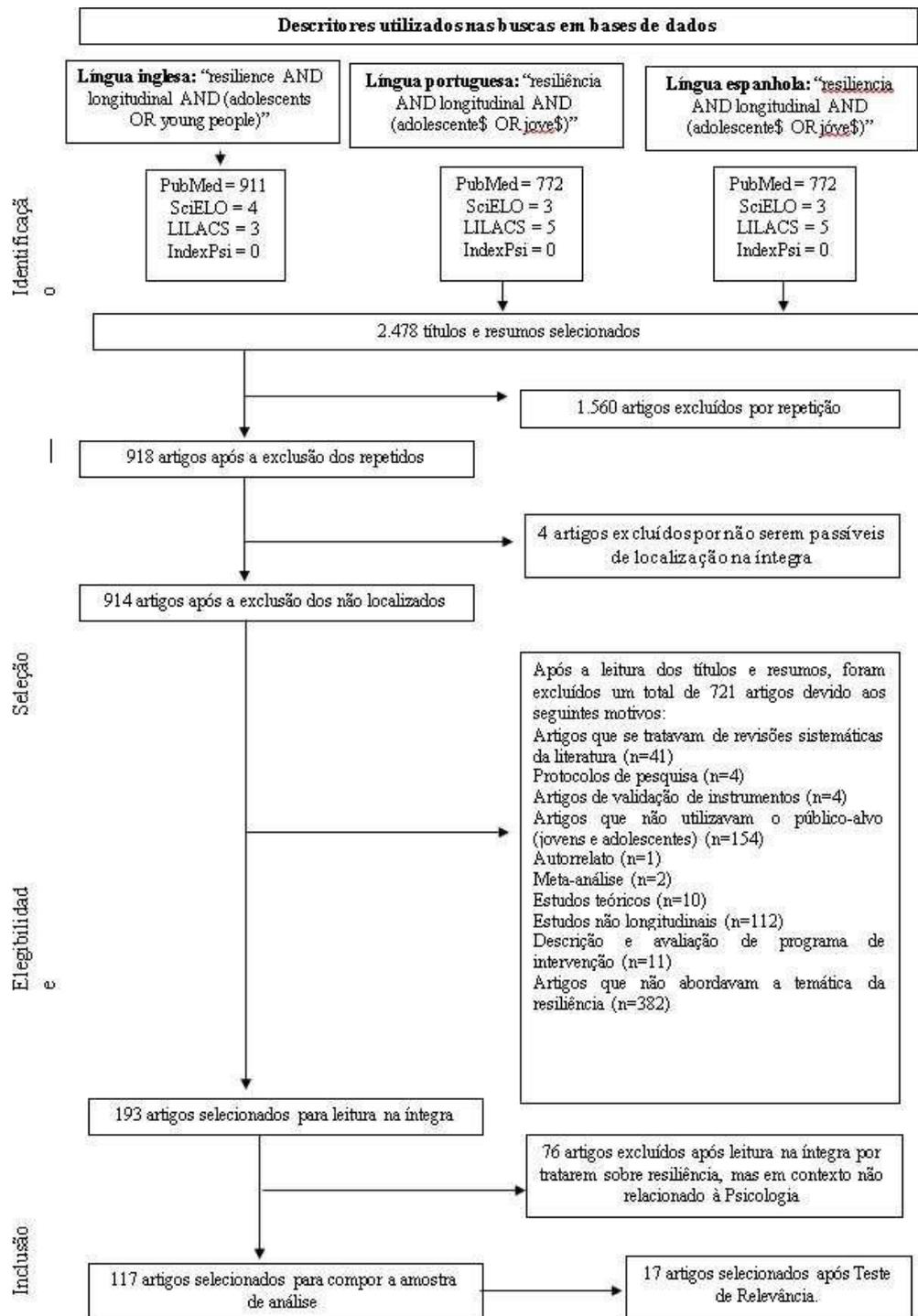


Figura 7 Fluxograma da RSL

Resultados e Discussão

Os resultados do estudo derivaram-se da análise qualitativa dos 17 artigos selecionados, sendo todos alusivos às pesquisas longitudinais acerca dos processos de resiliência vivenciados por adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Buscou-se, inicialmente, caracterizar a produção, bem como analisar as definições de resiliência trazidas pelos autores. Como complementação, foram analisados os fatores de proteção destacados pelos autores como mais relevantes para os processos de resiliência dessas populações

Assim, os resultados foram organizados a partir de cinco categorias: 1) Caracterização das pesquisas longitudinais acerca dos processos de resiliência de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social; 2) Relacionamentos interpessoais; 3) Engajamento em atividades e suporte institucional; 4) Aspectos subjetivos associados à resiliência; 5) Projetos de vida e ponto de virada.

Caracterização das pesquisas longitudinais sobre os processos de resiliência de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social

Como esperado, não foram localizadas muitas publicações com recorte longitudinal, sobretudo quando se reconhece que foi feito um levantamento em duas décadas e em três idiomas (inglês, português e espanhol). Cabe salientar que somente 3 artigos foram publicados na primeira década e as demais produções ocorreram na segunda década do período analisado, sendo que 13 publicações (das 17) ocorreram no ano de 2015 em diante, o que pode indicar um aumento da produção e maior investimento da comunidade científica em investigações com delineamento desse porte.

Entre as publicações localizadas, a pesquisa revelou que boa parte era alusiva a estratégias investigativas cujos autores realizaram um trabalho de campo que consistia na

aplicação de escalas, questionários ou instrumentos padronizados em períodos pré-determinados. Foram encontradas pesquisas cujos proponentes avaliaram construtos psicológicos em dois períodos distintos (Almquist et al., 2018; Banyard & Willians 2007; Kwok & Cheung, 2019; Leon et al., 2008; Theron & Rensburg, 2018), três períodos (Neppi et al., 2015; Oshiri et al., 2017; Ronka & Pulkkinen, 2002; Sanders et al., 2017; Yoon et al., 2017), quatro períodos (Chao et al., 2018; Eisman et al., 2015; Oshiri et al., 2018), cinco períodos (Khambati et al., 2018), oito períodos (Cui et al., 2020), nove períodos (Smith et al., 2013) e, por fim, o estudo de Moses e Villodas (2017), que consistiu na aplicação de instrumentos padronizados durante 12 anos.

Constatou-se que boa parte desses estudos se referia a investigações cujo foco central era a mensuração de variáveis psicológicas em diferentes dimensões temporais. Nesse sentido, parece contraditório apresentar o conceito de resiliência como um processo, mas desconsiderar os fatores de risco e proteção que atuam ou operam entre os períodos de coleta de dados. Como alternativa, os pesquisadores da área poderiam incrementar esses estudos com instrumentos e técnicas mais diversificados e capazes de detectar as experiências subjetivas dos eventos (fatores de risco e proteção) que ocorreram entre os períodos avaliados. Ademais, um acompanhamento sistemático e contínuo das trajetórias de vida das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social poderia complementar os dados obtidos nas avaliações, bem como representar, de forma mais acurada, os processos envolvidos na manifestação de resiliência.

Embora esses estudos longitudinais sejam relevantes, questiona-se se tal abordagem é capaz de avaliar os processos de resiliência enquanto um processo. Apesar de se obter resultados em diferentes dimensões temporais, estudos desse porte apontam apenas para o desfecho desenvolvimental diante da exposição ao risco. Tais estratégias não revelam, por exemplo, quais foram os fatores de proteção preponderantes para a

promoção de resiliência, tampouco como ocorreu a manutenção de seus efeitos para a mitigação das adversidades enfrentadas por adolescentes e jovens. Nesse sentido, em concordância com Theron e van Rensburg (2018), estudos longitudinais que utilizam instrumentos e técnicas qualitativas podem ser mais hábeis e apropriados para averiguação de processos de fortalecimento subjetivo mediados por fatores protetivos ao longo do tempo.

Foi identificado, também, que os estudos, especialmente os de natureza quantitativa, não empregaram instrumentos específicos à resiliência e seus conceitos adjacentes. Comumente, foram avaliados outros construtos ou variáveis psicológicas, sendo os resultados e as discussões articuladas, de forma conceitual, com as teorias sobre resiliência (Eisman et al., 2015; Oshri et al., 2017). Reppold et al. (2012) enfatizaram que, diante da complexidade do construto, a avaliação da resiliência deve ser relativizada com fatores de risco e proteção. Todavia, os instrumentos empregados nas pesquisas longitudinais centram-se em variáveis psicológicas que se associam ao processo de resiliência, mas não versam especificamente sobre o construto. É importante enfatizar que já existem alguns instrumentos para avaliação de resiliência, como a *Adolescents Resilience Scale* (Oshio et al., 2003), *Resilience Scale* (Wagnild & Young, 1993), *Child Psychosocial Distress Screener - CPDS* (Jordans et al., 2009) e *Connor Davidson Resilience Scale - CDRisc* (Connor & Davidson, 2003), porém, essas não foram utilizadas nos estudos localizados nesta RSL.

Uma outra tendência identificada nas publicações, ainda em relação aos aspectos metodológicos, é que alguns estudos longitudinais derivaram da análise de banco de dados, documentos oficiais e sistemas do governo. Trata-se de levantamentos, realizados periodicamente, que armazenavam uma ampla gama de dados relacionadas às famílias, o

que possibilitava a análise de alterações desenvolvimentais em diferentes momentos (Khambati et al., 2018; Rönkä & Pulkkinen, 2002).

Do ponto de vista conceitual, a pesquisa revelou que as publicações na área utilizam conceitos e terminologias de forma indiscriminada. Por exemplo, para se referir aos fatores de risco a que crianças e adolescentes estão expostos, foram empregadas expressões como adversidade na infância e maus-tratos, (Oshri et al. 2018), adolescente em risco (Rönkä et al., 2002) e crianças e adolescentes vitimizados (Chau et al., 2018), sem fazer uma discussão aprofundada sobre tais conceitos. Além disso, alguns estudos parecem adotar um tom moralista e conservador para se referir aos fatores de risco. Para exemplificar, o estudo de Chau et al., (2018) apontou o divórcio como fator de risco. Sabe-se, contudo, que o divórcio pode ser inclusive protetivo para adolescentes e jovens, especialmente em famílias que vivenciam situações conflituosas em seu cotidiano (Bonoto, 2013).

Entre os estudos localizados, é praticamente consensual que a resiliência é um processo e um fenômeno psicológico que não pode ser considerado do ponto de vista inatista, biológico, como traço de personalidade ou como uma característica hereditária. Em todos os estudos, são feitas referências à importância de se considerar a interface entre risco e proteção, que estão associados, respectivamente, à intensificação da vulnerabilidade ou à manifestação dos processos de resiliência. Mas as definições de resiliência se apoiam nos mesmos referenciais teórico-metodológicos. Na maior parte dos textos, foram citados os mesmos autores para definição e conceituação da resiliência, entre eles, Ann Masten, Fromma Walsh, Marc Zimmerman, Michael Rutter, Michael Ungar e Revathy Arunkumar. Apesar da ampla discussão no campo da de(s)colonização da produção do conhecimento, ainda é persistente o fato de que os estudos na área das

ciências psicológicas sejam conduzidos apenas com referências Euro e Américo-centradas (Dussel, 2005).

Mesmo as pesquisas realizadas no contexto do hemisfério sul sobre resiliência se apoiam em fundamentos teóricos de pesquisadores do hemisfério norte. Descolonizar a produção do conhecimento é contestar e procurar superar as diversas formas de opressão perpetuadas sobre grupos subalternos; é negar, transgredir e superar a geopolítica do conhecimento que subalterniza saberes, povos e culturas (Mota Neto, 2015). É, de certa forma, espantoso e surpreendente constatar que, em duas décadas de produção do conhecimento, ainda sejam citados os mesmos autores para a compreensão dos processos de resiliência.

Fatores de Proteção Associados à Resiliência

As próximas 4 (quatro) categorias referem-se aos fatores de proteção que apareceram de forma mais recorrente nas publicações localizadas.

Relacionamentos interpessoais

A maior parte dos artigos destacaram o papel protetivo dos relacionamentos interpessoais e sua relação com os processos de resiliência, em especial a partir de interações com pares, famílias e profissionais (professores, assistentes sociais, psicólogos e outros). Assim, há indicativos robustos de que a qualidade de relacionamentos interpessoais está diretamente associada à promoção de resiliência na trajetória de adolescentes que vivem situações de vulnerabilidades múltiplas.

Em relação aos pares, os autores destacaram o papel protetivo ligado à qualidade das relações, nível de cumplicidade, confiança e intimidade com colegas (Chao et al., 2018; Moses & Villodas, 2017). As trocas e o apoio dos pares levam à ampliação de vivências em espaços diferenciados e envolvimento em atividades diversificadas. Na

mesma direção, a confiança e a intimidade satisfatória abrem espaço para o compartilhamento de sentimentos e experiências pessoais, o que aumenta a proximidade e conduz a mútuas demonstrações de afeto, fomentando a percepção de que são compreendidos e aceitos pelos colegas (Amquist et al., 2018; Theron & Rensburg 2018).

A relação entre pares se mostrou protetiva inclusive na aderência dos adolescentes em atividades extracurriculares e na escola (Almquist et al., 2018). Os estudos ressaltaram que a qualidade da relação entre pares está diretamente associada à resiliência, pois amplia o potencial para novas conexões contextuais e culturais, bem como contribui para o desenvolvimento da autonomia (Moses & Villodas, 2017).

As famílias, de acordo com as publicações, também têm destaque como possível espaço de proteção e promoção de resiliência, principalmente quando conseguem nutrir a qualidade das relações durante transições entre ciclos de desenvolvimento. Alguns artigos (Neppl et al., 2015) evidenciaram que recursos pessoais dos pais estão associados aos processos de resiliência dos adolescentes em direção à vida adulta, mesmo em situações de adversidades econômicas vividas. Assim, a manutenção da parentalidade positiva no decorrer do tempo é um recurso protetivo e está associada à resiliência (Neppl et al., 2015).

Leon et al. (2008) enfatizaram que a qualidade das relações com os cuidadores é mais relevante do que a quantidade de tempo que passam juntos. A pesquisa de Yoon et al. (2018), por exemplo, indicou que a qualidade da relação da família é fator protetivo e minimiza a probabilidade do uso e experimentação de substâncias psicoativas durante a adolescência. Dessa forma, Eisman et al. (2015) e Yoon et al. (2018) reiteraram a importância de programas de intervenção que auxiliem os pais na consolidação de relações saudáveis e positivas com seus filhos, em especial aqueles que os auxiliem no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento adaptativas, habilidades sociais e

regulação emocional para lidar com situações pós-traumáticas, relacionadas às violações de direitos que sofreram.

A quantidade das intervenções e de programas não é sinônimo de qualidade desses serviços e de promoção de resiliência na vida dos adolescentes. Sanders et al. (2017) afirmaram que a qualidade dos serviços está mais associada à qualidade das relações construídas entre os profissionais e esses jovens, o que significa que um único serviço ou programa pode ser capaz de promover resiliência, desde que os relacionamentos entre os jovens e os profissionais sejam fortalecidos e significativos. Adicionalmente, Ungar (2013) afirmou que o estabelecimento de relacionamentos positivos entre os profissionais e os adolescentes incentiva a participação ativa nas atividades propostas ofertadas pelo serviço (Ungar, 2013). Além disso, alguns autores (Sanders et al. 2017) pontuaram que a postura respeitosa dos profissionais pelos indivíduos, suas famílias e seus contextos também são pontos determinantes para que essa relação seja considerada protetiva pelo próprio adolescente.

Engajamento na Educação Formal

Esta temática demonstrou que experiências educativas positivas na adolescência são fatores protetivos para jovens adultos. Assim, o acesso à educação formal pode diminuir situações de violências e maus-tratos no início da vida adulta (Smith et al., 2012). Ademais, alguns artigos (Khambati et al., 2018; Leon et al., 2008) destacaram que algumas condições relacionadas a vivências na escola (i.e., envolvimento em atividades, participação em jogos e grupos de teatro, satisfação com o ambiente escolar, não sofrer bullying, entre outros) foram facilitadores dos processos de resiliência. O bom desempenho acadêmico e a autoeficácia acadêmica também estão, de acordo com Cui et al. (2020), diretamente associados à promoção de resiliência.

Para Khambati et al. (2018), Leon et al. (2008), e Smith et al. (2012), o engajamento genuíno e ativo dos adolescentes nas atividades propostas nos ambientes escolares está relacionado com os processos de resiliência. As publicações supracitadas reforçaram que as experiências educacionais positivas estão associadas à redução da criminalidade e da violência no início da vida adulta, evidenciando que quanto melhor forem as experiências nos espaços de educação formal, mais saudáveis e positivos são os desfechos desenvolvimentais na vida adulta.

Boa parte dos artigos destacou que a resiliência de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social é mantida ao longo do tempo por recursos individuais e sistêmicos, sendo as escolas e as aspirações nutridas por essas instituições fundamentais para a minimização dos fatores de risco (Almquist et al., 2018; Theron & Rensburg, 2018). Assim, a escola, além da família, aparece como a instituição mais relevante para a redução dos impactos das experiências adversas vivenciadas em longos períodos, principalmente quando organizam atividades extracurriculares, diversificadas e que sejam atrativas para os adolescentes (Khambati et al., 2018).

Importante destacar que os fatores protetivos referentes ao suporte institucional, mais especificamente ofertadas pelas escolas, e o nível de engajamento nas atividades institucionais, estão em consonância com o modelo socioecológico de resiliência adotado como base epistêmica da presente tese. A resiliência, apesar de ser uma expressão individual e subjetiva, é resultante das interações entre o indivíduo e seus sistemas ecológicos, o que inclui os serviços disponibilizados na própria comunidade e a possibilidade de participação ativa nesses serviços (Masten, 2011; Theron et al., 2015; Ungar, 2013).

Aspectos Subjetivos Associados à Resiliência

Os artigos selecionados também abordaram características pessoais de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social que podem resultar em processos de resiliência no início da vida adulta. Apesar disso, Banyard e Willians (2007) e Oshio et al. (2017) ressaltaram que tais atributos individuais não devem ser avaliados ou compreendidos de forma estática, mas como processos que podem sofrer alterações substanciais no decorrer dos anos, sobretudo em função da exposição aos fatores de risco e da disposição ou ausência de fatores protetivos.

Kwok et al. (2019) sugerem que os aspectos individuais associados aos processos de resiliência sejam analisados de forma articulada com a ecologia social das pessoas. Mas, de forma geral, as características individuais citadas nas pesquisas incluíram: satisfação com o papel social, sentimento de pertencimento a grupos, senso positivo de comunidade (Banyard & Willians, 2007); sentimento de gratidão, boa comunicação social, temperamento fácil, autoestima e bem-estar (Khambati et al., 2018; Kwork et al., 2019); habilidades sociais (Oshri et al., 2017). Essas características, de acordo com as pesquisas, tendem a emergir ao longo da infância e adolescência e sua manutenção na vida adulta são essenciais para a promoção da resiliência.

Características individuais e sentimentos positivos estão associados à resiliência de adolescentes e jovens expostos a adversidades ao longo da vida (Khambati et al. 2018; Oshiri et al. 2017). O estudo de Kwok et al. (2019), por exemplo, teve como objetivo averiguar se traços de gratidão mediavam a relação entre abuso emocional na infância e ideação suicida na adolescência. Os resultados mostraram que a ideação suicida dos adolescentes foi positivamente associada ao abuso emocional na infância e negativamente associada à gratidão.

Em contrapartida, algumas publicações (Masten, 2011; Theron et al., 2015; Ungar, 2013) ressaltaram que, apesar de serem importantes fatores protetivos, altos escores de QI e características cognitivas não estão necessariamente ligadas aos processos de resiliência de adolescentes e jovens expostos a situações de vulnerabilidade social significativas. Os autores sugerem que fatores ambientais, como boas relações de pares, atividades em grupo, envolvimento com a escola, entre outros, são mais relevantes do que tais atributos e características individuais.

Projetos de Vida e Ponto de Virada

Alguns artigos enfatizaram o conceito de ponto de virada (*turning point*) como um fator protetivo associado à resiliência. Trata-se de um ponto de inflexão, um momento ou evento significativo que possibilita que o indivíduo enfrente os fatores de risco a que está exposto e amplie suas relações com outros contextos (Banyard & Willians, 2007; Rönkä, et al., 2002).

Rönkä et al. (2002) destacaram que o momento da vida suscetível a mudanças positivas, ou seja, o ponto de virada, pode oportunizar enfrentamento dos fatores de riscos duradouros presentes nas trajetórias de desenvolvimento de adolescentes e jovens, ampliando oportunidades (Harrington et al., 1991). Alguns exemplos de ponto de virada destacados nos artigos foram: relações sociais de apoio oferecidas pelos espaços educacionais; mudanças no padrão de vida; aparecimento de interesses diversos, como hobby; envolvimento em atividades esportivas; engajamento em relacionamentos amorosos (Banyard & Willians, 2007).

Interessante ressaltar que os artigos de Banyard e Willians (2007) e Rönkä et al. (2002), que abordaram o conceito de ponto de virada, estavam entre os poucos estudos que recorreram a abordagens quanti-qualitativas (multi-métodos). Essas pesquisas, além da coleta de dados por meio questionários e escalas, buscaram dar voz aos participantes

acerca das experiências adversas na infância. Os pesquisadores enfatizaram que os pontos de virada devem ser descritos subjetivamente por cada indivíduo, pois os eventos adversos vividos adquirem significados pessoais distintos. Destacaram, ainda, que a pesquisa longitudinal retrospectiva é mais adequada para a análise desse conceito, pois os pontos de virada são identificados depois de algum tempo que foram vividos pelas pessoas (Banyard & Willians, 2007; Rutter, 1987; 2012).

A possibilidade de nutrir projetos de vida complementa essa categoria de análise. Os artigos de Cui et al. (2020) e Oshri et al. (2018) abordaram o papel protetor da orientação para o futuro entre jovens que vivenciaram maus-tratos na infância. A orientação para o futuro ou a manutenção de projetos de vida foram apontadas nos estudos como o estabelecimento de metas, a intenção de alcançar objetivos pré-definidos, a preparação para carreira e para aprender a viver de forma independente (Cui et al., 2020; Germano & Colaço, 2012; Oshri et al., 2018;).

Os artigos evidenciaram que orientação para o futuro está associada à evitação de comportamento delincente e desenvolvimento de competência socioemocional. Cui et al. (2020), por intermédio de um estudo longitudinal prospectivo de 3 ondas (com coletas aos 14 anos, 16 anos, 18 anos), investigaram o papel promotor e moderador da orientação para o futuro, comparando jovens que viveram ou não maus-tratos na infância. Concluíram que apesar dos jovens com histórico de violência apresentarem comportamentos delinquentes mais frequentes e autoestima rebaixada, a orientação para o futuro atenuou os efeitos adversos dos maus-tratos e elevou o nível de competência social entre os participantes do estudo.

Os estudos desta categoria robustecem a importância de programas e intervenções que objetivem nutrir ou valorizar os projetos de vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Além disso, destaca a importância de maiores investimentos da

comunidade acadêmica acerca do entendimento dos pontos de virada, pois os estudos sugerem que se tratam de acontecimentos vitais para o enfrentamento de adversidades manifestadas na infância e adolescência, bem como facilitam os processos de resiliência.

Capítulo 3

Uma Investigação Empírica Longitudinal sobre Processos de Resiliência de Adolescentes e Jovens conduzida no Contexto Brasileiro

Como exposto de modo amplo neste relatório de pesquisa, os estudos longitudinais acerca dos processos de resiliência de adolescentes e jovens que vivenciam adversidades significativas são praticamente inexistentes no contexto brasileiro e latino-americano. Com vistas a cobrir parte dessa lacuna, objetivou-se conduzir um estudo empírico dentro das condições materiais e objetivas que uma cientista brasileira tem. Neste capítulo, buscou-se apresentar, de forma pormenorizada, os aspectos metodológicos que subsidiaram a investigação.

Método

A investigação empírica que faz parte desta Tese refere-se a um estudo de natureza qualitativa, com delineamento longitudinal-retrospectivo, exploratório-descritivo e conduzido a partir de um Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2012). Segundo Yunes (2003), a abordagem qualitativa é adequada para as pesquisas sobre processos de resiliência vivenciados por pessoas e grupos, pois permitem que sejam avaliadas condições contextuais e subjetivas que se associam a processos intrapsíquicos mediadores da resiliência. Além disso, os estudos qualitativos favorecem análises mais abrangentes e assertivas sobre a interrelação entre os fatores de risco e proteção, que, como já debatido nesta Tese, são indissociáveis dos processos de resiliência.

O delineamento longitudinal adotado se deu em razão dos critérios de inclusão e recrutamento dos participantes. Tratou-se de um grupo de participantes que foi acompanhado por uma equipe de pesquisa por um período de, aproximadamente, 12 anos. Estudos longitudinais são relevantes porque permitem que sejam conduzidas análises acerca da manutenção e alteração de processos psicológicos, relacionais ou comportamentais (Theron & van Rensburg, 2018). Nesse sentido, pesquisas realizadas

em abordagem longitudinal podem elucidar como a exposição a fatores de risco psicossociais produzem efeitos adversos à saúde mental, bem como podem evidenciar quais estratégias, psicológicas e sociais, são utilizadas para lidar com as adversidades que aparecem em diferentes momentos da vida de pessoas e/ou comunidades.

O Estudo de Caso é definido por Yin (2012) como uma investigação empírica que busca aprofundar o conhecimento sobre determinado fenômeno de natureza social, organizacional, política, psicológica, entre outras, e, por isso, pode ser conduzido por meio da combinação de métodos quantitativos e/ou qualitativos. O Estudo de Casos Múltiplos é aquele que envolve mais de um caso e permite que os pesquisadores invistam nas análises de variáveis que apresentam semelhanças ou especificidades nos casos estudados (Yin, 2012).

Participantes

Participaram da pesquisa 4 jovens, com idades entre 25 e 29 de idade (MI = 26,75), sendo três mulheres e um homem. Esses jovens, quando adolescentes, participaram do estudo conduzido por Libório (2010). À época, eram adolescentes que frequentavam projetos sociais e estavam expostos a adversidades significativas. Para participar da investigação de Libório (2010), foi solicitado aos profissionais, que atuavam nas instituições onde os jovens eram atendidos, que indicassem adolescentes que (i) estavam expostos a adversidades significativas, (ii) mas que, apesar disso, demonstravam estar “crescendo bem”. Foi explicado aos profissionais que “crescer bem” significava demonstrar bons indicadores de ajustamento psicossocial, não se engajar em atividades ilícitas, demonstrar positividade pessoal e bons relacionamentos com os pares e na comunidade – apesar de todos os desafios impostos pelas condições de vida.

Na pesquisa de Libório (2010), cujo trabalho de campo ocorreu entre os anos de 2010 e 2011, participaram 20 adolescentes na fase inicial, embora tenham permanecido

16 até a última etapa. Naquele momento, os adolescentes tinham entre 13 e 17 anos de idade e residiam em cidades de médio ou grande porte do Brasil. As adversidades que os adolescentes estavam expostos incluíam: histórico de abuso sexual, trabalho infantil, extrema pobreza e adolescentes com deficiência.

Para atingir os objetivos delineados para a presente Tese, foram planejadas estratégias para retomar o contato com adolescentes (cerca de 12 anos após o estudo de Libório, 2010), bem como planejou-se replicar parte do estudo. A intenção era avaliar, principalmente, a manutenção de fatores de risco que se perpetuam entre ciclos de desenvolvimento, assim como os fatores protetivos que se associam aos processos de resiliência.

Por intermédio das redes sociais, foi estabelecido o contato com 7 participantes, dentre os 16. Os demais não participaram por diferentes motivos, apesar de todos os esforços da pesquisadora. Foi realizada uma busca em diversas redes sociais, bem como estabelecidos contatos com as instituições que os jovens haviam frequentado na adolescência. Além disso, recorreu-se à técnica do *snow-ball*, de modo que os próprios jovens pudessem indicar como localizar os demais possíveis participantes. Entre os 7 jovens localizados, 4 aceitaram participar do estudo. Dos que não aceitaram, um informou que não teria tempo para participar, um sequer respondeu as mensagens enviadas pela pesquisadora e outro informou que não tinha interesse.

Entre os 4 participantes, 2 jovens tinham sido vítimas de abuso sexual na adolescência, 1 adolescente era vítima de negligência e, por fim, o outro estava exposto, junto com sua família, à situação de pobreza extrema. O número de participantes que efetivamente aceitaram participar do estudo, somada a sugestões da banca na etapa de qualificação da Tese, motivou a pesquisadora a desenvolver o estudo empírico no formato de um estudo de casos múltiplos. A Tabela 1 sumariza os dados dos participantes:

Tabela 1. Dados sociodemográficos

Nome Fictício	Adversidade Enfrentada	Idade (2010)	Idade (2023)	Profissão atual	Pessoas que residem
Bárbara	Abuso sexual	13	25	Vendedora	Companheira
Dilma	Abuso sexual	14	26	Educadora Social	Companheiro
Renato	Extrema pobreza	17	29	Açougueiro	Pai e mãe
Rita	Negligência	15	27	Confeiteira	Filhos (3)

Instrumentos

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos/procedimentos:

Entrevistas semiestruturadas: a entrevista é uma técnica de pesquisa relevante quando se deseja compreender práticas, ações cotidianas e valores. Ela permite ao pesquisador coletar indícios do modo como cada participante percebe e interpreta a própria sua realidade (Duarte, 2004). Foi desenvolvido um roteiro de entrevistas semiestruturado para a presente Tese. Este foi organizado em temas que corresponderam às 4 categorias descritas e analisadas no Capítulo 2, a saber: Relacionamentos Interpessoais (5), Engajamento em Educação Formal (1), Aspectos Subjetivos Associados à Resiliência (2) e Projetos de Vida e Pontos de Virada (7). Complementarmente, o roteiro de entrevista fundamentou-se na proposta teórica das Sete Tensões, desenvolvida por Ungar (2007): Acesso a Recursos materiais (3), Relacionamentos, Identidade (3), Coesão (2), Poder e Controle (2), Justiça Social (4), Adesão Cultural (5). Por fim, a pesquisadora inseriu questões complementares alusivas aos fatores de risco e proteção presentes no contexto comunitário (6) dos participantes, totalizando 40 questões (o roteiro foi integralmente disponibilizado no Anexo 1)

Linha do Tempo (Timeline): a Linha do Tempo contextualiza os diferentes episódios que marcaram a história de vida do participante a partir da autopercepção sobre a relevância desses acontecimentos em suas vidas. Trata-se de uma linha horizontal, desenhada em uma superfície, onde são registrados os eventos e as datas significativas segundo a percepção do entrevistado num determinado período (Mc Goldrick & Gerson, 2001).

Métodos visuais – Produção de Fotografias: tal como realizado por Libório (2011), também se recorreu ao uso de fotografias para atingir os objetivos desta Tese. Foi solicitado aos participantes que registrassem em seus celulares, por meio de fotografias, situações, pessoas ou lugares que representassem aspectos positivos de suas vidas, bem como que fotografassem temas ilustrativos das adversidades presentes em seus cotidianos. A partir das imagens trazidas pelos participantes e de uma entrevista com base nesses registros, foi possível verificar os fatores de risco e proteção presentes em seus contextos (avaliados no ano de 2023) e contrastar com os indicadores levantados por Libório (2011). Após cerca de 15 dias da orientação fornecida, foram agendadas as novas entrevistas. Na ocasião, foi questionado sobre as motivações, os significados subjetivos retratados nas imagens e os significados das pessoas e situações na vida dos participantes. Didkowsky et al. (2010) discorrem sobre a relevância do uso dos métodos visuais para os estudos da resiliência. A utilização das fotos e filmagens pode desvelar processos de resiliência que se manifestam a partir de práticas culturais e contextuais específicas.

Procedimentos

Antes de iniciar a coleta de dados, a pesquisadora teve acesso a todo o corpus de análise coletado por Libório (2011). Isso permitiu que a pesquisadora responsável pela Tese pudesse se familiarizar com as narrativas e histórias de vida dos participantes

durante a adolescência. Foi feita, no início, uma análise minuciosa do relatório de pesquisa submetido por Libório (2011) à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que foi a agência financiadora da investigação na época. Além disso, a pesquisadora teve acesso a todas as transcrições originais das entrevistas e ao material empírico coletado por Libório (2011). Realizou-se, primeiramente, uma análise flutuante dos textos e, em seguida, uma leitura mais apurada de modo a destacar eventos marcantes, em especial acerca dos fatores de riscos presentes em seus contextos e os fatores protetivos que poderiam estar associados à promoção de resiliência.

A nova coleta de dados, conduzida pela autora desta Tese, teve início em dezembro de 2022. O processo de coleta dos dados foi bastante demorado e exigiu muita flexibilidade da pesquisadora. Os participantes desmarcaram os encontros por sucessivas vezes e, em alguns casos, tiveram certa resistência em fazer o primeiro encontro. As alegações sempre estavam voltadas ao excesso de trabalho e falta de tempo, o que se confirmou durante a análise de dados. Porém, notou-se que, após o primeiro contato, as resistências se diluíram e houve um engajamento genuíno dos participantes na investigação.

No primeiro encontro, foram explicados os objetivos do estudo e as diferentes etapas que se sucederiam, bem como foram apresentados os instrumentos que seriam utilizados. Iniciou-se com a entrevista semiestruturada e, na sequência, a aplicação do instrumento de eventos estressores. Caso o participante estivesse se sentindo à vontade e tivesse ainda tempo, foi proposta a construção da linha do tempo. Esses encontros ocorreram presencialmente, em locais definidos pelos próprios participantes.

Ao final da aplicação desses instrumentos, foram dadas as orientações sobre a produção de fotografias e solicitado que, assim que fizessem os registros, que compartilhassem as imagens com a pesquisadora via o aplicativo WhatsApp. É

importante sublinhar que orientação foi a de que fotografassem pessoas, lugares, instituições ou situações que eram consideradas positivas ou benéficas para a vida deles, bem como situações que eram interpretadas por eles próprios como prejudiciais. Somente três dos quatro participantes enviaram as fotografias. A participante que não quis produzir as fotografias alegou não gostar de fotos e pediu para não participar desta etapa, sendo seu desejo prontamente atendido e respeitado pela pesquisadora.

Devido à dificuldade dos participantes de agendarem um horário presencial para serem entrevistados sobre suas fotos, essas conversas foram realizadas por vídeo, através do Facetime. Nessas ocasiões, as imagens eram compartilhadas na tela com os participantes e pediu-se para que o entrevistado contasse o porquê daquela escolha e o significado das fotos para eles.

Todas as interações com a pesquisadora, seja de forma presencial ou remota, foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. A média de cada encontro com os participantes foi de 1h20. É importante salientar que a análise de dados empregou o material empírico coletado no ano de 2011 e 2023.

Análise de Dados

Os dados obtidos nas entrevistas semiestruturadas, linha do tempo e métodos visuais (produção de fotografias), por serem de natureza essencialmente qualitativa, foram analisados por meio de Análise Temática - AT (Guest et al., 2012). As etapas foram seguidas com rigor, conforme indicado por Braun e Clarke (2006) e Liebenberg et al. (2020): 1 - familiarização com os dados; 2 - geração de códigos iniciais; 3 - identificação de temas que refletiam coleções e conjuntos de códigos; 4 - revisão de dados para compreender e explicar o significado e a dinâmica dos temas; 5 - definição e nomeação dos temas; 6 - elaboração do relatório final, que compôs a presente Tese. A Tabela 2 descreve de forma mais acurada o processo de análise temática empregada.

Tabela 2. Análise temática

Etapas da AT	Descrição
Familiarização com os dados	Duas pesquisadoras, de forma independente, realizaram a leitura flutuante do material empírico coletado nos dois períodos de coleta de dados. Notas foram sendo registradas levando em consideração os objetivos específicos da Tese, em especial o terceiro e o quarto.
Geração de códigos iniciais	Ainda de forma independente, as pesquisadoras, nesta etapa, inseriram códigos (expressões) que sumarizavam o conteúdo central dos excertos das transcrições. Esses códigos, em geral, se associavam a fatores de risco, proteção e processos de resiliência.
Identificação de temas que refletiam coleções e conjuntos de códigos	Nesta fase, as pesquisadoras que atuaram nas etapas precedentes e o orientador da pesquisa se reuniram para analisar os códigos, em termos da frequência e de sua força para responder aos objetivos da investigação. A equipe de pesquisa se engajou em discussões a partir dos dados empíricos e dos códigos, buscando, concomitantemente, contrastá-los com publicações anteriores. De forma dialógica e colaborativa, diversos códigos foram excluídos, pois não estavam associados com o objetivo da Tese ou não demonstravam potencial para formulação de temas.
Revisão de dados para compreender e explicar o significado e a dinâmica dos temas	Após a revisão dos temas, aqueles que não demonstraram força ou coerência adequada foram excluídos. Na mesma direção, nesta etapa, constatou-se que alguns temas precisavam ser desmembrados. Esta fase envolveu, sobretudo, a busca pela coerência e padrões entre os códigos e a descrição de cada tema. Ainda nesta fase, os pesquisadores procuraram identificar a relação entre os temas e as dinâmicas interativas entre eles.
Definição e nomeação dos temas	A pesquisadora responsável pela Tese se encarregou de descrever em detalhes os temas, de modo a demonstrar a coerência entre os resultados e os excertos ilustrativos de cada temática. Para o título das temáticas, foram empregados conceitos e expressões autoexplicativos que demonstravam precisão acerca do conteúdo central.
Elaboração do relatório final	Esta etapa constituiu na elaboração da Tese propriamente dita. Os dados empíricos, sistematizados no processo de elaboração das temáticas, foram contrastados com a literatura sobre resiliência e áreas correlatas, com o intuito de alcançar modelos teóricos explicativos que trouxessem contribuições inéditas para o campo em que a pesquisa se insere.

Questões Éticas

A pesquisa foi desenvolvida consonante com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde, em sua Resolução nº 510/2016. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Carlos (CAEE 34270720.0.0000.5504). Durante as interações com os participantes, foram tomados os devidos cuidados éticos para não ferir a integridade e não reforçar práticas discriminatórias ou estigmas relacionados às suas vivências de vulnerabilidade pessoal e social.

As explicações fornecidas aos participantes sobre todas as etapas da pesquisa, tanto em documentos escritos quanto verbalmente, levaram em consideração o nível de desenvolvimento psicológico e de compreensão dos jovens. A coleta de dados só foi iniciada após a certificação da pesquisadora de que não havia dúvidas adicionais dos participantes em potencial e do recolhimento da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As transcrições de todo material empírico foram acessadas apenas pela autora da Tese e seu orientador, que mantiveram o corpus em seus computadores individuais. Em todos os materiais de divulgação dos resultados desta pesquisa, serão adotados nomes fictícios, a fim de manter a identidade dos participantes em sigilo. Esses dados serão descartados após 5 (cinco) anos, a contar a partir da defesa pública da Tese de Doutorado.

Capítulo 4

Fatores de Risco que se Perpetuam Longitudinalmente

Neste capítulo, foram apresentadas as temáticas que se derivaram da análise qualitativa e que evidenciaram como algumas condições e variáveis se mantiveram na vida dos participantes, da adolescência à vida adulta, e podem ter afetado de modo negativo suas trajetórias de desenvolvimento. Tratam-se, portanto, de fatores de risco que perduraram longitudinalmente. Essa análise se faz relevante em razão do reconhecimento de que as pesquisas sobre processos de resiliência devem se apoiar na análise indissociável da tríade Fatores de Risco – Fatores de Proteção – Resiliência, como argumentado nos capítulos iniciais desta Tese.

Contudo, antes de apresentar essas temáticas, optou-se por elaborar uma síntese das histórias de vida dos participantes, tal como recomendado por Yin (2012) quando descreve as características gerais de investigações que se apoiam em estudos de casos múltiplos. É importante salientar que essas narrativas foram construídas com base no trabalho de campo realizado em dois períodos distintos: na primeira onda da coleta de dados, ocorrida no ano de 2010, e na segunda onda, cujo trabalho de campo ocorreu em 2023. O objetivo dessa apresentação é ampliar o olhar do leitor quanto ao contexto social em que viveram e vivem os participantes da pesquisa, com ênfase para os fatores de risco e a proteção existentes em suas vidas.

Apresentação dos Participantes

Participante 1 - Rita

A participante Rita tinha 14 anos na primeira entrevista (2010). Morava com o genitor e foi selecionada por viver em situação de negligência familiar na época. Na adolescência falou, enfaticamente, sobre considerar seu bairro um território violento e dominado pelo tráfico de drogas. Contou que sua maior tristeza tinha sido a morte da mãe,

quando tinha 9 anos. Ressaltou que o pai foi muito forte e foi um apoio fundamental para ela nesse período. Após a morte da mãe, morou com o pai até ele se casar novamente. Após o novo casamento do pai, foi morar com a irmã mais velha, mas retornou à casa do pai depois de algum tempo. Nesse momento, de muitas mudanças de casas, contou que deu “uma relaxada” nos estudos, pois não conseguia se concentrar e não tinha vontade de estudar. De acordo com a participante, só conseguiu se envolver com os estudos novamente quando começou a namorar, mas antes se achava “bagunceira”. Na adolescência, seu projeto de vida era cursar pedagogia e ter um emprego fixo. Relatou, ainda, se dar bem com a madrasta e enfatizou ter boas relações de amizade. Gostava do projeto social que frequentava e das aulas de dança. Quando perguntada sobre as injustiças que observava no seu entorno, se referiu à escola e ao amigo que é gay e sofre com isso no grupo. Na segunda entrevista, conduzida em 2023, a participante estava com 27 anos. Falou que morava em um bairro que considerava seguro. Apesar de gostar de morar nesse território, a distância do centro e o tempo que perde em transporte público atrapalha muito a sua vida. Mencionou que contava com uma boa rede de apoio para cuidar dos três filhos (respectivamente com 7, 5 e 1 de idade). Ressaltou, por exemplo, a disponibilidade da ex-sogra, que para ela é como se fosse sua mãe. Casou-se duas vezes e se separou do segundo marido, pai do terceiro filho, pouco antes da realização da coleta de dados (ocorrida em 2023). Relatou que as dificuldades cotidianas, como “excesso de trabalho” e “contas para pagar”, tiveram muita influência no término do relacionamento. Mencionou que o maior desafio que tinha era cuidar de seus filhos e as demandas da maternidade. Tinha muitos projetos de vida como comprar uma casa, trocar de carro e terminar seu curso de confeitaria, mas destacou que já havia conquistado muitos sonhos; a maternidade, de acordo com a participante, era o maior deles, e depois, tornar-se confeitira. Considera-se uma pessoa persistente, o que a ajudou em suas conquistas. No

futuro, planeja cursar gastronomia. Em relação aos amigos, relatou ter pouco tempo para cuidar das amigadas, pois quando tem uma folga acaba usando o tempo para estar com os filhos. Falou da luta e da dureza da vida e que queria, no ano de 2023, achar um tempinho para cuidar de si. Durante a elaboração da sua linha do tempo, a participante Rita iniciou com o seu casamento (2015). Contou que sempre quis “seu canto” e que adorou casar e ter sua casa. Quando se casou, já esperava seu primeiro bebê, que nasceu em 2016. Nesse mesmo ano, ela perdeu o pai e relatou que o bebê foi sua “salvação”, pois foi um período muito difícil. Relatou, mais uma vez, a importância de sua sogra nesse período, pois passou por um processo de depressão. Em 2017, teve uma nova gestação e sua filha nasceu em 2018. A participante afirmou que adorava ficar grávida e retomou, durante a técnica da linha do tempo, que ser mãe sempre foi seu sonho, apesar de “não se ver casada”. No ano de 2019, se separou do primeiro marido e começou um novo trabalho. A participante mencionou que no ano de 2019 passou por uma nova crise emocional e sua “sogra” (nesse período, já ex-sogra) foi quem a ajudou a cuidar dos filhos. Casou-se novamente em 2021 e, um ano depois, teve o seu terceiro filho. A participante destacou, também em 2021, o início de um novo trabalho e, na sequência, o investimento em uma formação para ser confeitira. E, de novo, destacou que o próximo passo será cursar gastronomia.

Figura 8. Linha do Tempo da Rita

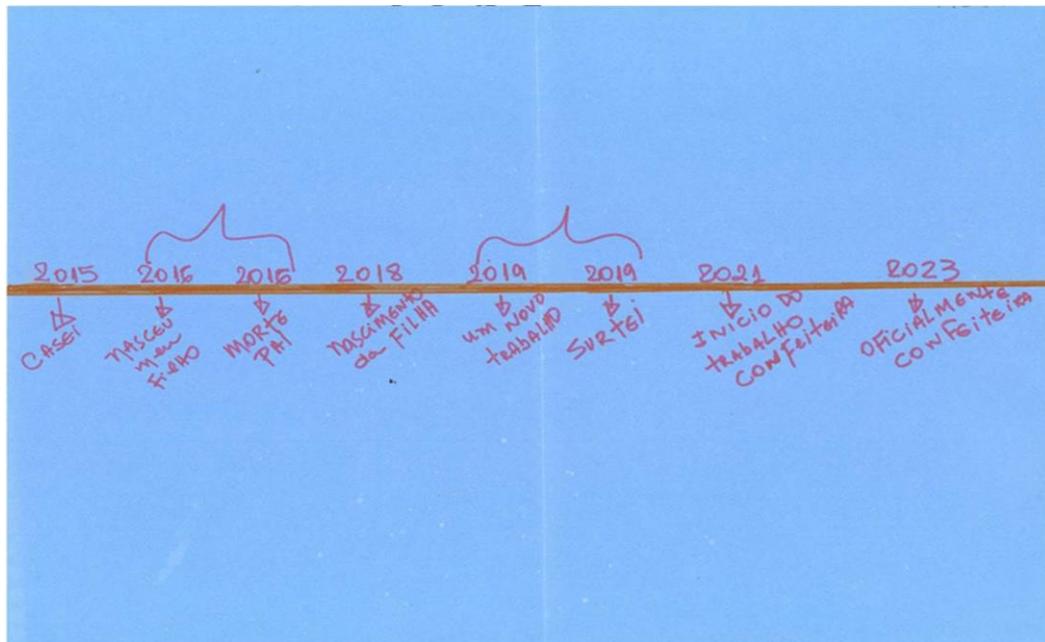


Figura 9. A participante Rita com sua filha. A maternidade era, de acordo com a participante, seu maior sonho



Figura 10. A participante Rita durante a conclusão do curso de confeitaria



Participante 2 - Renato

O adolescente foi selecionado para a primeira etapa da pesquisa, em 2010, por viver em situação de extrema pobreza. Na época, ele tinha 16 anos e morava com os pais em um bairro periférico da cidade. Pela condição paupérrima da família, era explorado no trabalho infantil, inclusive no lixão próximo à sua casa. Relatou que em seu bairro existia tráfico de drogas, o que o deixava preocupado. Apesar da situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica, as relações familiares entre os membros (em especial do adolescente com sua mãe e irmãos) eram fortes e os vínculos preservados. Ressaltou, quando adolescente, que chegaram a passar fome, porém, reforçou que sua família tinha valores bem estabelecidos e que ele sempre foi cobrado pelos pais para ser comprometido com a escola, com o projeto social e com a igreja. Na análise das entrevistas realizadas em sua adolescência, ficou evidente que questões ligadas à sobrevivência era o que mais o afligia, o que de certa forma foi retomado por ele na entrevista realizada em 2023. Ainda adolescente, iniciou trabalho voluntário junto ao grupo dos vicentinos (movimento ligado à igreja católica) e continuou engajado na vida adulta. Sempre quando relatava sobre suas

vivências no grupo dos vicentinos manifestava grande entusiasmo. No trabalho de campo de 2023, enfatizou que essas experiências foram muito positivas para sua vida. Durante as interações, o jovem destacou, inúmeras vezes, o papel da família, da igreja e do projeto social em sua formação. Deu ênfase e valorizou o trabalho que exercia. Trabalhava em um açougue e estava se especializando em cortes de carne. Apesar disso, salientou uma sobrecarga que sentia em seu trabalho “para dar conta da vida”. Teve um relacionamento afetivo e foi morar com a parceira, mas passou por decepções e voltou a morar com os pais. Assim, em 2023, quando os dados foram coletados, estava residindo na mesma casa e bairro em que morava em 2010, junto com seus pais. Na ocasião, destacou que o bairro continua com os mesmos problemas relacionados ao tráfico de drogas, falta de recursos e políticas públicas, mas evidenciou que sua vida melhorou muito. Afirmou que tinha acesso às coisas de que gostava, comia o que queria, passeava no shopping, jogava videogame e mexia no computador. Todas essas experiências e conquistas, de acordo com o participante, foram “frutos de seu trabalho”. Na elaboração de sua linha do tempo, o participante Renato iniciou representando o seu trabalho como açougueiro em 2012. Relatou que quem o colocou nesse trabalho foi seu padrinho e que isso o salvou “de virar maloqueiro ou tranqueira”. No ano seguinte, em 2013, destacou a compra da bicicleta, possibilitada pelo ganho do próprio salário. Falou que sua alegria foi tão grande que “parecia que tinha ficado rico”. Destacou, em 2014, o término do ensino médio e apontou essa realização como “uma conquista”. Apesar disso, mencionou sentir muita falta dos amigos, do espaço escolar e dos professores. Sonhava em continuar com os estudos e cursar educação física, mas relatou que não tinha recursos financeiros para pagar as mensalidades e seu horário de trabalho também não permitia. Enfatizou, em 2016, a realização de outro sonho: a compra de seu carro; em 2018, disse que ter quitado as parcelas do carro foi outro sonho realizado. No ano de 2019, o participante relatou ser

“seu ano de uma grande burrada”, pois foi quando saiu da casa dos pais e foi morar com a namorada. Contou que foi um período tumultuado, marcado por uma relação de conflitos constantes, o que o levou a retornar à casa dos pais em 2021. Em 2022, assumiu um novo emprego, também na condição de açougueiro, mas agora numa função mais sofisticada, pois realiza novos cortes especializados.

Figura 11. *Linha do Tempo de Renato*

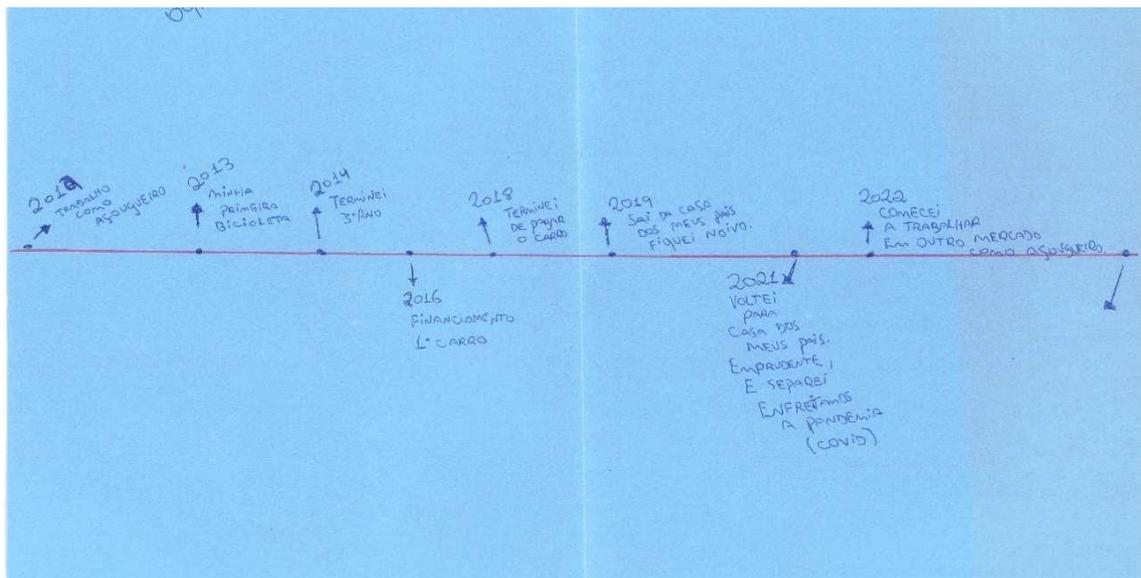


Figura 12. *Renato destacou constantemente a importância das práticas religiosas em sua vida*



Figura 13. *Registro das sobrinhas de Renato*



Figura 14. *Atividade laboral exercida por Renato*



Participante 3 – Bárbara

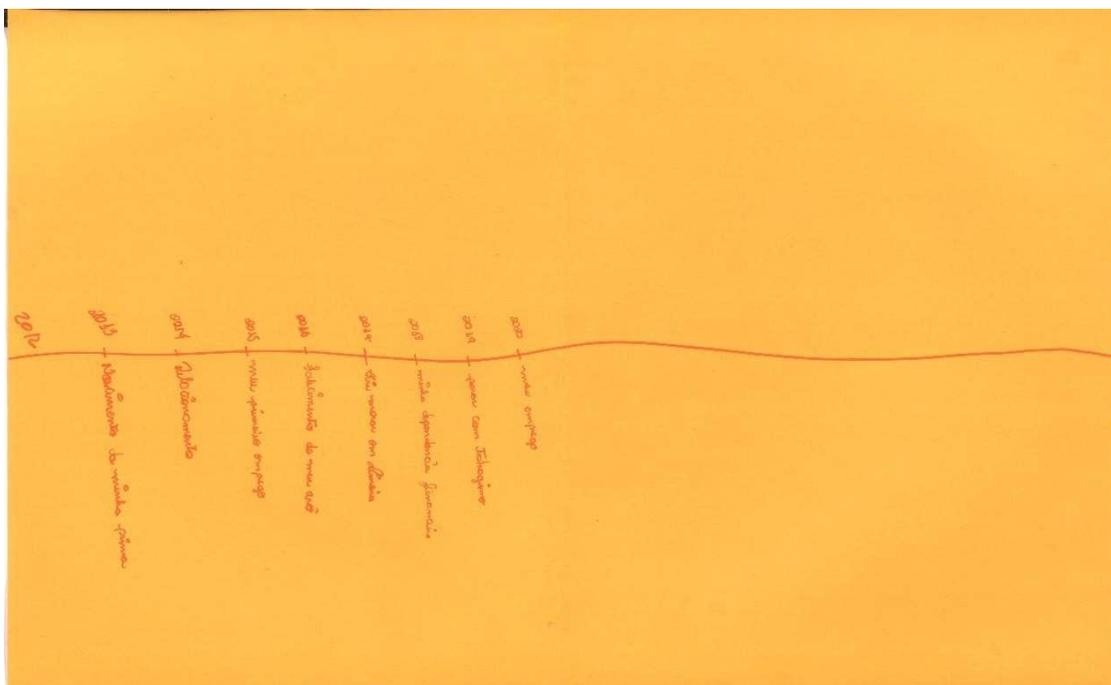
A adolescente foi incluída na primeira etapa da pesquisa (2010) por ter sido vítima de abuso sexual. Em 2010, estava com 14 anos e residia com a mãe e a companheira da mãe. Segundo a participante, ela morou com a avó desde bebê, pois a mãe trabalhava muito. Contudo, após a ocorrência do abuso sexual, que aconteceu na casa da avó e cujo

agressor foi o tio que residia no quintal da mesma casa, ela voltou a morar com a mãe. Ficou evidente nas transcrições das entrevistas de 2010 que a adolescente sofreu muito com toda a situação, agravada por ter que deixar a casa da avó, que sempre considerou como mãe. Contou que os contatos com a mãe eram esporádicos e, desde bebê, ficava na avó, uma vez que a mãe trabalhava bastante. Com o pai teve pouquíssimo contato e há tempos já não fala com ele, que já tinha constituído uma nova família. Ressaltou, também, a violência do bairro onde residia, pois, de acordo com a participante, havia roubos e estupros constantes. Em seus relatos, enfatizou que nunca teve muitos amigos na escola e que mesmo no projeto social que frequentava ficava sempre de “canto”. Afirmou não se envolver muito e que não tinha confiança para partilhar suas experiências com as amigas. Queixava-se, na adolescência, por não poder trabalhar e ressaltou que esse descontentamento também era compartilhado com seus amigos. Quando questionada sobre seu futuro, dizia que queria ser “batalhadora”, como sua mãe. Também relatou em 2010 uma insatisfação com sua autoimagem, pois se sentia “gordinha” e “estranha”. Ainda se sentia cobrada “por estar crescendo” e, por isso, precisava ser “mais ágil” e “mais esperta”. Apesar das dificuldades que mencionou na adolescência, enfatizou repetidamente que se sentia acolhida pela avó. Na coleta de dados conduzida em 2023, a jovem se mostrou extrovertida e com boa comunicação. Relatou que vivia com sua companheira na cidade de origem desta, pois foi onde encontraram mais oportunidades de trabalho. Disse que tinha um bom relacionamento com a família extensa da parceira, porém, com sua própria família mantinha relações “amigáveis”, mas distantes. De acordo com a participante, o fato de o tio que a abusou sexualmente morar próximo de seus familiares dificultava a manutenção dos vínculos com seus parentes. Em 2023, também contou que quando retorna para a sua cidade de origem, avisa com antecedência sua tia e prima (companheira e filha do abusador sexual) que ela irá visitá-los, como uma forma

de evitar o encontro com o agressor. Bárbara é a madrinha da filha de sua prima e relatou que tem um vínculo muito forte com elas, que são “parentes de sangue”. Em razão dessas relações conflituosas, destacou que “morar longe [da família] ajuda”, apesar de sentir falta dos avós. Disse, ainda, que tem grande mágoa do avô, que não acreditou quando ela relatou os episódios de abuso sexual que sofreu. Entre seus projetos futuros salientou que gostaria de ter um empreendimento através da ampliação das vendas que faz de produtos para mulheres on-line. Também mencionou que “precisa se cuidar mais”. Relatou insatisfação com seu peso e observou que, muitas vezes, “come para aliviar suas angústias”. Apesar de hoje já ter conseguido uma certa autonomia financeira, ressaltou que sua maior preocupação ainda é em relação ao trabalho, pois o que sua companheira e ela recebem serve apenas para pagar as dívidas e compromissos mensais da casa. Na elaboração de sua linha do tempo, a participante iniciou em 2013, com o nascimento de sua prima como um evento marcante. Contou que esse foi um evento muito importante, pois sua tia já há algum tempo tentava engravidar. Depois destacou o ano de 2014, que foi o início de seu relacionamento. Contou que, na época, estava vivendo em um ambiente muito tumultuado na casa da mãe e que a companheira abriu novos horizontes. Em 2015, conseguiu seu primeiro emprego registrado, na padaria onde sua mãe já trabalhava. A participante revelou que 2016 foi um ano de muita tristeza, pois sua avó, com quem morou desde pequenina, faleceu. Disse, novamente, que seus avós assumiram o seu cuidado, pois o pai nunca se fez presente e a mãe precisava trabalhar. Na sequência, falou de 2017 como um ano de virada em sua vida, pois foi quando se mudou para outra cidade com sua companheira. A partir daí, relatou que sua vida começou a se organizar e que, em 2018, conquistou uma certa independência financeira. Por insistência da companheira, conseguiu parar de fumar em 2019, o que a participante sublinhou como uma conquista. Em 2020, começou um novo emprego, numa fábrica de semijoias, o que a ajudou a se

organizar melhor financeiramente. A participante Bárbara foi a única que não se sentiu confortável em tirar fotografias para retratar o seu cotidiano.

Figura 15. *Linha do Tempo de Bárbara*



Participante 4 - Dilma

A participante tinha 15 anos na primeira entrevista, em 2010, e foi convidada a participar da pesquisa porque tinha sido vítima de violência sexual. Residia com os avós, embora a mãe morasse no mesmo bairro. Afirmou que morava em um bairro que não oferecia nada, “apenas o medo”. Foi na comunidade em que residia, em uma de suas saídas de casa, que foi abordada pelo agressor sexual (um morador do bairro). Ainda nessa primeira entrevista, destacou a vontade de trabalhar e queixava-se por não poder e, por isso, criticava as leis vigentes que impediam adolescentes de trabalharem. A participante demonstrou ter uma rede de apoio afetiva e social ampla. Participava assiduamente do grêmio da escola, mas em especial dos grupos da igreja católica. Demonstrou-se muito ativa nas ações da comunidade da igreja e participava com afinco dos espaços, como

“rebanhões de carnaval” e grupos de teatro. Contou que seus amigos da igreja e da escola sempre a colocavam como líder e afirmou gostar dessa posição. Percebia-se como uma adolescente calma e, às vezes, era até mesmo “chamada de boba pelas amigas”, pois, de acordo com seus relatos, não reagia quando era atacada e guardava muita coisa para si. Disse que o abuso sexual sofrido abalou muito sua vida, mas, apesar disso, afirmou que tinha reagido bem e lembrou que teve “forças para voltar aos estudos”. Afirmou ainda que, após a ocorrência do abuso sexual, passou a dar mais importância à escola e a levar a vida e os estudos mais a sério. Destacou a importância da família em situações desafiadoras, inclusive quando sofreu o abuso sexual, uma vez que sua mãe e avó foram protetoras e acolhedoras. Sentia falta do pai, com quem não teve muito convívio; descrevia-o como ausente e não o via há três anos. O contato com o pai era esporádico e acontecia somente por telefone e em ocasiões especiais, como em seu aniversário. Na entrevista de 2023, a participante estava com 28 anos. Relatou ter um companheiro que conheceu há três anos e, depois de um breve namoro, foi morar com ele. Mudaram-se para outro estado, pois o companheiro trabalhava em outra cidade. Ela e o companheiro participavam ativamente dos grupos da igreja católica da comunidade em que viviam, atuando, por exemplo, na “pastoral da sobriedade”. Falou com afeto do lugar onde morava e destacou adorar o contato com a natureza. Enfatizou também que as políticas públicas em seu município “funcionam bem”, pois tem uma boa rede de serviços de saúde, assistência social e a educação é fácil. Comentou que sua casa era “bem montada” e que tinha “certo conforto”. Cursou a faculdade de serviço social e disse ter a formação em nível superior era um de seus grandes sonhos, e de sua mãe também. Contou ser a primeira de sua família a concluir o ensino superior. Escolheu o curso de serviço social inspirada nas profissionais que atenderam no projeto especializado no atendimento a vítimas de violência sexual que frequentou durante a adolescência. Mencionou que essa foi a época

mais difícil de sua vida e que esse programa foi fundamental para ajudá-la. A participante tinha sido aprovada em um concurso público da prefeitura da cidade em que residia. Sua função laboral era de educadora social, ou seja, não estava atuando em sua área de formação, o que a deixava insatisfeita, mas ao mesmo tempo valorizava a estabilidade por ser funcionária pública. Disse que havia “muitas fofocas” na instituição onde atuava, o que a incomodava. Em relação à família de origem, descreveu ter uma boa relação, porém, estava com dificuldades para lidar com a mãe que, após uma cirurgia bariátrica, passou a enfrentar um quadro de depressão. Além disso, relatou que dava assistência a sua avó, que já estava “bem velhinha” e não contava com os cuidados dos filhos. Enfim, sentia-se feliz com as conquistas que teve, mas tem planos para o futuro de trabalhar em sua área e conseguir cuidar mais de sua saúde física e mental. Mencionou se incomodar com seu sobrepeso. Em sua linha do tempo, a participante destacou apenas quatro momentos que para ela eram significativos. Iniciou seu relato no ano 2012, com seu ingresso no ensino superior. Falou que esse evento marcou muito sua vida e de seus familiares. Na sequência e de forma complementar, ressaltou também o ano de 2016, ou seja, quando ocorreu sua formatura. Em 2022, registrou e verbalizou sobre o fim de um “relacionamento traumático”. Informou ter sido traída pelo companheiro com quem viveu por três anos e, de acordo com seu relato, não conseguiu lidar com a situação. Por fim, em 2022, destacou na linha do tempo a mudança de estado e o ingresso no cargo público da prefeitura.

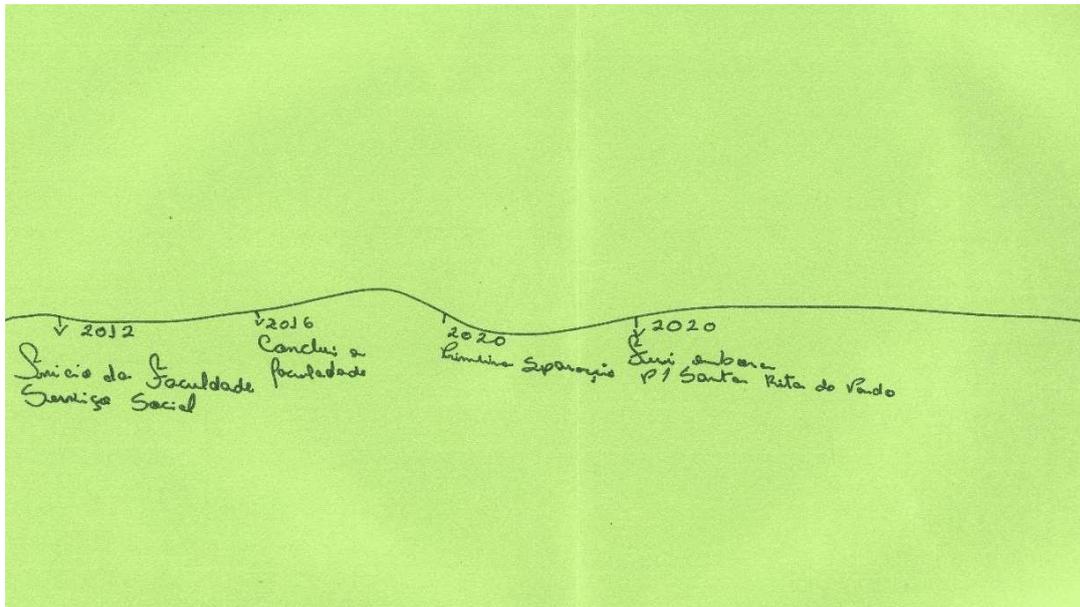
Figura 16. *Linha do Tempo de Dilma*Figura 17. *Registro do contato com a natureza*Figura 18. *Igreja que frequentava*



Figura 19. *Referência às fofocas em seu contexto de trabalho*



“Tem que Correr Atrás”: Vulnerabilidade Econômica e Exploração no Mundo do Trabalho

Esta temática abordou conteúdos paradoxais em relação ao mundo do trabalho. Nas entrevistas realizadas quando os participantes eram adolescentes, ficou fortemente evidenciado que tinham um anseio e desejo de serem inseridos em atividades laborais, sobretudo para que pudessem ajudar suas famílias que viviam condições de miserabilidade ou desafios econômicos. Queixaram-se, também, das leis trabalhistas vigentes (que estabeleciam, entre outras coisas, idade mínima para o trabalho) e do fato de não poderem adquirir bens ou consumir como desejavam.

Quando foram entrevistados no ano de 2023, notou-se que todos estavam inseridos em atividades formais de trabalho e que, por isso, estavam numa condição de maior segurança financeira (inclusive alimentar) durante a vida adulta. Contudo, apesar de estarem exercendo atividades remuneradas e as valorizarem como uma conquista pessoal, foi unânime o quanto se sentem exauridos pela rotina do trabalho e pelas funções que exercem.

Desse modo, os dados coletados em diferentes momentos da vida dos participantes levantaram a hipótese de que o trabalho, no modelo de sociedade vigente, constitui-se como um fator de risco ao desenvolvimento de pessoas expostas à vulnerabilidade social. Por um lado, o desejo de ingressar no mercado de trabalho quando eram adolescentes pareceu estar relacionado com as condições precárias de vida que viviam com suas famílias. Quando adultos, apesar de estarem inseridos formalmente em atividades laborais, passaram a ser explorados na lógica do capital, ao ponto de verbalizarem, repetidamente, que consideram que trabalham demasiado e sobre as implicações até mesmo para a saúde mental.

Tabela 3. Vulnerabilidade Econômica e Exploração no Mundo do Trabalho

Citações	
	<p>Pesquisadora: <i>Você tem algum sonho?</i></p> <p>Bárbara: <i>Quero trabalhar, que seja um trabalho digno, de preferência... o que eu não tenho.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Então você tem vontade, mas não te deixam?</i></p> <p>Bárbara: <i>É, a gente poderia trabalhar, né? Muitas vezes a gente quer uma coisa e a mãe não pode dar porque não tem dinheiro. A gente quer ajudar a mãe às vezes, mas não pode.</i></p>
2010	<p>Pesquisadora: <i>Você tem um sonho?</i></p> <p>Dilma: <i>É a minha vontade de trabalhar. Todo mundo fala da vontade de trabalhar. Quando eu era pequena, a minha avó falava que você não pode fazer isso porque você é pequenininha, e agora que eu já cresci já posso fazer quase tudo que não podia antes. [...] É mais isso, o trabalho. [...] tudo que eu mais quero é terminar a escola e arrumar um serviço”.</i></p>
	<p>Pesquisadora: <i>E qual o maior desafio hoje?</i></p> <p>Renato: <i>Ah, desafio? Desafio... acho que para viver trabalhando, para ganhar dinheiro... acho que isso. É de todo mundo, não é? Tem que correr atrás... tem que trabalhar. Acho que essa é a parte mais difícil: é a sobrevivência no dia a dia [...] podia ser um pouco mais tranquila a vida”.</i></p>
2023	<p>Pesquisadora: <i>Qual seu maior desafio hoje?</i></p> <p>Dilma: <i>Hoje é mais a insegurança de trabalho. Eu também tenho problemas com minha mãe que fez uma cirurgia bariátrica e depois disso ficou em depressão. Com isso eu virei mãe da minha mãe, eu tenho que ficar cuidando sempre. Tem minha avó também, que tem 90 anos e também é responsabilidade minha. Hoje meu maior desafio é eu conseguir cuidar de quem já cuidou de mim. E para isso preciso também trabalhar muito”.</i></p>
	<p>Pesquisadora: <i>E qual o desafio hoje?</i></p> <p>Rita: <i>É essa reorganização financeira mesmo. Tem conta que a gente não contava [...] Eu não faço nada para mim, esse ano mesmo eu quero fazer, é outra meta que eu tenho. Eu só estou vivendo para o trabalho, mas o trabalho em si já ajuda bastante. Com 19 [anos] eu comecei num novo emprego, mas não dei conta, surtei, era muita coisa casa, filhos, e trabalhar com horário puxado.</i></p>

As motivações dos participantes, quando adolescentes, para se engajarem em atividades laborais pode ser explicado, de acordo com Martins (1997), pelas condições paupérrimas ou de vulnerabilidade econômica vividas por famílias que são negligenciadas pelo Estado. Santos (2012) afirmou que crianças e adolescentes que são

exploradas no trabalho almejam auxiliar suas famílias, bem como adquirir bens que consideram importantes. Além disso, existe um forte investimento de empresas que desenvolvem produtos direcionados a esta população (Carvalho, 2019; Mello, 2014; Souza, 2022) e que exercem grande influência sobre as culturas juvenis. Como as famílias dos adolescentes não podem prover tais mercadorias, parte dos adolescentes vislumbra no trabalho a possibilidade de acessá-las.

As transformações no mundo do trabalho, os novos processos de organização, a informatização e as exigências de qualificação cada vez maiores colocam os jovens, principalmente das camadas sociais mais desfavorecidas e com menor possibilidade de se qualificar, em situação de desvantagem (Melo, 2022; Nadú et al., 2022). A exaustão mencionada pelos participantes se explica pela lógica de mercado, que se retroalimenta pela exploração e que busca, de forma insistente, flexibilização dos direitos trabalhistas, redução de salários, ausência de garantias ou benefícios sociais, aumento da produtividade em detrimento da saúde mental e que despreza a segurança do trabalhador (Martins, 1997; Pochmann, 2007; Rocha, 2008; Tonella & Dourado, 2020). O modelo capitalista fundamenta-se nesses princípios e não busca, sob nenhuma hipótese, a superação das desigualdades de classe; ao contrário, para se sustentar, esse sistema perverso e desumanizador lança as camadas sociais menos favorecidas economicamente a processos contínuos de exploração, com repercussões incomensuráveis para a saúde física e mental desses grupos (Moreira, 2019).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, 70% das pessoas desempregadas no Brasil eram pessoas na faixa etária entre 14 e 24 anos. Caldana (2020) destacou que as mudanças ocorridas nas duas primeiras décadas deste século reforçaram a condição precária da inserção de jovens em atividades laborais,

marcadas, entre outras coisas, por rotinas longas de trabalho, falta de oportunidades para escolha, baixos salários e desmotivação. A inserção precária de jovens em atividades laborais, de acordo com Santos, (2022), pode implicar a deterioração e a piora no quadro de saúde mental geral desse grupo. Esse contexto pode ser ainda mais perverso na medida em que já se constata que muitas atividades exercidas por jovens têm sido substituídas por tecnologias baseadas na inteligência artificial (Almeida & Pinto, 2022; Pugliese, 2022).

O Conselho Nacional da Juventude (Conjuve) realizou, em 2020, uma pesquisa sobre juventude e pandemia da COVID-19. Como esperado, ficou comprovada a persistência e a piora das desigualdades, uma vez que a população jovem brasileira foi uma das mais afetadas pela diminuição da renda durante o período pandêmico. Diante desse cenário, destaca-se a necessidade do desenvolvimento e implementação de políticas públicas transversais de emprego e renda, segurança, equidade, saúde, cultura, educação, políticas inclusivas e redistributivas, que abarquem a totalidade das problemáticas enfrentada pelos jovens (Tonella & Dourado, 2020), incluindo os contextos de trabalho.

Com base nos achados dessa temática, somados às constatações da literatura da área, constatou-se que o trabalho é um fator de risco que se perpetua na vida dos participantes. Na adolescência, o trabalho era visto como uma atividade que poderia suprir as necessidades básicas das famílias ou mesmo permitir que tivessem acesso a produtos ou mercadorias que desejavam (notadamente influenciados por uma lógica do consumo). Na vida adulta, apesar de trabalharem de forma regular e até mesmo valorizarem o que fazem, sentem-se exauridos pela rotina, o que se associa à lógica da exploração da força de trabalho. Esses ciclos são recorrentes em adolescentes cujas famílias vivenciam situações de exclusão e vulnerabilidade duradouras e persistentes.

“Não tem Segurança de Andar na Rua”: A Perpetuação das Vulnerabilidades Territoriais e a Violência Urbana

Apesar de os participantes terem obtido algumas mudanças nas condições materiais de vida, que, como apresentado na temática anterior, se relacionam com a inserção em atividades formais de trabalho durante a vida adulta, os excertos dessa temática revelaram que, assim como nas entrevistas realizadas em 2010, os jovens permanecem residindo em bairros periféricos. A vulnerabilidade que se perpetua em suas vidas não está no fato de residirem nesses territórios, mas sobretudo por estarem expostos à violência urbana (em especial, o tráfico de drogas) e por terem dificuldades para se deslocarem para outras regiões das cidades em que vivem, principalmente para trabalhar.

Foi constatado, em especial durante a adolescência, a ausência de espaços de lazer para os participantes. Em alguns casos, notou-se um descaso do poder público com essas áreas, que ficavam abandonadas e sem condições de uso. Acrescido a isso, os participantes relataram, tanto na adolescência quanto na vida adulta, o sentimento de medo por passarem por alguns desses espaços, seja porque eram assediados por pessoas vinculadas ao tráfico ou por sentirem medo de terem seus pertences furtados ou mesmo de serem roubados. A exposição contínua à violência urbana pode gerar medo e agravar as condições de vulnerabilidades pessoais.

Similarmente, morar nas regiões periféricas parece trazer inúmeros inconvenientes para os participantes na vida adulta, que se queixaram do tempo que levam para se deslocar para o trabalho. Assim, pode-se afirmar que as conquistas consolidadas por intermédio do trabalho não retiraram os jovens dos bairros periféricos, tornando a vulnerabilidade territorial crônica em suas vidas. O fato de investirem muito tempo para se deslocarem para as regiões centrais da cidade, onde provavelmente realizam a maior

parte de suas atividades cotidianas, pode implicar a falta de investimento em projetos pessoais ou de autocuidado.

Tabela 4. Vulnerabilidades Territoriais e a Violência Urbana

	Citações
	<p>Bárbara: [...] <i>muitos assaltos, roubo, estupros, essas coisas. [...] Não é o cotidiano de lá, violência, mas às vezes ocorre de uma vez ou outra assim. [...] no ano retrasado, a primeira vez que eu fui morar com a minha mãe, teve lá uma menininha de cinco aninhos que o rapaz estuprou.</i></p>
2010	<p>Dilma: <i>Aqui no bairro não tem nada difícil, só mesmo o medo por causa do que aconteceu comigo. A pessoa [o abusador sexual] que mora aqui mesmo no bairro, tenho medo de sair à noite. Aí vou ali não, porque a rua daquela pessoa, assim só isso. [...] tem também que aqui no bairro não tem nada de recursos [...] tem posto de saúde? Tem. Tem parque? Tem. Mas assim, é tudo abandonado, largado, porque não cuidam. Se a grama está alta, o pessoal não vai lá, vai a comunidade mesmo. Mas para mim mesmo, não tem serventia nenhuma e acho que para vários jovens daqui também não.</i></p> <p>Renato: <i>O caminho errado, ficar na rua, acompanhando outros grupos para fazer coisas erradas, bagunça... na vila tem bastante [...] molecada que fica mexendo na rua, os moleques que ficam fumando na esquina [...] a gente passa e dá medo. Eles ficam encarando: “Vou pegar você”.</i></p> <p>Rita: <i>Lá tem bastante estas coisas de tráfico, sabe? Sempre tem ali algumas... biqueiras que fala, né? [...] é que a gente pode tá se envolvendo com isso tudo, acho que é isso só [...] Segurança não tem não [...] Esses negócios de biqueira tem muito lá. Só que deu uma parada lá, antes era mais, agora deu uma... mais ainda tem. Eu tenho medo assim, sabe?</i></p>
	<p>Pesquisadora: <i>Vamos conversar sobre o bairro onde você mora hoje. Como é?</i></p> <p>Bárbara: [...] <i>eu vivo mais fora que dentro de casa. Trabalho a semana toda. Eu trabalho lá do outro lado. Tirando a distância, não vejo nada que me incomoda, só a coisa de ser longe de tudo, na verdade. Mas, por exemplo, a gente não tem segurança de andar na rua com o celular. [...] muita coisa o mundo é injusto, eu acho.</i></p>
2023	<p>Renato: <i>Então, é um bairro muito simples, muito... acho que é meio afastado da cidade. [Tem] bastante matas ali e a vida do povo é bem simples, bem... bem sofrida [...] a questão da droga continua. Muitas pessoas estão na droga ainda, um caminho ruim lá.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Daquela turminha que cresceu ali com você, muitos acabaram indo por esse caminho?</i></p> <p>Renato: <i>Ah, muitos, muitos... na verdade, hoje mesmo eu vi um [colega que reside no bairro] na hora que eu estava vindo [para participar da entrevista]. Mas ele estava ali perto da linha do trem. Me reconheceu, deu um joia ainda, mas estava bem feio por causa de droga. [...] Já sofri preconceito por morar</i></p>

num bairro de gente simples. É um bairro distante, tem toda uma situação de envolvimento com o tráfico no bairro que prejudica muito, tem todas essas questões.

Rita: [O bairro] *É muito longe do serviço, meu serviço é aqui, deslocamento é ruim para o centro.*

A literatura tem mostrado que jovens que moram na periferia são os mais afetados por violações de direitos (Cavalcante & Barros, 2019). Os órgãos de defesa, os poderes executivo, legislativo e judiciário têm dado respostas paliativas para população, oferecendo ações de controle que, muitas vezes, são tão ou mais violentas que as já vividas cotidianamente nas periferias. Um exemplo dessas ações são as mortes de jovens nas chamadas batidas policiais na periferia.

Minayo (1994) destacou que é necessário entender a violência urbana como um fenômeno biopsicossocial, sem negligenciar aspectos históricos, sociológicos e antropológicos que retroalimentam a ocorrência desse fenômeno. Colaço et al. (2021) descreveram a violência urbana presente nas periferias como produto das relações sociais atravessadas por desigualdades, que são consequência da concentração de riquezas para uma pequena parcela da elite, que se perpetua desde a colonização. Desse modo, enfrentar a violência urbana e os processos de segregação, presentes nas regiões periféricas das cidades brasileiras, exige esforços multiníveis, bem como articulações intersetoriais das mais diversas políticas. Na mesma direção, Gonçalves et al. (2017) afirmaram que “o contexto sociodemográfico, os indicadores de desigualdades sociais, e por consequência, a marginalização de determinados segmentos populacionais são fatores preponderantes para a compreensão da complexidade multicausal do fenômeno da violência” (p. 18).

É importante salientar que as periferias não deveriam ser espaços que implicam vulnerabilidades que se perpetuam longitudinalmente. Pelo contrário, a identificação de determinadas vulnerabilidades territoriais deveria mobilizar o poder público para o

estabelecimento de ações contundentes de mitigação dos fatores estressores que atingem as populações que residem nessas áreas, em especial adolescentes e jovens. Existem registros de estratégias de resistência e de mobilizações coletivas de jovens e suas famílias para o enfrentamento dessa realidade calamitosa. Veloso (2020), por exemplo, discorreu em sua pesquisa acerca da potência das periferias em elaborar respostas críticas e criativas às adversidades cotidianas, criando circuitos culturais e soluções econômicas para lidar com os infortúnios decorrentes da precariedade socioeconômica e da escassez de espaços de lazer. Todavia, o enfrentamento da violência urbana e dos processos de segregação não deve recair sobre a população, como se esses fossem os únicos responsáveis pela superação dos problemas presentes nos territórios.

A revisão de literatura publicada por Ribeiro et al. (2009) revelou que a exposição constante à violência urbana está estatisticamente associada a problemas de saúde mental em diferentes segmentos etários. Também existem registros robustos na literatura especializada que indicam que a exposição à violência, seja no contexto familiar ou comunitário, aumenta as chances do desenvolvimento de quadros sindrômicos e de deterioração da saúde física e mental das vítimas (Mari et al., 2008; Rutherford et al., 2007). Desse modo, com base na literatura da área e nos resultados empíricos da presente investigação, pode-se afirmar que a exposição contínua à violência urbana e às vulnerabilidades territoriais podem implicar prejuízos psicossociais aos participantes. O fato de resistirem na adolescência e infância a estes fatores estressores não se configura como uma capacidade absoluta de resistência a esses indicadores de riscos ao desenvolvimento, de modo que prejuízos futuros podem emergir em suas vidas.

“Me Desligar Foi Doído”: Rupturas Relacionais

Esta temática abordou os rompimentos relacionais vividos pelos participantes no decorrer da vida, com destaque para aqueles que pareceram ter sido mais contundentes e significativos para os jovens. Identificou-se, durante a análise temática, que vários vínculos interpessoais, estabelecidos com diferentes figuras, foram rompidos e impactaram a vida dos participantes, tanto na adolescência quanto na vida adulta. Esses rompimentos ocorreram com as primeiras figuras de cuidado (como mães, avós e pais), com espaços e instituições protetivas (como serviços e profissionais que atuavam em instituições que frequentavam) e, na vida adulta, em vínculos amorosos.

Os rompimentos de vínculos com pessoas da família pareceram ser os mais severos em suas vidas. Notou-se que todos os participantes relataram relações conturbadas e vínculos fragilizados com a figura paterna. O afastamento de avós e mães (embora, no caso das mães, não seja uma unanimidade) também foram mencionados como eventos marcantes e que causaram sofrimento nos participantes, tanto na adolescência quanto na vida adulta. Os relatos apontaram que alguns participantes sentem que deveriam ter recebido mais cuidados por parte de algumas pessoas, mas também indicaram que o afastamento de figuras protetivas de suas famílias provoca, ainda hoje, saudade e tristeza.

Os participantes, quando adolescentes, frequentavam instituições especializadas no atendimento a populações expostas à vulnerabilidade social ou a vítimas de violência. Três participantes mencionaram como foi difícil o rompimento com as atividades em que estavam engajados nestes serviços ou com os profissionais que os acompanhavam. Sem dúvidas, é preocupante quando esses desligamentos ocorrem, pois tratam-se de

adolescentes que necessitam de suporte social e emocional para lidar com as adversidades significativas vividas.

Na coleta de dados ocorrida em 2023, as rupturas relacionais continuaram, mas pareceram estar mais circunscritas às relações afetivas, divórcios, episódios de traição nos relacionamentos e mudança de cidade por necessidade econômica. A busca pela construção de uma nova família, com diferentes arranjos, apareceu em todas as falas, embora a maioria dos participantes tenha relatado separações e sentimento de frustração pelas experiências vividas nos relacionamentos amorosos. O participante Renato, por exemplo, retornou à casa de seus pais após avaliar que seu relacionamento não daria certo. Rita, por sua vez, relatou várias tentativas de recasamentos. Bárbara, que mantém uma relação homossexual, não demonstrou insatisfação com seu relacionamento, mas apontou que sente muita saudade da família que deixou em outra cidade.

As rupturas e restabelecimento de novos vínculos acompanharam toda a vida dos participantes e a técnica da linha do tempo, empregada nesta investigação, foi essencial para captar essas experiências e as repercussões psicossociais desses afastamentos. É importante refletir sobre como essas rupturas contínuas podem deixar os participantes vulneráveis.

Tabela 5. Rupturas Relacionais

Citações	
2010	<p>Pesquisadora: <i>Qual foi a mudança mais difícil para você?</i></p> <p>Bárbara: <i>Foi quando eu deixei de morar com a minha avó e vim morar com a minha mãe. Eu era muito apegada a minha avó, mais aí quando aconteceu aquilo comigo [episódio do abuso perpetrado pelo tio], quando eu completei 12 anos, eu vim morar com a minha mãe. Eu morava com meus primos, meu avô, e minha avó na frente. No fundo, morava só o meu tio. Todos os dias eu convivia com meus primos, meus tios e minhas tias. [...] Desde que eu era pequenininha, acho que com uns três meses, a minha mãe já foi viajar e me deixou com a minha avó. Aí eu estava acostumada com a minha avó e não fui embora mais.</i></p> <p>Renato: <i>Só minha mãe que conversa, meu pai não. [...] se eu fizer uma coisa errada, ele [pai] começa a brigar comigo.</i></p>

Pesquisadora: *Quando vocês vêm para cá no [projeto social], vocês não fazem mais as oficinas? Você sente falta?*

Renato: *Sim. Eu fazia, grafite, hip hop, circo, quadro, artesanato, violão e capoeira. Mas agora acabou... já fiz 17 [anos].*

Pesquisadora: *Fala do relacionamento com seu pai...*

Dilma: *Quando a gente morava junto, a gente só brigava, mas a distância... sei lá... para mim, se o meu pai chegar aqui hoje, eu não desgrudo dele um minuto. É que eu estou muito longe dele. Meu pai mora numa fazenda. Bom, [isso foi] o que o meu vô me falou, que ele está com uma professora lá, mas eu não sei. Quando ele foi para a fazenda, ele estava com uma mulher [...] o meu pai podia tratar dos filhos dela, ela tinha cinco filhos. Meu pai foi até bobo de ficar com ela! E de mim ele não podia tratar, que era uma filha só.*

Rita: *Quando minha mãe faleceu, eu tinha nove anos e não entendia quase nada. Aí eu fui crescendo [...] explicando, acho que o que mais faltou um pouco de diálogo na minha... no meu crescimento, sabe? Para uma criança crescer assim esperta, tem que ter diálogo.*

Dilma: *A [experiência] mais difícil de todas foi a perda do meu pai, mas eu tinha o Miguel [filho] e acho que isso me ajudou. Eu não podia nem sofrer. Ele só tomava peito e aquele [meu] medo de secar o leite. Tive que engolir o choro e seguir em frente. Mas a única coisa que me marcou assim, que desestabilizou mesmo, foi perder ele [pai]. [...] eu não lembro da minha mãe, por mais que eu tente, não consigo. Eu já tinha 9 anos quando ela morreu, mas não lembro, tive um bloqueio de memória. Não lembro da minha infância antes dela morrer e eu sempre pensava: “Eu quero ser mãe, quero saber como é ser mãe, quero ter um filho que tenha mãe, é um sonho meu”... eu sempre queria ser mãe. [...] Pelo que eu passei [abuso sexual], pelo processo que eu tive, eu fui conhecendo profissionais e eu me inspirei muito na XXXXX [assistente social que a atendeu por conta do abuso sexual sofrido]. Eu a conheci no Projeto Sentinela. Depois ela foi minha professora na faculdade. Me desligar [do Projeto Sentinela] foi doído, apesar de saber que tinha mais gente que precisava de cuidado.*

2023 **Pesquisadora:** *E hoje, como você lida com a distância da família?*

Bárbara: *Quando eu vim para cá [mudança de cidade], minha preocupação maior era minha avó, ela ficar lá sozinha. Porque meu tio morava no fundo, mas eles não ligavam muito.*

Pesquisadora: *Então, se afastar teve coisas boas?*

Bárbara: *Sim, me proteger. Lá tem muito problema, minha família é cheia de problemas, muita briga. Pra você ter ideia, ninguém se dá bem. [...] a distância ajuda, mas deixei muitos que amo, meus avós... eles me criaram e há pouco tempo ele faleceu. Eu fui até lá só para me despedir do corpo. Então é difícil, sinto saudades, mas...*

Dilma: *Nesse período, após o projeto, eu tive um relacionamento de 3 anos e fui embora para XXXXXX [cidade do interior de São Paulo]. Eu terminei a faculdade em 2016, conheci essa pessoa e fui tentar trabalhar por lá também. Na XXXXXX [cidade que morava durante a adolescência], eu não conseguia nada [emprego]. Achei que o financeiro seria melhor. Vivi 2 anos com essa pessoa em XXXXXXXX [cidade do interior de São Paulo]. No terceiro ano, minha*

mãe tinha construído no fundo da casa dela e a gente veio morar aqui, achei que podia ser bom. Depois de 4 meses, ele me traiu. Isso me abalou. [...] foi em 2020, que a gente, que eu comentei, sobre a minha separação, que foi algo que eu nunca tinha passado por isso na minha vida e a gente acha que o primeiro relacionamento a gente vai levar para o resto da vida, que é aquela pessoa que você escolheu é aquela que você vai viver. E, quando eu me deparei com uma situação de traição, que era algo que, tipo assim, já tinha acontecido na minha família, só que a gente nunca imagina que vai acontecer com a gente.

Pesquisadora: *Conta um pouco das suas vivências hoje...*

Renato: *Ah, também tem uma questão de... eu quase casei... e eu separei. Depois, voltei para a casa dos meus pais e tal. [...] eu era muito novo, novo de viver relacionamento, sabe? Ela era mais velha, já tinha filho e tal... eu fui morar com ela, mas aí não funcionou. Era briga todo dia! Acho que eu fui meio bobo [...] a gente vai para longe, não conhece ninguém, fiquei pensando...quebrar a cara e voltar pra trás de novo...*

Rita: *Eu acho que a cada dia acaba tendo um desafio. Agora, recentemente, eu estou separada. Esse é um desafio bem grande. E o crescer das crianças cada dia eles mudam, cada filho é de um jeito, vão crescendo, vão querendo resposta para tudo, a gente vai ficando sem saber.... as perguntas, dificuldades em si [...] Na verdade, essa separação é meu segundo casamento. No primeiro, eu tive o XXXXXX e a XXXXX [nomes dos filhos] e a gente viveu junto 5 anos. Aí eu me separei, fiquei separada uns 2 anos. Aí eu conheci esse meu segundo marido. A gente viveu junto uns dois anos também e aí a gente teve a XXXXXXX [nome da filha]. A gente foi tentando, tentando e não deu certo. A gente optou por separar, eu não nasci para ficar casada.*

Está amplamente registrada na literatura sobre o desenvolvimento humano a importância dos vínculos na constituição e fortalecimento das subjetividades (Oliveira & Rego, 2006). Os relacionamentos interpessoais e os eventos do ciclo de vida, como as rupturas e rearranjos, podem ser percebidos com naturalidade e de forma salutar; mas, dependendo de como ocorrem esses afastamentos, podem se constituir como fatores adversos e deixar marcas profundas. Além disso, de acordo com Goldrick (1999), as interrupções nos relacionamentos com outras pessoas podem ser percebidas, concomitantemente, como avanços (protetivos) ou retrocessos (risco), bem como podem estar permeados por sentimentos ambivalentes.

Na contemporaneidade, o contexto familiar ainda é compreendido socialmente como um espaço de afeto. Mas existem inúmeras condições que impedem que o cuidado

seja exercido, como a falta de recursos e as condições de miserabilidade a que muitas famílias brasileiras estão expostas (Gomes & Pereira, 2005). Além disso, o advento das tecnologias e o uso prolongado das redes sociais têm produzido relações distantes e contribuído para a instauração de conflitos nas relações familiares (Neumann & Missel, 2019).

Na presente investigação, todos os participantes relataram o sentimento de abandono de suas figuras paternas, o que está em consonância com a pesquisa de Fernandes (2022) e Rego (2022), que apontaram para a intensificação da ausência dos pais nos núcleos familiares e, em consequência, o aumento de famílias monoparentais chefiadas exclusivamente por mulheres. Reconhece-se, entretanto, que os homens na atualidade são mais responsabilizados, inclusive judicialmente, pela paternidade quando comparado a qualquer outro momento da história. Porém é inegável que as mães, ainda responsabilizadas pela sociedade com os cuidados da prole e na evidente negligência de muitos pais, recorrem à ajuda de outras mulheres (Mioto & Dal Pra, 2015; Sarti, 2004; Zola, 2015), como as avós citadas pelas participantes desse estudo.

Segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022) e de outros institutos de pesquisa, mais de 48% dos lares no Brasil têm mulheres como chefe de família, e esse percentual aumenta quando se focaliza as famílias de baixa renda, subindo para 81,6% (Dieese, 2023). As transformações nas configurações familiares, as mudanças no mundo do trabalho e as novas formas de interação mediadas por tecnologias repercutem nas relações interpessoais e intrapsíquicas e, por isso, repercutem no desenvolvimento de adolescentes e jovens, sobretudo daqueles que vivenciam processos crônicos de marginalização. Por exemplo, famílias monoparentais, sejam elas chefiadas por mulheres ou outras pessoas, podem ter mais dificuldades em estabelecer processos de

cuidado e estabelecer rotinas que sejam favorecedoras do fortalecimento de vínculos sociais e afetivos (Grzybowski, 2007).

Paralelamente aos vínculos familiares que, como destacado, nem sempre deixam marcas positivas no desenvolvimento de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social (em especial quando há rupturas que geram sofrimento), outros espaços de proteção, como projetos sociais e escolas ou relacionamentos entre pares e com profissionais que os atendem, podem atuar como fatores protetivos e mitigar os efeitos nocivos desses vínculos fragilizados. Os programas que ofertam atendimentos especializados e os serviços de contraturno escolar (em geral, vinculados a políticas de proteção básica), como os projetos sociais, podem ocupar um lugar importante na formação identitária de adolescentes e jovens que passaram por experiências adversas (Pereira, 2006; Reis, 2023; Souza, 2018).

A pesquisa de Pessoa et al. (2018) revelou que adolescentes que vivenciam situações adversas podem ser beneficiados ao se engajarem em atividades artísticas e corporais ofertadas em espaços de convivência e fortalecimento de vínculos (como a música, dança, artes em geral, esportes, oficinas de circo, entre outros). Nesse caso, de acordo com os autores supracitados, os processos de resiliência promovidos por esses serviços estão ligados à: (i) flexibilidade das instituições, que entendem que os processos de desenvolvimento dessa população que é não normativa; (ii) oferta de atividades que são significativas e atrativas para os usuários dos serviços; (iii) possibilidade de os adolescentes e jovens se engajem em problemáticas sociais que estão presentes em suas comunidades, de modo que sejam capazes de reconhecer e enfrentar os problemas estruturais que os colocam em condições de subalternidade e desvantagem social; (iv) viabilização de recursos para que os adolescentes planejem e desenvolvam projetos de vida realizáveis e tangíveis.

Complementarmente, Pessoa et al. (2018) discutiram o papel central que os profissionais que atendem os adolescentes podem ocupar, como se fossem tutores de resiliência. Santos e Pessoa (2020) definiram tutores de resiliência como pessoas que são fontes de inspiração, que encorajam e impulsionam o sujeito a lidar com os infortúnios da vida; é alguém que, por ocupar um espaço tão significativo na vida do outro, auxilia na mobilização de recursos internos e externos que tornam possível a promoção de resiliência. Assim, quando adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social vivenciam inúmeras rupturas relacionais durante o ciclo vital, os profissionais que os atendem podem fortalecê-los através do estabelecimento de relacionamentos genuínos e permeados por cuidado. Por outro lado, quando os vínculos com esses profissionais (tutores de resiliência) também sofrem rupturas drásticas, aumenta-se a probabilidade da ocorrência de desfechos desenvolvimentais desfavoráveis.

Nota-se, ainda, que existem lacunas importantes na estruturação dos serviços que compõem o Sistema de Garantia de Direitos (SGD). Os projetos sociais que são desenvolvidos em serviços vinculados à proteção básica, em geral, não atendem adolescentes após os 16 anos (Floriano et al., 2022; Motta, 2022), deixando essa população desprotegida, pois passam por outros tipos de rupturas relacionais: com os serviços disponíveis na rede e com os profissionais que, muitas vezes, são referências importantes em suas vidas (Tipificação dos Serviços Socioassistenciais, 2014). O baixo investimento em políticas voltadas a adolescentes acima de 16 anos e à juventude torna-os vulneráveis (Fróis, 2022; Miguel, 2020). Esse cenário é ainda mais nefasto para as filhas e filhos da classe trabalhadora, que não encontram espaços de lazer, não se inserem em atividades laborais (ou o fazem em condições degradantes) e não acessam níveis mais elevados de educação formal (Bottrell & Pessoa, 2019).

Os desdobramentos das rupturas relacionais vividas na infância e adolescência podem se estender em médio e longo prazo. Com base em Pinho et al. (2018) e nos dados empíricos desta investigação, sugere-se que os participantes, quando constituíram novas famílias através de relacionamentos afetivos, permaneceram expostos a múltiplos fatores estressores (sobrecarga do trabalho, divisões de tarefas domésticas, educação dos filhos, entre outros). Os conflitos nos relacionamentos íntimos parecem se avolumar e, ao que parece, os rompimentos relacionais, presentes em várias etapas de suas histórias de vida, deixaram marcas que pareceram ser levadas para os próximos arranjos familiares, perpetuando ciclos de insatisfações, decepções e desvinculações (Martins, 2021; Medeiros, 2020).

Em síntese, a análise desta temática indicou que os participantes tiveram, ao longo de suas vidas, inúmeros rompimentos relacionais. Essas rupturas foram descritas como dolorosas e, de certa forma, até mesmo incompreendidas pelos jovens. A fragilização dos vínculos pareceu mais proeminente com pessoas da família, profissionais que os atenderam em algum momento de suas vidas e relacionamentos amorosos que estabeleceram na vida adulta. Os efeitos do sentimento de abandono e das frustrações nas relações que foram rompidas não foram analisados clinicamente, mas intervenções terapêuticas poderiam elucidar conteúdos que ficaram ausentes nesta investigação.

***“Eu Queria um Lugar para Eu Ser Cuidada”:* Sofrimento, Sintoma e Revitimização do Abuso Sexual**

Em termos dos fatores de risco que se perpetuam na vida das participantes, foram constatadas algumas similaridades entre as que tinham sido vítimas de violência sexual na adolescência. Por exemplo, ambas falaram sobre a insatisfação com o próprio corpo,

pois estavam com sobrepeso. A participante Bárbara mencionou, tanto na entrevista de 2010 quanto em 2023, que se sentia incomodada com o seu peso corporal. Na mesma direção, Dilma relatou que, por conta do seu sobrepeso, apareceram manchas em seu pescoço e que passou por uma situação vexatória e desconfortante por essas marcas em seu corpo. Esses achados levantaram a hipótese de que as adversidades vividas na infância ou adolescência podem manifestar ou manter sintomas a curto ou longo prazo, ou seja, em outras etapas do ciclo desenvolvimental.

Tabela 6. Sofrimento, Sintoma e Revitimização do Abuso Sexual

Citações	
2010	<p>Bárbara: [...] <i>eu passei por psicólogas, que foi onde eu conheci a XXXXX [pesquisadora]. Nossa, naquele momento foi ótimo, foi maravilhoso. Eu melhorei minha cabeça, conseguia conversar com outras pessoas, mas depois que saí de lá [projeto especializado no atendimento de vítimas de violência sexual] não mais. Meu corpo também mudou um pouco né, fiquei mais gordinha. [...] Fiquei mais gordinha, cresci. Antigamente eu usava 36 e agora eu uso 40.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Como você se sente com essas mudanças?</i></p> <p>Bárbara: <i>Com [meu] corpo está muito estranho.</i></p>
2023	<p>Pesquisadora: <i>Você não continuou com nenhum cuidado?</i></p> <p>Bárbara: <i>Não, parou tudo quando saí do projeto [2 anos do projeto especializado em atendimento a vítimas de violência sexual]. E eu desenvolvi uns transtornos após tudo o que me aconteceu [abuso sexual] ... ansiedade, estresse, eu tive depressão [...] e fisicamente tenho as questões da obesidade.</i></p> <p>Dilma: [...] <i>não sei se você já viu umas manchas escuras na região do [meu] pescoço. Isso muita gente obesa tem por causa da insulina do corpo. Eu fui ao supermercado e eu estava passando uma compra. Uma pessoa estava do outro lado no outro caixa, apontou para mim e falou do meu pescoço. Nossa, foi ruim! As pessoas que não sabem pensam que é sujeira, falta de higiene. Foi constrangedor, fiquei muito incomodada!</i></p>

Como descrito, a participante Bárbara chegou a mencionar outros quadros sintomatológicos que desenvolveu em algum momento de sua vida, além da obesidade. Queixou-se, também, que não encontrava espaços para cuidar de si e da sua saúde mental. Somado à ausência de cuidado mencionado pela participante Bárbara, nos excertos de

Dilma, percebeu-se que profissionais de instituições formais, que deveriam proteger as vítimas de abuso sexual, tiveram condutas inapropriadas. Tanto a delegada quanto o padre podem ter revitimizado a adolescente ao insistirem que ela deveria se esforçar para perdoar o agressor. Fundamentaram-se em preceitos religiosos e deram recomendações de senso comum, que podem até mesmo gerar na vítima o sentimento de culpa pela violência que sofreu.

A participante Dilma revelou, na entrevista de 2010, os sentimentos ambíguos que tinha para falar sobre o abuso sexual que sofreu. Isso pode ser explicado, ainda que parcialmente, pelo fato dela ter recebido orientações que a levaram a crer que perdoar o agressor poderia, de alguma forma, amenizar ou sanar os seus problemas. Isso é tão complexo que, mesmo adulta, na entrevista de 2023, ela afirmou que sabe que em casos de violência sexual há uma tendência de as pessoas responsabilizarem as vítimas, o que a causa insegurança para falarem a respeito e gera medo de serem desacreditadas.

Tabela 7. Sofrimento, Sintoma e Revitimização do Abuso Sexual 2

	Citações
2010	<p>Dilma: [...] <i>como no meu caso, né?</i> [abuso sexual sofrido], <i>eu falo assim: “Tá nas mãos de Deus”</i>. <i>Se fosse o meu pai que tivesse feito isso com uma filha dele [filha do abusador], ia ser a mesma coisa. Aí a delegada falou quando eu fui [na delegacia], que ele devia ter pensado nos dois lados, que isso é um crime e não pode tal. Mas ela [a delegada] também é católica. Aí ela falou: “Quem é da igreja, a gente tem que perdoar mesmo. Porque se Deus fez, que Jesus tudo fez, ele fez o que fez e fizeram tudo com ele, ele ainda perdoou, ele ainda morreu depois de todas as coisas”, a gente também [tem que perdoar]. Quem é nós [para não perdoar]? Minha mãe também está certa, porque polícia tira a vida de bandido e pode ser o que for, mas é um filho de Deus também [...] quando eu mudei, eu logo crismei. Aí eu fiz a confissão para o padre e tudo. Aí ele falou: “Você tem que perdoar essas coisas e pedir para Deus que isso não aconteça com mais ninguém”. Mas acontece! Aí, meu caso foi parar na justiça. Aí o delegado falou “Ele vai me dar a casa dele, porque ele é pobre”. Eu falei assim: “Eu não quero... ele pode fazer, pagar aí, eu não quero. A família dele não tem culpa de nada disso que ele aprontou”. A mulher dele ligou para minha mãe um pouco depois que aconteceu [porque] ela não acreditava que tinha acontecido essas coisas, que ele já tentou abusar da própria neta.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Você acha que perdoar te faz bem?</i></p> <p>Dilma: <i>Ajuda... ao mesmo tempo ajuda e ao mesmo tempo não. Porque que nem eu aprendi: se guardar as coisas, guardar pra gente, as coisas vão</i></p>

crescendo dentro da gente e vai ficando pior. Então, às vezes eu falo “ajuda” porque eu não perco aquela pessoa. Mas eu fico em casa e fico pensando naquela coisa assim.

Pesquisadora: *Lá no bairro onde você mora, existe algum serviço ou projeto ao qual você possa se vincular?*

Bárbara: *Eu já procurei, mas às vezes que fui me oferecem remédio e não é isso que eu quero [...] eu queria um lugar para eu ser cuidada, como era lá no projeto, conversar... dividir. Mas a gente cresce, né! Não tem mais...*

2023 Pesquisadora: *E como você lida com isso hoje?*

Dilma: *Antes eu não conseguia falar sobre [o abuso sexual]. Assim, eu ia falar sobre um assunto, vinham várias perguntas na cabeça: “Será que a pessoa está com ódio? Será que acredita no que estou falando? Será que tá achando que eu estou inventando?”. Então, antes era muito mais complicado. Dava um certo receio de contar e haver um julgamento. Porque hoje, quando uma pessoa sofre um estupro, as pessoas falam: “Ah, fez o que quis, gostava!”. E não é assim. Quem passa por isso realmente é uma situação muito difícil.*

A literatura sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes já evidenciou que as vítimas podem apresentar uma complexidade de sintomas psicológicos e físicos (Santos et al., 2022). Estudos, inclusive, indicaram que algumas vítimas podem experimentar distorções de autoimagem, desenvolver sintomas compulsivos ou alterações em seu comportamento alimentar como forma de lidar com o trauma (quadros de distúrbios alimentares) ou mesmo “engordar propositalmente” para se tornarem menos “atraentes” para os agressores (McGoldrick et al., 1989; Santos et al., 2022; Villela & Lago, 2007). No entanto, é importante destacar que cada indivíduo reage de maneira singular às experiências adversas vividas, não sendo possível generalizar tais comportamentos para todas as vítimas.

Algumas vítimas de violência sexual desenvolvem sintomas em longo prazo (Neres, 2022). Em função disso, a comunidade científica tem desenvolvido pesquisas relacionadas aos efeitos deletérios da violência sexual na saúde física e mental de mulheres adultas que sofreram violência sexual na infância ou adolescência (Freitas & Farinelli, 2016). A pesquisa de Coelho et al. (2021), por exemplo, evidenciou que sofrer

violência na infância está associado ao ganho de massa corpórea na adolescência e vida adulta.

Os serviços de saúde têm sido a porta de entrada para as vítimas de violência sexual (Aguiar et al., 2023; Hernández, 2022). Simões et al. (2019) indicaram que esses profissionais devem ampliar o conhecimento e a atuação profissional para além do paradigma biomédico, pois devem considerar as dimensões sociais e psicológicas que se manifestam na vida das vítimas de violência sexual. Os sintomas dessas vítimas nem sempre são fáceis de serem identificados e intervenções exclusivamente pautadas no uso de fármacos podem ser incompletas e ineficazes. Isso porque as vítimas podem ter dificuldades de associar seus sintomas atuais com as experiências associadas à violência que sofreram em outras etapas do ciclo desenvolvimental (José, 2021; Madalena & Falcke, 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem feito referência à necessidade de que todos os profissionais envolvidos na prevenção e na intervenção da violência sexual sejam devidamente capacitados para desenvolverem protocolos adequados para a intervenção com vítimas de violência sexual, bem como no enfrentamento a situações que podem potencialmente gerar revitimização (Casas-Munhoz et al., 2023). Os protocolos de atendimento têm o propósito de garantir que ações de senso comum, muitas vezes baseadas em preceitos religiosos, sejam abolidas, pois são um desserviço aos atendimentos prestados às vítimas de abuso sexual, que passam a acreditar que são culpadas pelo que ocorreu e que o perdão e o esquecimento resolverão tudo. Entretanto, ainda prevalecem ações nas políticas públicas que se amparam em valores patriarcais e machistas, cujos valores familiares justificam que experiências abusivas permaneçam silenciadas (Lira et al., 2017).

Capítulo 5

Análise Longitudinal de Processos de Resiliência a partir da Abordagem das Sete Tensões

Neste capítulo foi retomada a abordagem teórica apresentada por Ungar (2005; 2008) acerca da abordagem das 7 Tensões, definidas como problemática ou desafios presentes na vida de adolescentes e jovens e, quando superadas ou enfrentadas, podem implicar na expressão dos processos de resiliência. Nesse sentido, foram apresentados excertos derivados do trabalho de campo e que evidenciaram quais das Tensões pareceram ter sido enfrentadas pelos participantes e em qual momento de suas vidas (na adolescência, quando adultos ou em ambos os períodos).

A discussão consiste em demonstrar como a resolutividade das Tensões explicam, ainda que parcialmente, as razões pelas quais os participantes, mesmo enfrentando inúmeras adversidades no decorrer de suas vidas, conseguem navegar e negociar em suas ecologias os recursos necessários para a manutenção de indicadores de saúde mental e, conseqüentemente, dos processos de resiliência. Sugere-se, ainda neste capítulo, que uma nova Tensão seja incluída no modelo teórico: *A capacidade de nutrir projetos de vida*.

5.1 Acesso a Recursos materiais

Esta tensão discorre sobre os recursos necessários para a sobrevivência e oportunidades financeiras, educacionais, de acesso saúde e assistência social, o que inclui disponibilidade de alimentos, roupas e outros recursos indispensáveis para a manutenção da saúde física e mental. Assim, é relevante destacar que os processos de resiliência só podem ser promovidos quando as pessoas dispõem de recursos que asseguram as condições básicas para subsistência. Esse debate é ainda mais relevante em países como o Brasil, onde parte da população vive em condições de miserabilidade e insegurança alimentar.

De acordo com relato dos participantes, identificou-se que, quando adolescentes, suas famílias enfrentavam inúmeros desafios socioeconômicos, materializados pela

escassez de recursos e luta cotidiana para a compra de alimentos. Mencionaram, ainda, precariedade nos contextos institucionais que frequentavam ou inacessibilidade aos recursos que deveriam ser de uso coletivo da comunidade. Um dos participantes chegou até mesmo a relatar que precisava trabalhar na rua ou pedir dinheiro para que ele e sua família não passassem fome. Desse modo, os dados empíricos coletados na adolescência sugerem que a Tensão *Acesso a bens materiais* não foi enfrentada ou solucionada nesse período desenvolvimental.

Porém, os quatro participantes deram ênfase, na coleta de dados realizada em 2023, como suas vidas mudaram. Falaram, por exemplo, da importância de terem acesso à cultura, lazer, alimentação e destacaram a importância do trabalho para essas conquistas (embora, como debatido no Capítulo 4, o trabalho também aparece como algo que promove exaustão e, em alguns casos, repercute nos indicadores de saúde mental dos participantes). Alguns participantes, quando entrevistados durante a adultez, retomaram as dificuldades que vivenciaram com suas famílias no passado e como suas vidas tinham mudado. Portanto, ao analisar longitudinalmente suas trajetórias, nota-se que a Tensão *Acesso a Recursos materiais* foi solucionada apenas na vida adulta.

Tabela 8. Acesso a Recursos materiais

Citações	
2010	<p>Pesquisadora: <i>Quais recursos têm no bairro para o jovem poder usar, da prefeitura?</i></p> <p>Renato: <i>Acho que os computadores da escola, parques [praças] que tão fazendo por aí [...]tem o salão comunitário, perto de casa, inaugurou. Sempre tem festa lá. Minha mãe vai, mas meu pai não gosta dessas coisas não. Eu vou! [...] tem alguns lugares: parques, lan house, as escolas no final da semana. Tem Escola da Família [projeto social do governo Federal] que tem pinturas, jogos. Eu frequento quando não vou trabalhar. Às vezes eu e meu irmão não voltava para casa depois da escola porque a gente vai para rua pedir dinheiro.</i></p> <p>Rita: <i>Ah depois eu vou fazer cursos, eu acho que eu vou entrar na (...) do PETI porque aí faz curso num horário contrário da escola, se faz o curso do curso você vai para o serviço.</i></p>

Pesquisadora: *É pelo PETI, pelo SENAC? [...] o do PETI, eu acho que é lá no SENAC.*

Rita: *Aqui no projeto (...) trabalho, a Lizandra procura pra gente*

Barbara: *Eu e minha companheira, a gente vai de carro. Compramos para trabalhar A gente trabalha junto na mesma fábrica.*

Pesquisadora: *e aí... me trouxe meu emprego*

Barbara: *foi muito bom porque todo ficou diferente, sabendo com que posso contar. É outra sensação, é uma segurança de todo mês, a conta vem. As vendas, a gente precisa correr atrás do cliente, a gente precisa dar... um up.*

Dilma: *Hoje a gente está pensando na casa própria, quer quitar o carro, mas a gente olha em 3 anos... nossa a gente vive muito bem! Nossa casa é bem mobiliada e nós começamos do zero [...] a proteção que eu não tive. Porque assim, o Projeto Sentinela me trouxe dias de lazer, né? A gente teve XXXXXX [clube particular] para passear, XXXXXX [clube particular], o XXXXXX [clube particular] eles me levaram. Todo final do ano tinha uma comemoração de confraternização, a gente ia para o XXXXXX [churrascaria]. E, naquela época, a minha realidade financeira não era isso.*

Pesquisadora: *Você falou do CRA e UBS. O que esses lugares oferecem?*

Renato: *Hoje a gente não usa muito o CRAS. Minha mãe vai lá para as moças ajudarem a explicar as coisas de aposentadoria do meu pai. Mas antes era o jeito de sobreviver, buscar cesta, conversar sobre problema com os filhos, vaga no projeto. O posto de saúde a gente usa sempre que tem alguma doença ou para tomar vacina [...] assim, a gente nunca teve quando a gente era pequeno um videogame. E hoje em dia tem, pode comprar. Então, é um passatempo lá em casa, computador também. [...] Eu faço o que eu gosto. Ah, vai ter um negócio lá na [...], eu vou. Vai ter alguma coisa no shopping, eu vou. Se der pra ir eu vou. Gastar dinheiro pra comer também, qualquer coisa que eu tenho vontade... não estou nem ligando, eu como! [...] 2013 eu comprei minha bicicleta com meu salário e foi demais! Parecia que eu tinha ficado rico, de tão feliz. 2016 também foi uma puta conquista, comprei meu carro e foi outra realização e em 2018 eu acabei de pagar o carro. Foram conquistas grandes.*

2023

Rita: *É um bairro que se eu quiser sair para ir ao espetinho, eu consigo ir a pé, você entendeu? Tem tudo muito próximo. Eu acho muito bom essa parte do bairro. Tem até pista de skate. Isso facilita muito a minha vida ne. Hoje eu tenho carro, mas um dia eu não tive carro e isso me ajudou bastante, morar ali. [...] é um lugar que tem recurso, lazer e família perto. [...] Agora desde 21 [anos] eu estou investindo na confeitaria. Acabei o curso esse ano e quero fazer gastronomia, mas primeiro vou ter que fazer supletivo. Não acabei o 3º [ano do ensino médio], abandonei lá atrás. Acho que é isso um resumo desses 12 anos. [...] Eu gosto mesmo porque ela marca a minha conquista. Agora é para valer: eu sou confeitadeira! Eu já venho há muito tempo me esforçando para isso.*

Ungar (2008) afirmou que os jovens que demonstram processos de resiliência são aqueles que navegam e negociam por recursos disponíveis em suas comunidades, o que, em última instância, implica em enfrentar e lidar satisfatoriamente com as Tensões. Porém, é necessário que recursos estejam disponíveis para serem negociados e acessados. Os princípios que regem a resolução das Tensões são a *navegação* (a pessoa só pode escolher algo que existe e está disponível em seu contexto), a *negociação* (negociar entre o que existe e o que se pode ofertar), a *homogeneidade* (o que tem em comum na cultura e promove processos de resiliência comunitários) e a *heterogeneidade* (variáveis que se associam a expressões singulares de resiliência). Desse modo, ter acesso a recursos materiais disponíveis, que possam ser acessados e negociados, facilitam processos de resiliência de adolescentes e jovens (Ungar, 2005; Walsh, 2015).

A escassez e inacessibilidade a recursos que assegurem a subsistência comprometem substancialmente as oportunidades acadêmicas e profissionais de adolescentes e jovens, em especial daqueles que vivem em territórios marcados por exclusão e vulnerabilidade social (Poortinga, 2012). Além disso, de acordo com Yunes et al. (2007), “as condições indignas e a precariedade das contingências econômicas e sociais que castigam a maioria das famílias brasileiras podem afetar de forma adversa o desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos”, o que dificulta a manifestação dos processos de resiliência destes grupos. Por outro lado, a implementação de políticas públicas eficazes e que auxiliem no rompimento de ciclos intergeracionais de pobreza e miserabilidade dessas famílias, pode implicar na superação das adversidades impostas socialmente (Aldrich & Meyer, 2015; Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002).

Para que cumpra esse papel transformador e revolucionário, as instituições, governamentais e não-governamentais, têm que se comprometer com a não reprodução de modelos que confirmem uma lógica excludente que aniquila os sonhos dos

adolescentes e provocam marginalização (Barros et al., 2011). Sabe-se que o desenvolvimento de crianças e adolescentes é influenciado pelos fatores de risco e proteção que estiveram expostos ao longo de tempo (Souza et al., 2019). Esta temática sugere que a inacessibilidade a recursos materiais fez parte da vida dos participantes durante muito tempo, tornando-os vulneráveis. Todavia, os dados empíricos sugeriram que, na vida adulta, eles conseguiram romper com condições de precariedade extrema, o que indica que algumas Tensões podem ser superadas mais precocemente ou mais tardiamente, a depender da combinação de inúmeras variáveis desenvolvimentais.

5.2 Relacionamentos

Esta Tensão abordou como os relacionamentos interpessoais, estabelecidos com pessoas significativas da família, com amigos e outros adultos na comunidade ou de instituições que frequentaram, foram cruciais para a promoção de resiliência. Como debatido no Capítulo 2 desta Tese, tem sido amplamente argumentado pela comunidade científica internacional que os relacionamentos aparecem como o ponto chave na promoção de resiliência de adolescentes expostos a adversidade significativas, independentemente da cultura e da realidade sociocultural.

Essa Tensão parece ter sido enfrentada pelos participantes tanto na adolescência quanto na vida adulta, na medida em que os participantes relataram inúmeras pessoas com quem puderam contar ao se deparavam com desafios cotidianos. Quando participaram da pesquisa na adolescência, percebeu-se a forte referência de figuras femininas, como mães, avós e madrinhas. Os amigos da comunidade e da escola também foram citados inúmeras vezes como fonte de apoio. Além disso, mencionaram vários profissionais que atuavam em projetos sociais e que fizeram e diferença em suas vidas, ao ponto de se tornarem modelos ou fontes de inspiração até mesmo para escolhas futuras.

Quando foram entrevistados novamente na vida adulta, os relacionamentos interpessoais se mantiveram fundamentais para os auxiliarem a navegar pelas adversidades. Nos excertos da coleta de dados de 2023, observou-se o acréscimo de outros tipos de relacionamentos, como vínculos em contextos de trabalho, nas instituições religiosas que frequentavam, com filhos e a formação de novos arranjos familiares, mas os familiares e amigos continuaram sendo citados. É importante salientar que quando perguntados sobre as pessoas que fizeram a diferença e suas vidas, sem delimitar um momento específico, vários participantes reportaram os profissionais que conheceram ainda na adolescência. Dessa forma, os achados dessa Tensão corroboram com o que é postulado pela literatura da área e reforça a imprescindibilidade da presença de pessoas de confiança para a promoção de resiliência.

Tabela 9. Relacionamentos

Citações	
	Pesquisadora: <i>O que você faz quando tem algum problema?</i>
	Barbara: <i>Primeiro conto para a minha mãe para ver se ela pode me ajudar. Depois eu tento resolver o mais calmo possível.</i>
	Pesquisadora: <i>Quais as coisas que te fortalecem?</i>
	Barbara: <i>A minha mãe. Às vezes me dá conselhos e isso me dá um pouquinho de segurança.</i>
	Pesquisadora: <i>Fala um pouquinho dos seus relacionamentos importantes.</i>
	Barbara: <i>É com a minha mãe, com a minha tia e com a minha prima... só assim [...] elas me ajudam, me ajudam bastante. Elas me ajudam quando eu não entendo uma coisa, elas me explicam de novo. Quando eu estou no sufoco elas me ajudam e assim vai.</i>
2010	Pesquisadora: <i>Você pode descrever seus amigos para mim?</i>
	Barbara: <i>Sim, amigos eu não tenho muitos amigos homens. Eu não me dou muito com meninos, mas me dou com meninas.</i>
	Dilma: <i>Ela [avó] me dá segurança, porque eu já moro com ela bastante tempo. [...] Os amigos, um lugar... vamos dizer... bom, ali do meu bairro eu também acho, é isso o lado bom dele [ter amigos no bairro]. [...] São ótimos os meus relacionamentos com todo mundo. Eu às vezes eu solto uma patada nas pessoas, só que esse problema que eu tenho é meu... eu desconto em cima dos amigos, mas fora isso.[...] Sim, sinto apoio da minha mãe, de vó... elas me apoiam bastante quando eu falo: “Há, eu quero fazer isso”. [...]eu falo dos cursos que eu quero fazer, a minha faculdade qual vai ser. A minha mãe fala: “Isso filha, você faz isso que você chega lá! Sonha alto que você vai conseguir!”</i>

Quem sonha alto sempre alcança!”. Mas acho que no meu dia a dia eu tenho sempre apoio da minha mãe... minha amiga que assim é 24 horas uma com a outra. Então eu tenho apoio todo dia.

Renato: *Minha mãe liga, fica preocupada de eu ficar na rua, [...] fala para eu tomar cuidado. [...] Amigos, mais da escola e do bairro. [...] são legais, divertidos na escola [...] grupo pequeno, uns quatro só, a gente fica mais junto na escola. [...] [fora da escola] nós ficamos no parque jogando bola... na lan house [...] é legal. São divertidos, brincalhões. [...] tem os moleques do projeto... todo mundo gosta do XXXXXXXX [professor de Hip Hop].*

Renato: *É eu acho que a XXXXXXXX [menciona sua madrinha ao ser questionado sobre pessoas importantes em sua vida], porque ela é a pessoa que me colocou no caminho certo [...] a XXXXXXXX, ela que levou ali... eu comecei a ir [à igreja] porque ela que me convidou [...] tenho muito carinho. Já conviveu um tempão junto. Sempre, toda semana está ali fazendo a reunião. A gente se conhece bastante, sente mais é muito carinho mesmo. [...] A professora é gente boa! Ela que ensina a gente a fazer as coisas.*

Rita: *O meu pai sempre me apoiou em tudo. Eu sempre fui o xodó dele... então ele sempre me ajudou sim; [...] ajudou a superar isso [abuso sexual sofrido].*

Rita: *[...] conversando com as minhas amigas que faziam lição, só eu lá desandada. Aí eu comecei a namorar esse ano tudo [...] namorando eu tenho que ter uma responsabilidade. Aí eu pensei, parei e pensei... porque eu sempre quis fazer pedagogia. Se eu vou fazer uma faculdade, eu tenho que estudar. Aí eu comecei estudar, porque eu estava muito bagunceira, sabe? E minhas amigas ajudaram. [...] É a XXXXXXXX! [amiga] Ela está sempre me apoiando. Se eu faço alguma coisa errada, ela fala: “Isso está errado”. Ela é uma mãe para mim. [...] A XXXXXXXX [amiga] ela é assim, ela é uma pessoa extrovertida, alegre, sempre está alegre. Se você está triste, ela chega e alegra tudo. Ela é amiga em todos os momentos, sabe? Ela é amiga, ela é irmã, ela zoa, brinca... ela é tudo! A XXXXXXXX [amiga] é assim: a gente dança junto Hip Hop. A Aline faz o meu estilo assim... a gente anda com calça larga, a gente dança [...] Amigo mesmo eu tenho o Márcio, que é gay. Ele é homossexual. Ele é extrovertido também. Todos os meus amigos são assim. Eu também sou assim... a gente gosta muito de brincar e ele zua bastante também.*

Pesquisadora: *Tem alguém que serve de modelo para você?*

Rita: *Tenho. Aqui tem meu professor de hip hop e tem a namorada dele, que dança ‘pra pega’ [muito bem] também. Ela faz pedagogia também [...] Ela dança, ela faz pedagogia... é um pessoa que eu me inspiro muito. Ela é gente boa eu converso com ela. [...] Aí também tem o Danilo, que é o meu namorado. Ele dá aula de capoeira e eu me inspiro muito nele. Ele me ajuda tudo, tudo... toda dificuldade que eu tenho eu conto e ele me ajuda.*

2023

Barbara: *Ahhh, eu a conheci [companheira] em um grupo de WhatsApp. Aí a gente começou a conversar em 2014. Ela ficava indo para XXXXXXXXXXXX*

[cidade de origem da participante] a cada 3 meses, por 3 anos. Depois eu vim para cá, porque ela já era daqui. [...] Minha parceira, ela me dá muita força, ela incentiva tudo o que eu penso. Ter essa companheira tem feito muita diferença [...] pessoa que me marcou muito é a Jennifer, minha companheira... a família dela, sabe? Eles são muito acolhedores. A mãe dela é mais próxima de mim do que a minha própria mãe, a gente tem mais proximidade. É uma pessoa que se eu penso, conto e ela diz: “Vamos, vamos, vai conseguir!”.

Barbara: [...] eu passei por psicólogas, que foi onde eu conheci a Renata [pesquisadora]. Nossa, naquele momento foi ótimo, foi maravilhoso!

Barbara: Inspiração? Tudo que aconteceu de bom na minha vida foi ela [a madrinha]. Ela sempre me ajudou e apoiou muito [nesse momento a participante se emociona e chora]. Por exemplo, quando eu vim para cá [cidade da companheira], minha preocupação maior era minha avó, ela fica lá sozinha. Porque meu tio morava no fundo, mas eles não ligavam muito. Ela falou para mim: “Vai que a gente cuida. Nós somos filhos da vó, você é neta... precisa fazer sua vida”. Aí eu vim... ela me deu o maior apoio. Sai de lá e minha mãe, no começo, ficou meio assim, mas... aceitou. Minha inspiração é minha madrinha.

Dilma: Eu, há 3 anos, conheci uma pessoa que nós estamos hoje juntos. Ele me convidou [para mudar para a cidade dele] porque ia abrir um concurso lá na minha área. Eu fui e estou com ele. [...] ele me ajuda demais, me apoia. E é por isso que eu consigo. Faz 3 anos que ele me dá suporte. O Paulo foi importante, conheci o Paulo pela rede social, num grupo de religião. Nós somos muito católicos e aí a gente começou a conversar. Ele também tem uma história legal na igreja. A gente trocou telefone e começou a conversar. Dentro de 1 mês a gente se conheceu, começou a namorar e construir nossa história. [...] Ahhh, se não fosse isso não sei se eu dava conta. Isso foi um dos meus pilares: a igreja e meu relacionamento foi tudo para mim. Ele é muito parceiro em tudo, até no cuidado com minha mãe e avó.

Dilma: Pelo que eu passei [abuso sexual], pelo processo que eu tive, eu fui conhecendo profissionais... eu me inspirei muito na XXXXXXXX (assistente social). Eu a conheci no Sentinela e depois ela foi minha professora [na faculdade]. No meu primeiro semestre eu pensava: “O que que eu tô fazendo aqui? É tudo muito teórico”. Você não tem ideia que Assistente Social estuda tudo aquilo! Então eu pensava: “Não vou dar conta!”. Mas ela me incentivava muito. Depois vieram os estágios e eu fiz na prefeitura de XXXXXXXX. Aí eu fui vendo que eu conseguia e me apaixonei pelo Serviço Social. Fiz estágio com a XXXXXXXX, que também era maravilhosa. Elas foram inspiração para mim.

Pesquisadora: O que mais te inspirou a fazer a faculdade de Serviço Social?

Dilma: Me sentia respeitada lá [no Programa Sentinela]. XXXXXXXX [assistente social], XXXXXXXX [educadora social], eu achava elas demais! Também tive uma prima que trabalhou muito tempo no Conselho Tutelar. E eu pensava: “Eu tenho minha mãe que lutou bastante quando eu passei por aquela

situação [abuso sexual], que eu tive que ir para o Sentinela”. Minha mãe e meu pai foram fundamentais, e hoje tenho o Paulo. E profissional eu tive as meninas assistentes sociais do Sentinela. Eu amava aquele lugar! Me sentia segura...

Pesquisadora: *[quem foram as] pessoas que te apoiaram?*

Renato: *Meu pai e minha mãe, os irmãos, né? Meus irmãos, a maioria dos parentes. [...] Essa sou eu e minha amiga [mostrando a fotografia]. Ela é muito especial para mim, a gente se conhece desde pequeno. Nós saímos muito juntos, ela mora aqui perto de casa. A gente tem uma amizade grande. Hoje em dia a gente não se fala muito [porque] ela começou a namorar, está seguindo a vida dela agora. Mas ela foi e vai ser sempre especial para mim. Já enfrentamos maus bocados juntos também. [...] tem um amigo meu, que mora ali perto de casa. Ele é meu padrinho de igreja também. Ele sempre me apoiou, sempre me deu uma ajuda, deu uma força a mais. Me ensinou...[...] ele trabalhava... trabalha até hoje, né. Ele é gerente lá [no açougue onde o participante trabalha], ele é meu amigo...*

Renato: *O que ajuda? Acho que família. Assim, as pessoas que a gente conhece, que dá força, ajuda e dá um... às vezes... um conselho... tão sempre ali, tão sempre apoiando, tão sempre junto... [...] mesmo que a gente vai pra longe... mas, depois a gente volta, está tudo do mesmo jeito e agradável. A sensação de ser um lugar que você tem um trânsito, que você conhece todo mundo... que as pessoas sabem quem você é... isso ajuda. [...] meus pais eram pobres, mas sempre educaram a gente, eu não ia dar esse desgosto para eles.*

Pesquisadora: *Quem te apoia?*

Rita: *A família do meu ex, minha ex-sogra é uma mãe para a gente. Tem o pai do Miguel e da Sofia... eu moro na rua de cima da mãe dele. Ela é que me dá o suporte para eu trabalhar, sempre me deu. Me dá todo suporte familiar... e o pai da Maria Vitoria ele a vê a cada quarta. Ele trabalha em shopping e folga de quarta. [...] tenho, amigos, mas na correria é amizade que a gente se fala por telefone, mas se vê as vezes. Tem uns que a gente se vê praticamente todo final de semana, os amigos casados, que é amigo do meu ex. Eles têm filhos, as crianças brincam praticamente todo final de semana. É bem gostoso.*

Rita: *[...] eu te disse que tem minha ex-sogra, né? Ela é mesmo uma mãe para mim. Até hoje é quem me apoia com as crianças, mesmo o mais novo que não é neto dela. [...] Isso eu mudei para bairro dela... nossa, faz uma diferença! Ela mora na rua de trás da minh. Acho que sem ela eu não teria conseguido a confeitaria.*

Rita: *[...] da época do [Programa] Aquarela, coisas que marcaram... eu lembro muito das fotos, foi uma época boa. Eu gostava de estar lá. Quando lembro é bom! Lembro que ela [profissional] deu uma maquininha para a gente e eu achei aquilo o máximo... Foi massa... é bom lembrar. Acredito que ter tido*

aquele espaço me ajudou muito. Eu me sentia parte daquele lugar e quando tive que sair foi sofrido.

Rita: *Ahhh! Gosto demais dessa [foto]: eu e minha filha. Olha que cara feliz que a gente está! Era aniversário dela. Eu nunca deixo de comemorar com eles!*

Os relacionamentos com pares, familiares, profissionais e pessoas da comunidade parecem exercer uma função indissociável dos processos resiliência. Ter figuras de confiança parece retroalimentar o sentimento de esperança diante de eventos estressores (Neppl et al., 2015). Apesar de vivenciarem inúmeros desafios no decorrer da vida, poder expressar e sentir que existem pessoas com quem podem contar, independentemente das circunstâncias, pode gerar um sentimento de confiança e otimismo. Não se trata de uma visão ingênua ou acrítica das condições sociais que os colocam numa posição de subserviência e subalternidade; argumenta-se, contudo, que os relacionamentos permeados por afeto e reciprocidade no cuidado podem minimizar os efeitos de eventos adversos vividos.

Já existem evidências robustas de que nutrir bons vínculos relacionais, em especial com pares, são preditores de saúde mental (Ho, 2016). A pesquisa de Jiang e Wang (2020), por exemplo, revelou que ter bons vínculos entre pares na infância e adolescência diminui a ocorrência dos sintomas de depressão na vida adulta, o que é diferente para indivíduos que reportam sentimento de solidão e isolamento nestas etapas de desenvolvimento. Assim, diante dos achados da literatura e dos dados empíricos desta investigação, argumenta-se que a manutenção do sentimento de confiança em pessoas que fazem parte da rede de apoio afeito social, em diferentes etapas dos ciclos de desenvolvimento, está associada aos processos de resiliência de adolescentes e jovens que estão submetidos a processos de exclusão e vulnerabilidade duradouros.

Na mesma direção, a confiança estabelecida em familiares e pessoa da comunidade promove resiliência. Tucker et al. (2021) afirmaram que um dos fatores mais

importantes no desenvolvimento positivo na transição da infância e adolescência para a idade adulta é a parentalidade positiva. Demonstrações de carinho, estabelecer confiança, reforços positivos, supervisão, envolvimento na educação e disciplina consistente estão correlacionados com a saúde mental geral (Tucker et al., 2021). Em relação à comunidade, a revisão narrativa conduzida por Breedvelt et al. (2022) comprovou que o sentimento de coesão à vizinhança (o que inclui a sensação de segurança, confiança, conexões sociais positivas e obtenção de ajuda quando necessário) estão associados com menor ocorrência de sintomas depressivos. Com base nesses achados, as autoras sugerem que iniciativas que aumentem o sentimento de pertencimento às pessoas que vivem nos territórios são favorecedores de saúde mental e resiliência. Isso pode ser feito através da criação de centros e espaços de convivência, bem como por meio da promoção de atividades atrativas e que mobilizem a participação coletiva e integração de adolescentes e jovens.

Os relacionamentos com os profissionais que atenderam os adolescentes durante a adolescência merecem ser destacados. Quando foram entrevistados na adolescência, falaram repetidamente da importância dos profissionais que os atendiam, mas na vida adulta reiteraram, espontaneamente, a relevância dessas pessoas em suas vidas. Santos e Pessoa (2020) mencionam que existem profissionais que atuam como tutores de resiliência, pois motivam e encorajam adolescentes e jovens em situação de exclusão social a liderem com os infortúnios da vida. Isso implica em acreditar nas potencialidades dos adolescentes, apesar de todas as adversidades, mas também em colaborar na construção de estratégias eficazes para reduzir a ocorrência e a extensão dos fatores estressores que existem em seus contextos. Na mesma direção, autores como Bottrell, (2009), Lerner (2006), Sanders et al. (2015), Ungar (2011), Ungar e Liebenberg (2011) e Zautra (2008) ressaltaram que a qualidade dos vínculos construídos pelos adolescentes

em espaços institucionais é mais importante e significativo para a promoção da resiliência do que necessariamente a quantidade de serviços que frequentam.

5.3 Identidade

A Tensão Identidade se refere à autoavaliação de pontos fortes e fracos que uma pessoa tem diante da vida. Isso está associado a processos de resiliência porque ao identificar as próprias virtudes e limitações, as pessoas têm a possibilidade de traçar estratégias realistas para o enfrentamento das adversidades. Esta é uma tensão que apareceu enfrentada e solucionada tanto na adolescência quanto na vida adulta dos participantes.

Na adolescência, os participantes conseguiram listar diversos atributos positivos que identificavam em si próprios, mas também suas limitações e dimensões de suas vidas que achavam que poderiam melhorar. Mencionaram, repetidamente, como estas características eram referendadas pelos pares e por seus familiares. Também foram registradas percepções de mudanças do comportamento, na autonomia e nas relações com os grupos que integravam. Ao que parece, a vinculação com espaços institucionais como a escola e a igreja, possibilitaram que parte dos participantes reconhecessem, de forma mais assertiva, suas potencialidades.

Quando foram entrevistados em 2023, notadamente os participantes se autoavaliaram como persistentes e batalhadores, bem como listaram seus recursos internos para o enfrentamento dos desafios cotidianos e a força que têm para a realização de projetos futuros. Listaram estratégias que possuem para lidarem com situações desconfortáveis e diante de crises, como por exemplo, respirar antes de tomar decisões, pensar antes de agir e buscar ajuda profissional diante de questões mais profundas. Adicionalmente, foi constatado um sentimento de altruísmo que, em termos práticos, se

relacionaram com formas de ajudar outras pessoas em suas comunidades. Assim, reitera-se que os dados empíricos mostraram que houve o enfrentamento desta Tensão em ambas as fases do ciclo desenvolvimental; mas é importante salientar que as especificidades psicológicas e sociais, provenientes da coleta de dados realizadas em momentos distintos, evidenciaram alterações na forma como os participantes se veem e nos atributos e limitações que reconhecem em si.

Tabela 10. Identidade

Citações	
Barbara:	<i>Sim, sou batalhadora como minha mãe, mas acho que eu sou sim só um pouquinho preguiçosa. [...] eu pequenininha era mais doce assim... [...] não achava malícia em nada, não falava alto, não gritava, não batia, não achava nada ruim. E eu agora não, a Barbara de agora não. [...] sou muito ciumenta [...] às vezes eu to lá varrendo a casa, aí uma coisinha que me atrapalha começo a bater a cadeira. Eu tinha muita paciência! Nossa, eu era muito paciente [quando pequena].</i>
Dilma:	<i>Guardo muitas coisas pra mim. Aí eu fico na minha e deixo a pessoa falar. Vamos dizer: todo mundo fala que eu sou boba, mas eu entrego à Deus sempre, sempre fui ligada à Deus. Eu peço para ele assim, a minha avó já me ensinou: “Pede pra ele te dar mais força pra você e para aquela pessoa que está te humilhando, fazendo alguma coisa”. Então o tempo todo eu sou assim, eu paro no meu canto, quieta e não respondo. Aí a pessoa fala: “Você tem sangue de barata, fica quieta [não], parte pra cima”. Então eu fico na minha, mais quieta.</i>
2010 Pesquisadora:	E isso te ajuda?
Dilma:	<i>Ajuda. Ao mesmo tempo ajuda e ao mesmo tempo não, porque que nem eu aprendi: se guardar as coisas para a gente, as coisas vão crescendo dentro da gente, vai ficando pior. Então às vezes eu falo ajuda porque eu não perco aquela pessoa, só que eu fico em casa e fico pensando naquela coisa. [...] Eu tento esquecer [o abuso sexual sofrido]. Eu me alegro, canto, dou risada, faço bagunça, só para poder esquecer. [...] eu falo, dou risada, [sou] brincalhona, escutar música, sempre eu sou mais de escutar música. Isso que eu já acho que são as minhas forças. [...] às vezes eu solto uma patada nas pessoas, só que esse problema que eu tenho é meu. Eu desconto em cima dos amigos [...] mas só coisas que não tem nada a ver. Mas a gente acaba resolvendo fica tudo [...]mas tudo no nível certo. [...] Sempre todo mundo fala que eu sou a cabeça do grupo [...] querendo ou não eu sou sempre a melhor! Mas sempre eles jogam: “A Dilma sabe mais isso, então vamos colocar ela para ela que escolher o que a gente vai fazer. Eu sinto: “Ah, o pessoal pensa isso de mim. Meu Deus, eu não sou igual eles. Eu não sou igual assim como eles estão me vendo. Eu sou diferente”. [...] [na] escola, igreja, o grupo de jovens que eu participo às vezes...</i>

eles sempre jogam para mim e falam: “Você, Dilma, você tem várias ideias. Então você junta com a coordenadora e vocês duas vão dar certo para tirar as ideias. Igreja e escola sempre são assim. [...] É, eu consigo ajudar os outros, mas eu não consigo me ajudar. Quando eu tenho algum problema, não consigo me ajudar. Agora o pessoal chega e fala: “Dilma, o que você acha?”. Já sei dar respostas. Mas eu fico ali com aquele [meu] problema. [...] Ajudo bastante sim quando precisam. Chegam e falam para mim, aí eu fico pensando. Depois [eu digo] “Faz isso e faz aquilo, você entendeu? Não é, não vai à frente, tenta, para, pensa. Depois você tenta três vezes, depois você vai. [...] eu não sou de brigar. Eu prefiro pirraçar a brigar. O povo começa brigar eu entro no meio porque eu falo: “Gente, não é assim”. O povo: “Haa, sai daqui, que não sei o que”. Mas não é assim. Eu sou a sei lá... eu sou muito diferente.

Pesquisadora: O que você sente dentro de você que te ajuda?

Renato: *Primeiro acho que foi a igreja. Quando eu saí de um certo caminho, eu fui para a igreja. Minha madrinha, ela também me ajudou... nós fazemos parte da igreja católica. [...] na minha consciência... de fazer as coisas pensadas. Eu ajudo as pessoas, os vizinhos lá [...] eu não fico muito bagunçando no curso.*

Pesquisadora: Se você pudesse fazer uma listinha das forças do Renato, das coisas positivas e bonitas tua, o que você escreveria?

Renato: *Ah! Um monte. Sou legal, feliz, não sou bravo, sou amigo. [...] Eu ajudo as pessoas, de ir naquela igreja ali que eu já acostumei; os amigos, as pessoas que eu conheço.*

Pesquisadora: Quando você enfrentou uma dificuldade, você mesmo viu que isso acontecia e fez alguma coisa?

Rita: *É, parei e pensei o que eu queria da minha vida. Refleti... porque eu penso assim: se a minha mãe tivesse viva, ela ia se orgulhar bastante de mim e tudo.*

Pesquisadora: Com certeza ela iria se orgulhar! O que dentro de você ela se orgulharia?

Rita: *Pela pessoa que eu sou, sabe? [...] meu pai é daquela educação antiga, sabe? Então eu cresci naquela educação antiga: respeitar os mais velhos em tudo. Nessa parte de educação eu sou muito educada; [...] eu sou uma pessoa que quando eu quero uma coisa eu vou atrás [...] eu só mais responsável.*

Babara: *Eu sou bem forte para algumas situações, persistente. Se dá errado alguma coisa, tento de novo. [...] emocional, eu respiro fundo até acalmar. Fico quieta e depois lido, penso em outras coisas, desvio mesmo... depois vou pensando como lidar. Nesse meu relacionamento é muito difícil ter crise, a gente não briga, é muito tranquilo. Fica chateada uma com a outra, mas depois se acerta. [...] Na vida acho que toco em frente, parar e desistir nunca!*

2023

Dilma: *Penso sempre que uma hora tudo vai ficar bem, eu tenho isso. Acho que vai passar. Eu olho e falo: “Tem que ter calma”. Mas sempre que aconteceu é porque tinha que acontecer e eu tenho que passar... e vai passar... a gente não consegue fugir. A gente pode tentar, mas não dá. Vai acontecer de qualquer forma. Acho que sou paciente, calma, vai se ajeitar. [...] eu contribuo sempre*

no meu trabalho. Trabalho na área pública e lido com as pessoas de um jeito respeitoso. Acho que isso ajuda. Também tem a igreja. A gente faz muita ação na comunidade e damos o dízimo da igreja todo mês. A cidade lá é pequena, não tem linha de ônibus. Então, vira e mexe a gente dá carona para as pessoas, atende quando precisam de emergências. [...] eu acho que eu vejo algo que me atrapalha, mesmo que eu fale em paciência e ser calma, me vejo agoniada, com pressa. Eu quero tudo para agora e às vezes isso atrapalha. [...] eu estou tentando me controlar, ouvir mais, pensar antes de falar... às vezes eu consigo.

Renato: *É o meu lugar, eu acho que me identifico mais é na parte da igreja.*

Pesquisadora: Por que se sente assim?

Renato: *Já contamos com eles muito na época que a gente nem tinha o que comer. Hoje to nesse lugar de ajudar, me faz bem. [...] Ah, acho que eu sou muito bom. Eu sou bonzinho demais [...] ah, o jeito de tratar os outros também... eu trato todo mundo muito bem*

Pesquisadora: Teve pessoas que você serviu de exemplo?

Renato: *Teve, é verdade. Assim, acho que o povo via eu trabalhando todo dia e muita gente começou a trabalhar, arrumou serviço e começou ir. Às vezes vinha perguntar para mim, de ver a minha persistência também, né? E ver que trabalhar também faz a diferença, né? Mudou a vida. O trabalho mudou minha vida.*

Rita: *Eu falo que eu acho que eu não nasci para ser esposa não! Acho que eu nasci para ser mãe. Eu não tenho muito essa disposição de... não sei... não entra na minha cabeça.*

Pesquisadora: O que esse lugar de esposa incomoda?

Rita: *Eu fui tomando a rédea do relacionamento. Foi como se eu fosse o homem. Eu pagava as contas, eu resolvia tudo. Ele trabalhava e dava o dinheiro na minha mão. Acho que eu fui cansando aos poucos e eu não percebi. [...] Antigamente eu achava que eu desistia muito fácil, mas não! Eu não desisto fácil! Eu vou e faço, eu persisto! Sou muito persistente nas minhas coisas. Eu vou atrás. Se vier algum problema, eu sei que tenho que resolver e resolvo. Se preciso, procuro alguém, mas vou atrás. [...] antes de eu trabalhar, eu estava passando por terapia. Já era para ter feito há anos, mas adiei. Mas ano passado eu fiz. Nossa, eu amei! [...] Eu acho que às vezes parece que eu faço uma birra, igual criança. Quero as coisas na hora e isso me atrapalha, porque eu fico nervosa. Nem tudo é na nossa hora, né? Mas isso me atrapalha bastante, porque eu perco meu controle.*

Para Quiroga e Vitalle (2013) “a identidade é entendida como o resultado das relações entre as dimensões biológica e social que vão se amalgamando através da vivência do indivíduo ao longo dos anos (p.02)”. Quando as experiências sociais adversas se somam a retóricas que depreciam continuamente o adolescente ou jovem, seu autovalor

vai sendo, paulatinamente, minado. Na pesquisa de Doyle e Catling (2022) foi identificado que o perfeccionismo desadaptativo e a baixa autoestima predispõem indivíduos a sintomas de depressão e ansiedade. Na mesma direção, uma meta-análise relatou associações significativas que sugerem que a baixa autoestima prediz sintomas de ansiedade e vice-versa (Sowislo & Orth, 2013).

Nas pesquisas sobre processo de resiliência, a Tensão Identidade refere-se à possibilidade de o adolescente ou jovem desenvolver uma percepção positiva de sua individualidade, mas também reconhecer suas limitações, em especial na relação que estabelecem com outras pessoas nos múltiplos espaços de interação. A maior autonomia propiciada na adolescência pode implicar na consolidação de uma autopercepção positiva de si, o que pode romper com visões deturpadas e fatalistas da autoimagem (Germano & Colaço, 2012; Rangel et al., 2012; Ungar, 2008). Nesse sentido, é importante que os adolescentes e jovens frequentem espaços, se relacionem com pessoas e se engajem em atividades que reforcem suas virtudes e qualidades, em detrimento da exposição contínua a experiências que apontem supostas falhas e limitações.

A pesquisa de Oliveira e Chaves (2016) exemplificam como atividades psicossociais e educativas podem auxiliar no fortalecimento identitário de adolescentes e jovens. Os autores mencionaram que o engajamento em oficinas de hip hop, danças, produção de vídeos, entre outras, permitiram um processo reflexivo sobre as potencialidades e virtudes dos participantes. Mais particularmente, os autores relataram as experiências decorrentes das oficinas de Hip Hop, que objetivavam criar estratégias para construção de identidade fortalecidas, conscientização sobre as habilidades pessoais, ganhos pela adesão genuína aos recursos artísticos e inclusão social de jovens que vivem nas periferias (Oliveira & Chaves, 2016). Similarmente, Ekeland et al. (2004), através de uma revisão sistemática da literatura, investigaram se a prática de atividade física

produzia melhoras na autoestima de crianças e jovens. Em síntese, os resultados indicaram que os exercícios têm efeitos positivos a curto prazo na autoestima de crianças e jovens e que não foram identificados efeitos negativos associados à autoimagem dos praticantes.

Quando adolescentes e jovens se relacionam com pessoas significativas em suas trajetórias e nas comunidades em que vivem, suas identidades ganham contornos realísticos. No caso de pessoas que vivem processos longitudinais de exclusão social, a diminuição de incertezas sobre o futuro, expectativas positivas sobre educação, carreira e trabalho e a esperança de acender socialmente, podem revigorar o autoconceito e autoimagem (Faria, 2021; Vautero, 2019). Nesse sentido, afirmou Ungar et al, (2008), a Tensão Identidade equilibra-se e soluciona-se a partir de processos de reciprocidade e alta interatividade com outras Tensões.

5.4 Coesão

Esta tensão é definida pela busca do equilíbrio entre os interesses pessoais com o senso de responsabilidade por um bem maior, coletivo. As expressões de resiliência a partir da resolução dessa Tensão associam-se à possibilidade de sentir-se parte de algo maior (socialmente, moralmente e espiritualmente). Mas a Tensão Coesão sugere que deve existir um balanço entre interesses pessoais e de outros coletivos. Não se trata, portanto, de assumir posturas essencialmente individualistas ou abdicar por completo dos interesses e projetos individuais.

Quando foram entrevistados na adolescência, os participantes mencionaram a ajuda que ofereciam a adultos, sejam seus próprios familiares ou com pessoas que não conheciam, mas que vivenciavam adversidades significativas (como moradores de rua). Também foi notado o anseio dos participantes de que suas experiências de vida negativas

(como ter sido de vítima de abuso sexual ou passar fome) não ocorressem com outras pessoas. A Coesão, na adolescência, também se expressou pela possibilidade de participarem de espaços de tomada de decisões que afetam diretamente a vida de outras pessoas ou de grupos (como grêmios estudantis) ou no engajamento em atividades cívicas (como preparo e distribuição de alimentos para pessoas em situação de rua).

Quando participaram do estudo em 2023, a Tensão Coesão novamente foi identificada em diversos excertos. Uma das praticantes mencionou, por exemplo, como a educação de seus filhos requer um movimento constante de negociações, justamente porque ela se preocupa em ofertar a educação que julga que os filhos merecem. Relembrou de experiências dolorosas que tiveram na adolescência e o quanto isso os motiva a ajudarem outras pessoas para que não sofram pelas mesmas mazelas. Citaram os familiares (pais, mãe e madrinhas) como pessoas que os encorajaram a fazer o bem e que suas conquistas se devem aos esforços que estas figuras de cuidado direcionaram a eles, mesmo quando não tinham condições ou tantas possibilidades. Uma das participantes relatou como teve que ponderar decisões importantes da sua vida em prol do cuidado que sua avó necessitava.

Todos estes exemplos, somado aos inúmeros relatos da ajuda que ofertam em suas comunidades e a notável disponibilidade para ouvirem e conversarem com pessoas que necessitam, sugerem que a Tensão Coesão foi enfrentada tanto na adolescência quanto na vida adulta, o que pode explicar os processos de resiliência vivenciados por eles.

Tabela 11. Coesão

Citações	
Barbara:	<i>Ajudo ela [companheira da Mãe] a se trocar, porque ela quer fazer muitas coisas que ela não pode: quer varrer a casa e não pode, não tem jeito.</i>
2010	<i>Ela quer pegar alguma coisa no alto e não pode... quer limpar alguma coisa no alto... praticamente tudo que ela queria fazer eu tento fazer para ela.</i>

Barbara: *Espero ter um futuro melhor. Que isso [abuso sexual contra crianças e adolescentes] no futuro não aconteça, nem com filhos meus, nem com parentes, nem com amigos.*

Dilma: *No conselho da escola são o diretor, com professores e alunos. Se o aluno fez bagunça, vai ser suspenso. Então chama o pessoal do conselho e faz aquela reunião. Agora o grêmio só é aluno. [...] Gosto [de participar do grêmio estudantil], mas às vezes é meio cansativo, porque tem dias que você não pode e tem que ir. [...] Dá bastante resultados. [...] [A diretora da escola] Chama, faz a reunião e fala: “O que vocês acham?” [...] aí eles falam: “Então tá, vocês conhecem... então vamos dar um jeito, vamos dar uma segunda chance, vamos conversar, chamar pai e mãe”. [...] A gente que é aluno, elas falam: “Vocês que são alunos sabem mais do que a gente, porque a gente só sabe dos problemas quando vem para cá. Agora quando é da favela vocês vão saber mais o que está acontecendo”. [...] funciona bem, eles ouvem as nossas opções. Respeitam sim! Às vezes a gente briga ali, mas é do meu jeito... e acaba respeitando o deles e eles respeitando o nosso. Cada um tem o seu jeito de pensar.*

Renato: *Contribuo [com a comunidade]. Tem no final e no início do mês que a gente sai para arrecadar [alimentos] e entregar para as pessoas [que precisam].*

Pesquisadora: *E como você se sente?*

Renato: *Bom, feliz! Nós fazemos as marmitas, onde tem a reunião do grupo, e depois vai de carro entregar nas praças para pessoas que ficam na rua. [...] cada quarta-feira é uma turma. Quarta-feira [próxima] é nossa turma.*

Pesquisadora: *Foi legal o que vocês fizeram com eles?*

Renato: *Faz sentir bastante alegria. Ali no grupo a gente faz as marmitas primeiro, aí depois a gente saía para a rua entregando para as pessoas. Eu sou ajudante ali. O que eles pedirem para eu fazer, eu tô fazendo... lavar a louça, os alimentos...*

Pesquisadora: *Quando você olha para essas pessoas que são moradores de rua, o que você acha?*

Renato: *Que aconteceu alguma coisa para eles estarem ali [...] A gente vai e tenta dá um conselho, falar, forçar. A pessoa pode melhorar um pouco. Nós motivamos as pessoas. Ainda tem jeito delas se erguerem, sair da rua... ajudo falando, conversando. Me ajuda a ver como é que é ajudar as pessoas... Ajudar os outros como é bom!*

Renato: *Espero ser um... ter um serviço bom quando eu crescer, para poder ajudar minha mãe, meus irmãos.*

Pesquisadora: *E se você fosse falar um desejo pessoal, no seu interior, que você deseja muito?*

Rita: *Muito? Hum, meu pai tem câncer né, de pele [...] desejo muito que ele se recupere e que ele consiga... espero que ele se recupere rápido e continue comigo.*

Rita: *Eu acho que a cada dia acaba tendo um desafio. Recentemente eu sou recém separada, esse é um desafio bem grande: o crescer das crianças. Cada dia eles mudam... cada filho é de um jeito. Eles crescem e têm respostas para tudo. [...] dificuldade em si é só mais isso mesmo: o dia a dia... mas a gente vai lidando. [...] XXXXXX [filho] tem 7 [anos de idade], XXXXXX [filha] tem 5 [anos de idade] e a XXXXXX [filha] vai fazer um ano [de idade]! É uma constante negociação com essa turminha.*

Renato: *É o meu lugar... eu acho que me identifico mais é na igreja [...] já contamos com eles muito na época que a gente não tinha o que comer. Hoje eu estou nesse lugar de ajudar e isso me faz bem. [...] Contribuo com a parte dos vicentinos [grupo vinculado à igreja católica]. Faço trabalho voluntário lá. Tem gente que me conhece por ser um vicentino [...] a maioria das pessoas que pega cesta básica, tem gente que vai entregar, é tudo por ali. [...] acho que eu estou bem e já posso ajudar as pessoas! Hoje em dia, né? Minha parte é ajudar as pessoas. Tento ajudar porque já fui muito ajudado. [...] toda terça feira a gente faz a nossa reunião. Eu participo e gosto muito! A gente planeja como arrecadar alimento, faz visitas para famílias... e eles ajudaram muito a gente quando eu era menino e por isso hoje eu posso ajudar outros. [...] A minha família também já precisou.*

2023 Pesquisadora: O que fez diferente que você não se perdeu [o participante havia mencionado que muitos de seus amigos “se perderam na vida”]?

Renato: *Sei lá... acho que é família. Meus pais eram pobres, mas sempre educaram a gente. Eu não ia dar esse desgosto para eles.*

Dilma: *Falei assim: “Nossa, eu fiz uma faculdade hoje! E eu via a minha mãe muito feliz com isso. Ela queria colar adesivo no carro. Ela, por não ter [tido] oportunidade de ter feito uma faculdade, ela achava que quem tinha feito uma faculdade era doutora. Então, ela falava para todo mundo: “A minha filha é doutora”. [as pessoas perguntavam:] “Ah, mas a sua filha fez o quê?”. [a mãe respondia:] “Ah, serviço social, é assistente social”. Então para ela, no dia da minha colação de grau, era muito emocionante.*

Dilma: *Eu contribuo sempre no meu trabalho. Trabalho na área pública e lido com as pessoas de um jeito respeitoso. Acho que isso ajuda. E tem a igreja... a gente faz muita ação na comunidade e damos o dízimo da igreja todo mês. A cidade é pequena, não tem linha de ônibus. Então, vira e mexe a gente dá carona para as pessoas, atende quando precisam de emergências.*

Barbara: *Por exemplo, quando eu vim para cá [cidade da companheira], minha preocupação maior era minha avó, ela fica lá sozinha. Porque meu tio morava no fundo, mas eles não ligavam muito. Ela falou para mim: “Vai que a gente cuida. Nós somos filhos da vó, você é neta... precisa fazer sua vida”. [...] tento ajudar [as pessoas]. Às vezes faço papel de psicóloga das pessoas, escuto muito.*

A nossa compreensão de quem somos, das nossas potencialidades e fragilidades é, em grande parte, o resultado de um processo de construção recíproca e dialética entre nós, as comunidades onde vivemos e o mundo que nos cerca (Park, 2010). Como mencionado, a Tensão Coesão envolve a possibilidade do adolescente ou jovem desenvolver o senso de responsabilidade e compromisso com a família e comunidade, sem negligenciar os próprios interesses (Ungar et al., 2008). A partir da definição de resiliência adotada nesta Tese, sobressaem-se três aspectos: (i) a resiliência se manifesta pela possibilidade de os indivíduos navegarem em direção aos recursos promotores de bem-estar; (ii) a capacidade de suas comunidades de proverem os recursos necessários; (iii) a capacidade de indivíduos, suas famílias e comunidades negociarem caminhos culturalmente significativos para assegurar bem-estar e positividade pessoal (Ungar et al., 2008). A segunda e terceira dimensão são cruciais para a resolução da Tensão Coesão, pois as pessoas necessitam acessar recursos protetivos e, ao mesmo tempo, devem ter a possibilidade de expressar seus interesses e desejos, bem como suas habilidades.

O fato de os participantes reconhecerem seus atributos e usá-los em prol do enfrentamento dos problemas sociais, o que inclui os dilemas enfrentados pelos familiares e amigos, promove processos de resiliência porque os motiva e dá um sentido de existência. McGuire (2010) afirmou que “saber quem sou e de onde vim me dá uma base sólida em minha vida... esta é a base que me nutre, me cura e me renova” (p. 119, tradução nossa). Similarmente, Liebenberg et al. (2019) afirmaram que a conexão de adolescentes e jovens com suas comunidades, assim como reconhecer problemas estruturais e agir sobre eles contribuem para os processos de resiliência. Contudo, acrescentam as autoras, sem uma análise crítica das condições que apoiam o envolvimento dos jovens, as tentativas de promover estas ligações são, em geral, malsucedidas.

5.5 Poder e Controle

A Tensão Poder e Controle, definida por Ungar (2008), considera a capacidade dos adolescentes e jovens de articular mudanças para si e mesmos e seu entornos, a fim de acessar direitos, recursos, experiências de autocuidado e cuidado com outros. Na medida em que os adolescentes e jovens conseguem operar autonomamente em suas ecologias, tomando decisões que julgam serem as mais assertivas, ocorre o processo de fortalecimento identitário e de promoção de resiliência. Tanto a coleta de dados realizada na adolescência quanto na vida adulta evidenciou que a Tensão Poder e Controle havia sido solucionada pelos participantes. É importante sublinhar que as tomadas de decisões se alinham com as normativas sociais do que é esperado para aquela etapa do ciclo de desenvolvimento.

No trabalho de campo conduzido em 2010, os adolescentes buscavam, ainda com limitações impostas socialmente, possibilidades de se posicionarem e dizer o que queriam ou não para suas vidas, bem como notou-se um anseio por tomadas de decisões. Verificou-se, em diversas transcrições, a delimitação de estratégias de organização pessoal para fazer coisas que queriam, como participar de espaços de tomadas de decisão para poder agir autonomamente (grêmio estudantil e projeto social). Ainda, os adolescentes demonstraram que sabiam se posicionar diante de figuras de autoridade e contrapor a lógica adúlcentrica. Um dos adolescentes mencionou, também, que mesmo quando era estimulado pelos pares a se engajar em atividades ilícitas era capaz de se posicionar e negar estas investidas.

Quando adultos, os participantes demonstraram que as características identificadas na adolescência tinham sido fortalecidas e que suas decisões passaram a ser mais abrangentes e contundentes, como em situações de separação conjugal ou de mudar (ou não) da cidade/estado de origem. Mencionaram que se organizam para fazer e se engajar

em atividades que gostam e consideram prazerosas, tanto profissionalmente quanto nos momentos de lazer. Também é importante destacar que algumas participantes não se comportam ou agem de acordo com as normativas impostas socialmente, quando por exemplo, se contrapõem aos modelos padrões de casamento ou estabelecem táticas de enfrentamento à lesbofobia. Relataram que suas decisões são movidas por suas forças pessoais (i.e., persistência e determinação) e que isso os ajuda no enfrentamento dos desafios cotidianos e nas conquistas pessoais e materiais.

Tabela 12. Poder e Controle

Citações	
	<p>Pesquisadora: Você participa assim ou vai em igreja em comunidade assim de igreja?</p> <p>Bárbara: Não, igreja não. Não gosto.</p> <p>Pesquisadora: Então você ajuda quando passa alguém pedindo? Você colabora? Você não participa assim de um grupo que vai ajudar as crianças lá na creche ou que vai recolher coisas, nesse sentido?</p> <p>Bárbara: Não.</p> <p>Pesquisadora: Entendi E você tem vontade de fazer essas coisas?</p> <p>Bárbara: Não, não tenho. Penso em estudar melhor, não ficar brincando em sala de aula. Isso não leva a nada.</p>
2010	<p>Dilma: <i>Para eu poder lidar com o que aconteceu comigo [abuso sexual], fui pegar força na escola, porque eu nem ligava para a escola antes e só tinha só tirava nota ruim. Me adaptei bem na escola, amizade é só isso... amizade e escola. [...] Tentar esquecer de uma forma.</i></p> <p>Dilma: <i>A escola permite [tomar decisões] porque eu faço parte da escola do Conselho da Escola [...] Formado pelos alunos, a gente chega na diretora com aquela carinha de pedir as coisas. A gente pode se juntar hoje com o pessoal do grêmio, se sentar em uma sala e conversar o que a gente vai fazer na escola [...] Aí ela [diretora] fala: “Se os professores deixarem, vocês podem sair e se reunir na hora do intervalo, aí vocês resolvem o que vocês quiserem.</i></p> <p>Dilma: <i>Minha mãe às vezes ela vai mexer no computador e ela fica perguntando: “Onde eu vou? Onde eu entro?”. Aí esses dias eu cheguei, acho que cheguei do curso, e ela estava mexendo no computador. Aí eu disse: “Porque você não me perguntou?”.</i></p> <p>Dilma: <i>[...] o pessoal me ajuda, só que não vai entrando [na minha cabeça]. Eu quero eu achar a saída. Mesmo que o pessoal fala, eu quero achar a minha saída.</i></p>

Renato: *Teve uma vez que eu me juntei com um grupo de moleques na rua e nós estávamos soltando pipa. Nós estávamos precisando de dinheiro e aí nós fomos lá para o centro. Os moleques estavam aprontando, querendo roubar as coisas dos lugares... aí eles viram uma mulher no caldo de cana e falaram: “Vamos lá pegar o dinheiro dessa mulher?”. Mas eu não ajudei não, eu fiquei parado na minha...*

Pesquisadora: *Você está na adolescência, você percebe alguma diferença?*

Renato: *Eu posso ir para os lugares que quero.*

Rita: *Eu engravidei do meu primeiro filho e fiquei um ano em casa. Decidi que eu ia cuidar dele 1 ano. Depois eu falei: “Agora eu vou trabalhar”. Entreguei currículo e na primeira semana eu entrei para trabalhar no mercado XXXXXXXX. Dali abriu os meus olhos para tudo. Aí eu entrei na parte da padaria e lá fiquei 4 anos. De lá eu já saí para entrar nesse [outro] mercado que eu estou. Eu entrei como confeitadeira. [...] na verdade eu sempre gostei. Então, depois que eu casei, eu gosto de cozinhar e de fazer doces, bolos, por conta da família. E aí eu falava assim: “Eu vou aprender!”. E aí eu entrei lá e eles dão muita oportunidade para você ajudar a finalizar uns doces, fazer um mousse... e você vai aprendendo. Eu fui gostando e falei: “É isso que eu quero”. E realmente era isso que eu queria. É demais! Eu nunca achei que eu ia achar um serviço que eu gostasse tanto, mas eu amo muito essa área.*

2023

Rita: *Eu falo que eu acho que eu não nasci para ser esposa não. Acho que eu nasci para ser mãe. Eu não tenho muito essa disposição, não entra na minha cabeça. O primeiro [casamento] em si não foi ruim não... o segundo mais ou menos. O primeiro acho que com a perda do meu pai eu esfriei. Eu acordei um dia e pensei: “Não gosto mais dele”. Mas não era ruim, eu não gostava mais. Ele era ótimo pai, ótimo marido, mas eu não queria mais. Eu fui tomando a rédea do relacionamento e foi como se eu fosse o homem: eu pagava as contas, eu resolvia tudo. Ele trabalhava e dava o dinheiro na minha mão. Acho que eu fui cansando aos poucos e eu não percebi [...] aí eu me separei.*

Rita: *Olha, antigamente eu achava que eu desistia muito fácil. Mas não, eu não desisto fácil. Eu vou e faço. Eu persisto. Sou muito persistente nas minhas coisas. Eu vou atrás... se vier algum problema, eu sei que tenho que resolver e resolvo. Se precisar, procuro alguém, mas vou atrás.*

Barbara: *Ahhh, eu a conheci [companheira] em um grupo de WhatsApp. Aí a gente começou a conversar em 2014. Ela ficava indo para XXXXXXXXXX [cidade de origem da participante] a cada 3 meses, por 3 anos. Depois eu vim para cá, porque ela já era daqui.*

Barbara: *O ponta pé inicial foi esse ano. A gente firmou o pé e pensamos: “Vamos por energia”. Querendo ou não são 10 anos juntas. É uma vida. Já era pra ter conquistado algumas coisas, mas por sermos novas, eu com 26 agora e*

ela com 31, ainda estamos lutando [...] Na vida acho que toco em frente, parar e desistir nunca.

Pesquisadora: Como você lida quando vive uma situação como esta [episódios de lesbofobia]?

Barbara: *Eu tiro sarro e falo: “Não existe o homem da relação. Somos duas mulheres!” Dou logo uma patada.*

Pesquisadora: *E esse novo emprego?*

Barbara: *Tem três anos que eu estou lá. Então é uma segurança maior. [...] a independência financeira eu marquei como as vendas, trabalhar, sabe? Eu comecei a pesquisar o que era o marketing digital e comecei a ver o que que era...*

Dilma: *Eu prestei concurso lá e estou esperando ser chamada. Quero ficar por lá, não devo voltar para XXXXXXXXXX [cidade que morava anteriormente].*

Dilma: *Hoje eu quero tirar a habilitação, porque na época eu tive que escolher entre a faculdade e tirar carta, e quero dar um conforto a mais para minha família.*

Dilma: *Isso me abalou [traição] e eu pensei: “Vou reorganizar a minha vida”. Aí eu emagreci. Eu estava com peso muito alto, de 160 quilos e eu fiquei com 100. E aí foi quando eu conheci o Paulo.*

Dilma: *A gente precisa ter cada vez mais força e não depender muito de ninguém e nunca desistir dos sonhos. Tem que ter garra, força. Eu falo isso pensando no meu histórico de vida, meus pais, meus avós, todos viveram lutando para hoje ter alguma coisa. Então a luta é diária.*

Pesquisadora: Como você achou esse caminho [profissional]?

Renato: *No meu primeiro serviço eu já entrei como isso [açougueiro]. Entrei de produção e fazia pequenas produções. Mexia com carne e tal... depois eu fui me aprofundando. Conheci os cortes...*

Renato: *Eu faço o que eu gosto. Ah, vai ter um negócio lá na [...], eu vou. Vai ter alguma coisa no shopping, eu vou. Se der pra ir, eu vou. Gastar dinheiro pra comer também... qualquer coisa que eu tenho vontade... não estou nem ligando, eu como.*

Renato: *2013 eu comprei minha bicicleta com meu salário e foi demais, parecia que eu tinha ficado rico de tão feliz. [...] 2014 foi o fim do 3º ano, também foi uma conquista. Senti falta da escola, dos amigos, mas eu sonhava muito em continuar a estudar. [...] 2016: também foi uma puta conquista, comprei meu carro e foi outra realização e em 2018 eu acabei de pagar o carro. Foram conquistas grandes. [...] 2022: comecei a trabalhar em um outro*

mercado, agora como açougueiro mesmo. É puxado, mas compensa. Estou feliz com meu trabalho.

Essa é uma Tensão que requer cuidado nas análises empregadas, pois leituras rasas podem implicar na consolidação de concepções equivocadas de que as mudanças nos contextos de adolescentes e jovens em situação de exclusão social e a promoção de resiliência se associam a “querer é poder”. Gonçalves (2005) enfatizou o quanto a sociedade brasileira atribui à família e aos filhos e filhas da classe proletária responsabilidade individuais para a superação de problemáticas cujas origens são sociais e estruturais. Ao reconhecer a importância das tomadas de decisões e da possibilidade de agir autonomamente, não se argumenta que tais responsabilidades sejam exclusivas dos adolescentes e jovens. Apesar de serem características positivas e que podem fortalecê-los subjetivamente, defende-se que o poder e controle sobre a própria vida deva se articular com políticas públicas que primam pelo cuidado dessa população (Abrão & Miotto, 2017; Zola, 2015).

A capacidade de tomar decisões, agir e promover mudanças na vida não pode ser interpretada como uma característica essencialmente individual. As famílias, escolas e projetos sociais podem estruturar ações que fortalecem e mobilizam esses recursos internos. Alvarez e Carvalho (2006) relataram as experiências de pessoas com deficiência intelectual e que participaram de um projeto intitulado Programa de Moradia e Trabalho Assistidos. A proposta é que as pessoas com deficiência recebam apoio e orientação de profissionais devidamente capacitados, de modo que os usuários do programa pudessem se sentir mais preparados a saírem da casa dos pais e viver de forma mais independente, inclusive com participação ativa no mercado de trabalho. Os autores supracitados mencionaram que ter maior autonomia para executar as atividades cotidianas e poder escolher o que fazer se associa diretamente à autoeficácia, satisfação pessoal e resiliência.

O desenvolvimento da autonomia e da capacidade de tomada de decisões de adolescentes e jovens ocorre de forma concomitante à consolidação de formas de pensar autonomamente (Vansteenkiste & Ryan, 2013), e podem, inclusive, ser facilitados a partir do estabelecimento de relacionamentos saudáveis e encorajadores. Por outro lado, Labouliere et al. (2015) alertaram que a imposição arbitrária de tarefas, o sentimento de abandono e de despreparo para lidar com os desafios cotidianos e a insegurança na tomada de decisões impostas a adolescentes que vivem situações de negligência, por exemplo, podem afetar negativamente a saúde mental geral dessa população.

Empiricamente, Schenk et al. (2018) descobriram que os jovens com quadros de depressão grave e que se consideraram “autossuficientes” buscavam gerir os problemas sozinhos o tempo todo e recorriam, com menos frequência, a redes de apoio formal, pois preferiam procurar ajuda em fontes online, cujas evidências científicas são, em muitos casos, questionáveis. Corroborando com estes resultados Samuels e Pryce (2008) afirmaram que adolescentes que vivem adversidades significativas, em especial no contexto familiar e comunitário, podem desenvolver um sentimento de autossuficiência extremo, o que reduz as chances de procurarem por ajuda de outras pessoas e nas políticas públicas.

Assim sendo, apesar de ser reconhecido nesta Tese a importância da resolução da Tensão Poder e Controle na vida dos participantes e o quanto isso ajuda a compreender as trajetórias de resiliência, deve-se tomar cuidado para que não sejam retomados os discursos que associam os processos de resiliência a características internas do indivíduo ou com o esforço próprio. Adolescentes e jovens em situação de exclusão social e vulnerabilidade devem ser encorajados a agirem de forma autônoma, tomarem suas decisões e agirem em prol de suas comunidades. Mas é função de todos os setores da

sociedade assegurarem que espaços e recursos estejam disponíveis e acessíveis a estes grupos.

5.6 Justiça Social

Esta Tensão aborda as experiências de encontrar um papel significativo na comunidade a partir de uma visão crítica da realidade, identificando manifestações de injustiças, preconceitos e desigualdade social. A Tensão Justiça Social relaciona-se com processos de resiliência na medida em que adolescentes e jovens reconhecem as injustiças que estão expostos e conseguem estabelecer discursos críticos a realidades opressoras e práticas que sejam transformadoras.

Nas entrevistas realizadas em 2010, os adolescentes até fizeram referências a questões sociais e trouxeram alguns exemplos de situações de injustiça. Citam, por exemplo, episódios de homofobia, gordofobia e as desigualdades sociais. Porém, abordaram estes assuntos de forma rasa e ingênua. Os encontros possíveis ficaram circunscritos à um viés caridoso, notadamente influenciado pelas vivências de senso comum e de preceitos religiosos, mas também apontaram constantemente que a superação dessas questões depende, sobremaneira, das pessoas agirem individualmente.

Nos excertos das entrevistas conduzidas em 2023, novamente foram encontradas falas referentes à injustiça social relacionada à ausência de segurança, desigualdade social e homofobia. No entanto, igualmente pode-se registrar uma leitura acrítica da realidade e a interpretação de como se promove justiça social permanece centrada em movimentos individuais e meritocráticos.

Nos dois períodos de coleta de dados, a religião e as benesses apareceram como uma forma pela busca da equidade, em especial pela participação em grupos de doação. Com base nos dados empíricos, conclui-se que a Tensão Justiça Social não foi

solucionada pelos jovens e não parece se relacionar com os processos de resiliência dos participantes.

Tabela 13. Justiça Social

	Citações
	<p>Barbara: <i>A gente vê assim na televisão esses negócios de parada gay. Também não acho muito certo, mas a vida é de cada um. Esses negócios de parada gay, acho que ninguém devia discriminar né.</i></p> <p>Barbara: <i>Acho que o único papel dele [governo], o que ele poderia fazer, é ajudar um pouco mais a comunidade. Ajudar a comunidade, mas não faz, né.</i></p> <p>Barbara: <i>Espero ter um futuro melhor. E isso [abuso sexual] no futuro não aconteça... nem com filhos meus, nem com parentes, nem com amigos... seria isso.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>O que será que as pessoas precisam?</i></p> <p>Barbara: <i>Haaa... respeito... tudo... de tudo um pouco da vida né.</i></p> <p>Dilma: <i>Existem alguns grupos de pessoas que são tratados injustamente [...] na escola não tem nada, na escola são todo mundo iguais, todo mundo. A gente convive igual.</i></p> <p>Dilma: <i>Sim, aqui no meu bairro mesmo tem uma família que por eles terem... vamos dizer, mau cheiro, essas coisas... são bem mais excluídos.</i></p>
2010	<p>Pesquisadora: <i>Onde você morava ou em outras situações, você lembra de pessoas que são tratadas de forma diferente?</i></p> <p>Dilma: <i>Não. [...] tem que ter força de vontade né, correr atrás, porque ele não vai saber o que cada um está acontecendo. Então, quem tiver vontade, vai sim conseguir. [...] Já para quem não tem vontade de estudar mesmo, a escola não é boa, a escola é chata, é péssima. Não vão conseguir nada no futuro, vai ficar um encostado nas costas do pai ou da mãe... só se acontecer um milagre.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Você acha que nos lugares que você frequenta as pessoas se tratam de forma injusta?</i></p> <p>Renato: <i>Isso acontece... é ruim. Eu estava na [inaudível] e nós estávamos brincando na esquina. Uma pessoa saiu para fora xingando a gente. [...] xingando de marginal, vagabundo... fazendo reclamação de nós. [...] Tem uns professores que zoam da molecada da sala também, falando que os moleque se vestem mal, vai mal na escola. [...] eles acham que é marginal se vai com roupa rasgada.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>eles falam isso para você?</i></p> <p>Renato: <i>Não falam não, mas dá para entender.</i></p>

Renato: [...] *porque eu trabalho nos Vicentinos [grupo religioso] da minha comunidade da igreja e aí nós saímos para arrecadar alimentos nas casas. Tem um povo que é de outra religião e fica xingando*

Pesquisadora: *O que você espera do mundo daqui para a frente?*

Renato: *Que o mundo melhore. [...]a educação, as pessoas podem ficar diferentes, serem melhores um com os outros e ajudar.*

Pesquisadora: *Quando você olha para essas pessoas que são moradores de rua o que você acha? O que você pensa dos que tão ali?*

Renato: *Que aconteceu alguma coisa para eles tarem ali. [...] A gente vai e tenta dá um conselho, falar, forçar. [...] A pessoa pode melhorar um pouco [...] nós motivamos as pessoas, né. [...] Ainda tem jeito delas se erguerem e saírem da rua.*

Pesquisadora Renata: *Você acha ou sente que tem alguma pessoa ou algum grupo de pessoas que são tratados injustamente?*

Rita: *Na escola... assim... às vezes... eu, tem um amigo gay na minha sala [...] às vezes ele é tratado injustamente por ele ser gay [...]porque às vezes algumas pessoas são preconceituosas por essa parte e eu acho isso injusto porque cada um tem que... cada um gosta do que quer. Cada um tem... é livre para ter sua opinião. [...] Eles não batem nem nada, só que as vezes a palavra dói mais que um tapa, alguma coisa assim. Às vezes a pessoa fala assim brincando, mais chateia.*

Pesquisadora: *E você acha que, por exemplo, o governo tem responsabilidade da nossa segurança pra cuidar do bairro, pra não ter perigo?*

Rita: *Uhum. [...] aí acho que não muita né, não o tanto que deveria ter. Esses negócios de biqueira têm muito lá [no bairro]. Só que deu uma parada lá, antes era mais... agora deu uma... mais ainda tem. Eu tenho medo assim, sabe?*

Pesquisadora: *E você acha que o governo tem alguma responsabilidade?*

Rita: *Haaa sim! Arrumar emprego, para dar habitação pra população, essas coisas. Ah, wu não entendo muito dessas coisas.*

Barbara: *Eu participo de um grupo de doação.*

Pesquisadora: *Como funciona?*

Barbara: *Ah, é mais coisa para nenê, para pessoas que não têm muita condição financeira... vou administrando pelo facebook.*

2023

Pesquisadora: *Já vivenciou algum preconceito?*

Barbara: *Muito, no [meu] relacionamento homoafetivo. [...] Eu tiro sarro e falo: “Não existe o homem da relação. Somos duas mulheres!” Dou logo uma patada. [...] E também gordofobia, acho que isso é ainda mais.*

Dilma: [...] a gente faz muita ação na comunidade e também a gente dá o dízimo da igreja todo mês.

Dilma: *Vichi!!! Precisa melhorar muito. A questão da desigualdade, a gente vê muito desprezo quando uma pessoa é um pouco mais humilde, mais simples ou tem a pele mais escura. Qualquer situação dessa aumenta a vulnerabilidade. [...] quando eu entrei para faculdade mesmo [serviço social], que a gente foi fazendo os trabalhos, e eu fui olhando casos que já tinham acontecido bem piores que o meu. Porque assim, eu falo que o que aconteceu comigo [abuso sexual] graças à Deus foi um livramento. Lá na época não chegou a ser consumado um estupro. [...] Porque hoje quando uma pessoa sofre um estupro as pessoas falam: “Ah, fez o que quis, gostava”. E não é assim. Quem passa por isso, realmente, é uma situação muito difícil*

Renato: *Hoje em dia, como é ser brasileiro pra mim, como é que eu sinto isso? Ah, eu acho que é bom, é muito bom ser brasileiro. É a gente, né? A gente fica triste às vezes quando o Brasil não ganhou a copa [campeonato mundial de futebol masculino]. A gente fica mais triste vendo a política, né? Como é que tá a situação.*

Renato: *Acho que no tempo das famílias que vivem, tipo, naquela época que eu vivia antes... eu acho isso injustiça... depender de um governo, um auxílio para sobreviver, mas não é o suficiente. [...] Gente analfabeta, gente não ter condições de ir para uma escola, uma faculdade*

Pesquisadora: E o que você acha que podia ser feito para ser diferente?

Renato: *Não sei. É mais o povo se ajudar assim um ao outro, né? Mais hoje é raro. [...] Na verdade, antigamente tinha mais pessoa que ajudavam. [...] Hoje em dia parece que tem menos. Eu acho que as pessoas estão mais individualistas, cada um cuidando de sua vida. Antigamente tinha pessoas melhores ainda, que ajudavam mais. Até no CRAS dá para perceber que mudou muito. [...] antes parecia que se envolviam mais [profissionais do CRAS], eram mais boazinhas, né? Daí parece que sumiu.*

A dificuldade no estabelecimento de discursos críticos e contextualizados de adolescentes e jovens acerca das injustiças sociais estão relacionadas aos mecanismos de manutenção do *status quo*, portanto, foram deliberadamente implantados pelo sistema capitalista e seus tentáculos (Mészáros, 2005). Os processos precários de escolarização, forjados numa lógica utilitarista e mercadológica, impossibilitam que estudantes das camadas populares decodifiquem o sistema e sua perversidade. Neste viés, adolescentes e jovens que vivenciam processos longitudinais de exclusão podem até reconhecer e citar

problemas que os cercam, mas têm dificuldades em estruturar ações efetivas no enfrentamento dessas questões.

Seider et al. (2020) utilizam o conceito de desenvolvimento sociopolítico para se referirem a “processos pelos quais um indivíduo adquire conhecimentos, competências e empenho para analisar e desafiar as forças sociais opressoras (p. 756)”. Os autores acrescentam que já existe um considerável corpo de conhecimento que revela que altos níveis de desenvolvimento sociopolítico são preditivos de uma série de resultados importantes na vida de adolescentes, incluindo resiliência e envolvimento cívico. Ademais, a tomada de consciência de forças sociais opressivas pode substituir os sentimentos de isolamento e auto responsabilização de adolescentes e jovens dos desafios que enfrentam, por um desejo de se envolverem genuinamente numa luta coletiva mais ampla pela defesa e justiça social (Diemer et al., 2017).

Fundamentado nos trabalhos de Paulo Freire, Watts et al. (2011) afirmaram que a consciência crítica, elemento indispensável para a promoção de justiça social, possui três componentes: (i) *capacidade de reflexão e análise crítica*, ou seja, a capacidade de identificar e nomear forças opressoras e que operam a vulneração de determinados grupos; (ii) *autoeficácia política*, que se refere a crenças de que o indivíduo possui habilidades e recursos internos que podem provocar mudanças sociais; (iii) e, em última instância, as *ações críticas*, que se constituem como o engajamento prático em ações e atividades que desafiam as estruturas opressoras. Os dados empíricos sistematizados nesta Tensão evidenciam que os participantes atendem, parcialmente, os critérios do primeiro componente debatido por Watts e colaboradores (2011).

5.7 Adesão cultural

Esta Tensão refere-se a adesão às práticas, valores, crenças culturais (locais ou mais amplas), que podem fazer parte da vida dos adolescentes e jovens e cuja participação ativa e mobiliza processos de resiliência. Na pesquisa de 2010, quando os participantes eram adolescentes, identificou-se um conjunto de práticas e atividades que sugerem o enfrentamento desta Tensão. Notadamente, a religiosidade e a participação assídua em práticas religiosas se destacaram. Mas também foram citadas, inúmeras vezes, o engajamento em atividades artísticas e culturais (i.e., capoeira, modalidades esportivas, oficina de circo, teatro, dança, entre outros) propiciadas por projetos sociais, pelas escolas e pelas igrejas (em especial a católica). Uma participante chegou a mencionar que a dança tinha se tornado seu projeto de vida e que almejava se profissionalizar nessa modalidade. Disse, ainda, que as atividades artísticas do projeto social e sua família eram, sem dúvidas, mais importantes do que a função da escola em sua vida.

Em 2023, quando adultos, a análise temática identificou poucos excertos alusivos à Tensão Adesão Cultural. Porém, descaram-se, novamente, as vivências religiosas. Apenas um dos participantes continua a fazer parte de grupos de teatro, mas, ainda assim, ligado à igreja de seu bairro. Esta Tensão, analisada conjuntamente com as demais, sugeriu que as festividades e momentos de confraternização com as famílias de origem ou extensas pareceram ser mais valorizadas nessa etapa da vida dos participantes. Todavia, a adesão a práticas culturais, em especial com atividades artísticas, ficou mais restrita.

Fundamento nos dados descritos, identificou-se que a Tensão Adesão Cultural foi resolvida na adolescência, em especial pelas oportunidades que tiveram ao se engajarem em projetos sociais disponíveis em suas comunidades. Já em 2023, os participantes trouxeram mais enfaticamente a ligação com a religiosidade, que certamente pode colaborar com a resolução desta Tensão. Contudo, notou-se uma restrição no

engajamento a práticas culturais diversificadas, o que sugere que esta Tensão não foi enfrentada na vida adulta.

Tabela 14. Adesão cultural

	Citações
	<p>Dilma: <i>Eu entrego à Deus sempre. Sempre fui ligada à Deus. Eu peço para ele assim... a minha avó já me ensinou: “Pede pra Ele te dar mais força pra você e para aquela pessoa que está te humilhando, fazendo alguma coisa”. [...] Gosto é uma delícia [rebanhão do carnaval]! Eu não vejo quando chega o carnaval para poder ir. [...] Ajuda bastante. Quando tem algum problema, a gente procura a igreja para gente ver se espaierei. A gente volta já com aquela resposta... para cada pergunta já tem uma resposta. Para mim, a igreja é um tijolo para construir mais um degrau da minha vida [...] sou muito católica mesmo, fiz primeira comunhão, fiz crisma, nunca reclamei de acordar cedo pra pode ir. [...] Lá eu me sento muito bem [...] as meninas colocam assim no MSN [aplicativo de mensagens muito utilizado na época]: “Passamos o carnaval inteiro chapado”. Aí colocamos entre aspas “...no espírito santo”. [...] é muito gostoso... você sente paz dentro do rebanhão, tem amigo, conversa, você faz amizades.</i></p>
2010	<p>Dilma: <i>[...] escola, igreja, o grupo de jovens que eu participo. [...] Eu sou fascinada por música. Tudo faço com música. Escola, prova... sempre estou com o fone de ouvido. [...] faz muita amizade [no teatro da igreja]. [...] Na hora que a XXXXXXXX [amiga] chegou, foi nossa luz! Porque ela falou assim: “Vamos fazer! [grupo de teatro]. O teatro que a gente vai fazer eu sou uma menina que eu cresço com Deus. Depois, Ele salva o mundo! Vamos pegar firme!”. Aí nós pegamos firme. [...] formar um teatro assim em uma semana, foi a união da gente.</i></p> <p>Renato: <i>Eu trabalho nos Vicentinos [grupo religioso] da minha comunidade da igreja. Nós saímos para arrecadar alimentos nas casas...</i></p> <p>Pesquisadora: <i>O que você sente dentro de você que ajuda? Que dão forças? Pessoas, lugares?</i></p> <p>Renato: <i>Primeiro, acho que foi a igreja. Quando eu saí de um certo caminho, eu fui para a igreja. Minha madrinha... ela também me ajudou. Nós fazemos parte da igreja católica. [...] tem no final e no início do mês [arrecadação de alimentos]. A gente sai para arrecadar e depois entrega para as pessoas. [...] é bom, feliz. [...] tem a reunião do grupo e depois vai de carro entregar nas praças para pessoas que ficam na rua. Cada quarta-feira é uma turma... quarta-feira [próxima] é nossa turma.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Qual oficina [do projeto social que frequentava] você curtia mais?</i></p> <p>Renato: <i>Dança! É de sábado, por isso é difícil eu ir. [...] nós também temos nosso grupo de dança na escola.</i></p>

Pesquisadora: *Aqui [na comunidade] tem lugares onde vocês podem ter direito a lazer?*

Renato: *Tem alguns lugares: parques, lan ouse, as escolas no final da semana... tem escola da família... Lá tem pinturas, jogos. Eu frequento quando não vou trabalhar.*

Pesquisadora: *E as apresentação dos grupos do projeto, você apresentou o ano passado?*

Renato: *Apresentei. Foi bom, legal... capoeira, circo. [...] As crianças apresentam o que fazem. Tipo assim: se você faz capoeira, apresenta capoeira. E depois apresenta música... é assim! [...] Todo mundo faz, todo mundo apresenta tudo que faz. Eu apresentei hip hop, percussão e a capoeira.*

Rita: *Paro o meu futuro, eu quero fazer minha faculdade [...] e quero fazer minha faculdade e arrumar um emprego... um emprego fixo [...] eu espero continuar na dança. [...] Eu, a cada dia mais, me dedico mais na dança. Quero continuar dançando [...] meu grupo [de dança é] firme. [...] Gosto do grafite, do hip-hop... é o grafite, o break e o rap... os quatro elementos do hip-hop. [...] é uma coisa que eu gosto mesmo, eu não sei [...] (...) eu admiro bastante quem [sabe] grafitar, quem é grafiteiro.*

Pesquisadora: *Como é a escola para você?*

Rita: *É importante a escola querendo ou não é! Mas eu não tirei foto não da escola. [...] as outras coisas, como projeto [social], minhas amigas, minha família, a XXXXXXXX, a XXXXXXXX, meu pai são bem mais importantes. As atividades do projeto são em primeiro lugar!*

Pesquisadora: *Como você avalia as festas as celebrações da vida em família?*

Barbara: *Eu gosto muito! Com a família da Jennifer [companheira], a gente vive muito isso. Quando em vim para cá, a gente começou a levar cada vez uma para almoçar com a gente, para eu ir conhecendo [as pessoas da família da companheira]. Quando ninguém tem dinheiro, cada um leva uma coisa. Eu gosto de [me] reunir.*

2023 Dilma: *Desde que eu era menina, eu já fazia parte da pastoral da juventude, lá na XXXXXXXX [nome do bairro], onde eu morava. Fui fazer curso ecumênico pela pastoral na XXXXXXXX [Universidade] em São Paulo. Sempre vivi muito ligada nas coisas da igreja, sempre muito envolvida. [...] temos um grupo de oração, a gente participa... o XXXXXXXX [companheiro] é do grupo da intercessão. A gente é muito parte de tudo lá.*

Pesquisadora: *E o que vc faz hoje para manter sua saúde física, mental?*

Dilma: *Ouvir música, ir para Igreja, sair... eu e o Paulo, a gente gosta... vai rodar pelas fazendas da região. [...]em outubro teve um encontro para festejar os 90 anos da minha avó. Aí a gente reuniu a família toda no sítio. É algo que [me] marcou muito. Na nossa rotina a gente tem uns amigos que a gente se reúne para conversar, tomar uma cerveja... e a gente fica até tarde. Aí tem um padre que vai e toca um violão... então assim, é bem legal!*

Renato: *Ajuda bastante a se fortalecer [a igreja]. Primeiro lugar é Deus... é sempre Deus me fortalecendo. [...] Eu comecei a ir eu tinha [com] uns sete anos, na católica.*

Renato: *Eu faço tudo que eu gosto... sair, divertir, né? Com os amigos. [Vou] Para a academia. [...] a igreja, jogar videogame, legal, legal... pra manter saúde mental. [...] Ahh, tem quermesse, às vezes, nas épocas de festa. Participo às vezes.... a conferência, montar lá a barraquinha, né? E a gente tem que ajudar, participo, faz diferença. [...] essa foto aí do altarzinho, com 2 santinhos e o crucifixo, essa é da reunião dos vicentinos. A gente faz toda terça que eu participo. Do lado esquerdo, [de] terninho marrom, é o Antônio Frederico, criador dos vicentinos, considerado santo também... e do outro lado, que está um santinho de preto com umas criançinhas, é o Vicente de Paula, que é o criador de tudo, né? Da ordem dos vicentinos é a base o fundamental, a partir dele que se criou a ordem e os grupos até hoje.*

Um dado interessante desta Tensão relacionou-se à vinculação dos participantes a atividades artísticas e culturais na adolescência e como isso se associa diretamente à resolução da Tensão Adesão Cultural. Argumenta-se que os espaços culturais, que oferecem atividades como música, teatro, oficinas de circo, dança e modalidades esportivas, são recursos importantes no fortalecimento de jovens em suas comunidades e no acionamento de processos de resiliência (ver também as investigações de Miller-Graf et al., 2020; Zarobe & Bungay, 2017).

A pesquisa de Gómez-Restrepo et al. (2022), realizada com adolescentes de Bogotá, revelou que este grupo foi beneficiado ao se engajarem em atividades artísticas a partir de cinco dimensões: i) ao permitir a expressão de sentimentos; ii) por ajudar a gerir e transformar emoções; iii) distrair os adolescentes dos problemas; iv) facilitar o apoio e relacionamentos sociais; v) contribuir para a consolidação de identidades fortalecidas dos jovens. No contexto nacional, a pesquisa de Barbosa et al. (2020) discutiu como a dança e a arte podem ajudar crianças e jovens que vivem em regiões periféricas a construir uma vivência significativa e desenvolverem noções de cidadania. Segundo as autoras supracitadas, os projetos sociais que utilizam a dança, o teatro e manifestações

artísticas como metodologia, têm o potencial de mitigar as adversidades enfrentadas no cotidiano das periferias.

Na mesma direção, a literatura aponta que a religiosidade é uma dimensão social e cultural importante das vivências humanas e está associada à desenvolvimento positivo (Kosher & Ben-Arieh, 2017). Diversos estudos abordaram que a adesão a práticas religiosas por adolescentes e jovens pode influenciar valores positivos e comportamentos pró-sociais (Dalgarrondo, 2006; Nascimento et al, 2020). Adicionalmente, Wilson e Somhlaba (2018) afirmaram que a afiliação religiosa afeta significativamente os níveis de satisfação com a vida, as percepções de apoio social recebido, aumenta sentimentos de esperança e bem-estar emocional, bem como diminui sofrimento psíquico em adolescentes.

Os mecanismos que envolvem religiosidade e espiritualidade associados à resiliência é um debate ainda incipiente e controverso na literatura internacional. Por exemplo, na pesquisa de Borualogo (2018), realizada com adolescentes e jovens (meninas e mulheres, com idades entre 15 e 23 anos) vítimas de exploração sexual ou tráfico humano, o autor associou, entre outras dimensões, os processos de resiliência à religiosidade e espiritualidade. Para o autor:

As pessoas [meninas e mulheres vítimas de exploração sexual ou tráfico humano] valorizaram a fé espiritual como o recurso fortalecedor para superar as adversidades. Elas aceitaram esta condição indesejada como um destino. Elas também pediram perdão a Deus por seus erros e pecados. Ao seguir atividades religiosas, eles sentiram paz mental e reduziram os sentimentos de estresse. Elas também participaram ativamente nas comunidades religiosas para preencher as suas atividades diárias de forma significativa (Borualogo, 2018, p. 211, tradução nossa).

Não se trata, portanto, de negar que pode haver um efeito psicológico positivo relacionados à espiritualidade e do engajamento a práticas religiosas (como debatido por Dalgarrondo, 2006; Kosher & Ben-Arieh, 2017; Nascimento et al, 2020; Wilson & Somhlaba, 2018). Mas, uma leitura acrítica e ingênua desses processos pode produzir efeitos desastrosos para as pessoas, como por exemplo, quando elas incorporam um sentimento de que apenas à vinculação a crenças espirituais e orações sejam suficientes para lidar com problemas estruturais e formas cruéis de violação de direitos fundamentais. Isso ficou ainda mais saliente na presente investigação quando se constatou que, na vida adulta, os participantes pareceram ficar muito restritos a participação em atividades religiosas como práticas culturais.

5.8 Capacidade em nutrir projetos de vida

O conceito das Tensões desenvolvidas por Ungar (2005; 2008) é central para esta pesquisa. Como amplamente exposto nesta investigação, elas são entendidas como problemáticas ou desafios presentes na trajetória de vida e no contexto de adolescentes e jovens, e que, quando solucionadas ou enfrentadas, facilitam a manifestação de processos de resiliência. A partir dos dados empíricos derivados desta Tese e de outras investigações do grupo de pesquisa onde essa investigação foi desenvolvida (Cacozza et al., 2023; Pessoa et al., 2017; Pessoa et al., 2018; Pessoa et al., 2019; Santos et al., 2022), propõe-se a inclusão de uma nova Tensão ao modelo teórico preconizado por Michael Ungar: *Capacidade em Nutrir Projetos de vida*.

Sumariamente, esta Tensão representaria a capacidade de adolescentes e jovens expostos a condições de vulnerabilidade pessoal e/ou social conseguirem, apesar das adversidades presentes em suas vidas, manter projetos de vida e aspirações futuras. Essa Tensão também se associa à delimitação de estratégias concretas para atingir objetivos

peçoais, bem como o acesso e negociação com recursos disponíveis em suas ecologias ou contextos comunitários para efetivação de tais metas. A resolução dessa Tensão, ou seja, a capacidade e possibilidade em nutrir projetos de vida, é o que se relaciona com os processos de resiliência. Por outro lado, quando os adolescentes deixam de sonhar ou de delimitar projeções futuras, podem tornar-se mais vulneráveis, pois consolida-se sentimentos de desesperança e frustração.

Tanto na coleta de dados conduzida quando eram adolescentes quanto na vida adulta, esta Tensão mostrou-se enfrentada. Nos excertos do trabalho de campo realizado em 2010, todos mencionaram projeções futuras, com destaque para: ter a casa própria; conseguir um bom emprego; acessar à universidade; conseguir um trabalho fixo. Falaram, ainda que timidamente, da importância dos estudos e da escola para a concretização de tais metas e mencionaram o quanto estas conquistas poderiam ajudar suas próprias famílias. Dois participantes informaram que desejavam seguir em carreiras artísticas, muito provavelmente por estarem engajados em atividades desse porte nos projetos sociais que frequentavam.

Em 2023, notou-se que alguns deles reconheciam que já tinham conquistado muitas coisas e que alguns projetos de vida haviam sido alterados ou redimensionados. Algumas projeções da adolescência foram retomadas pelos participantes, como por exemplo, possuir a casa própria e concluir um curso em nível superior. Outros temas foram inéditos, como constituir uma nova família, quitar as prestações do carro próprio e abrir o próprio negócio. Independentemente dessas mudanças nos projetos de vida, os dados desta Tensão sugerem que os participantes, tanto na adolescência quanto na vida adulta, mantinham inúmeros projetos de vida, apesar dos infortúnios e adversidades que foram cronicamente expostos longitudinalmente.

Tabela 15. Capacidade em nutrir projetos de vida

	Citações
	<p>Dilma: [...] <i>os amigos que eu ando, as amizades que a gente tem, são a mesma preocupação: escola, faculdade e trabalho.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Que expectativas você espera do teu futuro?</i></p> <p>Dilma: <i>Espero poder arrumar um emprego e fazer uma faculdade que eu quero. Terminando a faculdade, trabalhar na área que eu quero. [...] Zootecnia ou Agronomia. [...] A vontade [que eu tenho] desde pequenininha... família mexendo com terra, família mexendo com isso ou aquilo, com bichos. Aí eu já peguei gosto de querer fazer. [...] mas que eu foco mais é emprego e a faculdade que eu quero fazer. Ahhh, e a escola. Eu só me foco em escola. Tudo que eu mais quero é terminar a escola e arrumar um serviço. [...] Quero casar, arrumar filhos... depois do estudo.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>Então você acredita que é capaz de realizá-los?</i></p> <p>Dilma: <i>Unham, só basta querer.</i></p>
2010	<p>Renato: [...] <i>espero ser um... ter um serviço bom quando eu crescer, para poder ajudar minha mãe, meus irmãos. [...] tem bastante coisas. Acho que quando eu crescer eu queria ser artista. [...] Ah! Ter casa, significando a família tudo unida no futuro.</i></p> <p>Rita: <i>Para o meu futuro eu quero fazer minha faculdade. Eu quero fazer minha faculdade e arrumar um emprego... um emprego fixo tudo [...] eu espero continuar na dança [...] Eu, a cada dia mais, me dedico mais na dança... quero continuar dançando. [...] Ah, mas depois eu vou fazer cursos. Eu acho que eu vou entrar no PETI, porque aí faz curso num horário contrário da escola. Você faz o curso e aí você vai para o serviço. [...] Quando eu terminar eu quero fazer pedagogia, de faculdade. [...] Desde pequena eu tive vontade de ser professora. Aí eu fui atrás para saber o nome da faculdade. Aí eu fui atrás e eu descobri que é pedagogia para dar aula de primeira a quarta, né?</i></p> <p>Barbara: <i>Que eu quero para mim? Ter um lugar bom para morar, ter isso essas coisas, né? O que todo mundo precisa mesmo...</i></p>
2023	<p>Dilma: <i>Eu sou formada hoje em Serviço Social. Já fazem 7 anos [...] Não atuo na minha área ainda, mas quero. [...] a gente quer ter filho, mas depois que a gente conseguir se organizar... eu estar com serviço certinho... a gente tem projetos.</i></p> <p>Pesquisadora: <i>O que você tem feito para realizar esses projetos?</i></p> <p>Dilma: <i>Trabalho, trabalho, trabalho....., eu terminei o colegial em 2011 e já fui para a faculdade. [...] hoje a gente está pensando na casa própria e quer quitar o carro. Mas a gente olha em 3 anos... Nossa! A gente vive muito bem! Nossa casa é bem mobiliada e nós começamos do zero.</i></p> <p>Renato: <i>Eu sempre quis fazer faculdade de educação física. [...] eu gosto muito de esporte. E eu quase comecei... só que aí me mandaram embora lá daquele serviço que eu estava... e não deu certo.</i></p>

Pesquisadora: E você tem visitado sites para pesquisar faculdades, para ver as possibilidades de começar a fazer isso?

Renato: *Não, na verdade eu quase entrei no concurso da polícia, né? Nesses tempos atrás... só que aí não deu certo, por causa do serviço. Fora de horário. [...] agora quero mesmo é trabalhar e a hora que der fazer educação física.*

Rita: *Bom, eu já consegui conquistar bastante sonhos, graças a Deus! Mas agora eu quero, nesse ano, tentar comprar minha casa e trocar de carro também... e ter uma estabilidade financeira melhor. Graças à Deus hoje eu estou muito bem financeiramente.*

Rita: *[...] fazia bolo e doces em casa para ajudar na renda. Ali surgiu o sonho e eu queria ser confeitadeira. Sonhava ser mãe desde pequena. [...] na verdade eu sempre gostei. Então, depois que eu casei, eu gosto de cozinhar e de fazer doces, bolos, por conta da família. Aí eu falava assim: “Eu vou aprender”. [...] e eu fui gostando e falei: “É isso que eu quero! E realmente era isso que eu queria. [...] eu nunca achei que eu ia achar um serviço que eu gostasse tanto, mas eu amo! Meu plano agora é fazer faculdade de gastronomia.*

Barbara: *Em primeiro [lugar] eu quero conquistar minha casa própria. Em segundo, minha própria empresa... trabalhar para mim mesma e seguir a vida feliz. [...] o ponta pé inicial foi esse ano... a gente firmou o pé e pensamos: “Vamos por energia”. [...] mas por sermos novas, eu 26 agora e ela com 31, ainda estamos lutando. [...] olho para cursos... de tudo um pouco. Pesquisei maquiagem, pesquisei depilação, sobrancelha... eu gosto da estética e tenho jeito também. E acho que combina com as coisas que vendo para mulheres. Dá para ter meu próprio negócio!*

Os projetos de vida e aspirações individuais não devem ser compreendidos unicamente como manifestações individualistas ou espontâneas. Santoro (2022) e Alvarenga (2021) relataram que os projetos de vida e as projeções para o futuro são fortemente influenciados pelo contexto social, pelas famílias e relacionamentos interpessoais mantidos em diferentes etapas do ciclo de vida (ver, complementarmente, Graham & Pozuelo, 2023). Considera-se que a possibilidade de estimular jovens a nutrir e manter projetos de vida é um mecanismo de proteção diretamente relacionado a processos de resiliência (Cui et al., 2020; Oshi et al., 2018). A orientação para o futuro ou a consolidação de projetos de vida envolvem o estabelecimento de metas, a intenção de alcançar objetivos pré-estabelecidos, a preparação para uma carreira e aprender a viver

de forma independente (Germano & Colaço, 2012; Cui et al., 2020; Oshi et al., 2018). Isso não significa, no entanto, que se trata de uma responsabilidade individual, apenas.

Na pesquisa com adolescentes conduzida por Graham e Pozuelo (2023), foi identificado que altas expectativas em relação ao futuro implica em maior investimento dessa população em atividades de escolarização, bem como reduz as chances de se engajarem em comportamentos de risco. Por outro lado, afirmam Mullainathan e Shafr (2013), o sentimento de desesperança e a impossibilidade de traçar projetos de vida na adolescência, retroalimentado por problemas estruturais e escassez de oportunidades, pode trazer implicações severas para a vida adulta. Pessoas que tendem a desacreditar no futuro ou que têm seus sonhos e ideais constantemente minados, são mais propensas a investir menos em projetos de médio e longo prazo, como atividades de escolarização e organização financeira. Portanto, existem fortes evidências na literatura de que a indisponibilidade de oportunidades e de condições concretas que moldam aspirações individuais pode dificultar a criação e manutenção de projetos de vida de grupos historicamente desfavorecidos (Ross, 2019).

Na pesquisa realizada por Pessoa (2015) com adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas, ficou fortemente evidenciado que os adolescentes mais vulneráveis e que demonstravam menores indicadores de resiliência eram àqueles que não conseguiam estabelecer projetos de vida. Em muitos casos, os participantes afirmavam que tinham aspirações em médio ou longo prazo porque “não sabiam se estariam vivos na próxima semana” (em razão dos conflitos que mantinham com outros grupos também vinculados ao tráfico de drogas). Estes dados são similares à pesquisa realizado por Pessoa et al. (no prelo) com adolescentes exploradas sexualmente no contexto brasileiro. Suas vidas são marcadas por tantas violência e falta de oportunidades

que, notadamente, as participantes tinham dificuldades de relatar o que almejavam para seus próprios futuros.

Apesar de considerar que é fundamental desenvolver outras investigações empíricas sobre a Tensão *Capacidade em nutrir projetos de vida*, os dados empíricos coletados nesta Tese, somado a outras publicações desenvolvidas no contexto nacional, sugerem que este é um tema profícuo e que merece investimentos por parte da comunidade científica. Talvez esse achado indique que a perspectiva teórica desenvolvida por Ungar (2005; 2008) possa ser nomeada e compreendida a partir de 8 Tensões, e não 7, como encontra-se atualmente.

Capítulo 6

Considerações Finais

O objetivo geral desta Tese foi analisar, por intermédio de uma investigação longitudinal, os processos de resiliência em jovens que foram expostos a situações de risco e vulnerabilidade significativas durante a infância e adolescência. Especificamente, buscou-se: (i) caracterizar e mapear a produção do conhecimento no contexto nacional e internacional acerca das pesquisas longitudinais sobre processos de resiliência com adolescentes e jovens; (ii) analisar, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura, as pesquisas longitudinais sobre resiliência desenvolvidas com populações expostas à situação de vulnerabilidade social; (iii) avaliar a manutenção de fatores de risco que se perpetuam entre ciclos de desenvolvimento; (iv) verificar quais Tensões foram solucionadas e que podem estar associadas com a manifestação de processos de resiliência em jovens adultos que foram expostos a adversidades na infância e adolescência.

No Capítulo 1, que versou sobre a caracterização e mapeamento da produção científica nacional e internacional de estudos longitudinais relativos aos processos de resiliência de adolescentes e jovens adultos, constatou-se que a produção ocorreu, majoritariamente, em países desenvolvidos e localizados no hemisfério norte, sendo inexistentes as publicações que retrataram a realidade de populações do sul global. Como ocorre em outras áreas das ciências psicológicas, há predominância de investigações nos Estados Unidos, o que pode, de alguma forma, reforçar a lógica colonizadora da ciência.

Também ficou evidenciado um aumento na produção científica nessa temática nos últimos anos, em especial na segunda década analisada. Esse resultado sugere que há um interesse maior da comunidade científica em averiguar a manifestação dos processos de resiliência longitudinalmente. Esse movimento pode implicar o desvelamento de variáveis, sociais e psicológicas, que são mais efetivas para a promoção da saúde mental

no decorrer do tempo (inclusive na transição entre ciclos vitais), em especial quando pessoas e comunidades estão expostas a condições adversas crônicas.

Em relação ao tempo de execução das pesquisas relatadas nas publicações e que, portanto, as caracterizavam como longitudinais, houve grande diversidade nessa variável. Isso está associado às imprecisões conceituais e à própria escassez de investigações dessa magnitude. Recomenda-se que estudos futuros possam delimitar, de forma mais assertiva, quais são as características de uma investigação empírica que a tornem de natureza longitudinal. Da mesma forma, sugere-se que estudos de revisão sistemática de literatura, com atenção especial à qualidade metodológica, sejam conduzidos.

Ainda no Capítulo 1, ficou demonstrado que a maior parte das pesquisas recorreram ao uso de questionários/escalas, entrevistas e análise documental. Entende-se como necessária a diversificação das estratégias metodológicas, como uso dos métodos visuais, pesquisas interventivas e em ambientes virtuais. Tais recursos podem revelar temas ainda desconhecidos e que se associam à promoção de resiliência de adolescentes e jovens no decorrer do tempo.

Já no Capítulo 2, cujo foco era caracterizar, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura, os fatores de proteção que se manifestam longitudinalmente e que se associam com o acionamento dos processos de resiliência na vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, notou-se, novamente, uma ausência de estudos longitudinais no contexto brasileiro e latino-americano. Pesquisas desse porte demandam recursos financeiros mais robustos e equipes de pesquisa qualificadas, mas certamente podem evidenciar os efeitos dos fatores protetivos no acionamento de processos de resiliência que ocorrem na transição entre ciclos de desenvolvimento.

A capacidade de nutrir relacionamentos interpessoais positivos e duradouros foi um dos aspectos mais mencionados nos artigos analisados para a promoção de resiliência

de adolescentes e jovens em situação de exclusão social. De forma similar, o engajamento em atividades diversificadas, sobretudo em ambientes de educação formal, e o suporte emocional ofertado nessas instituições parecem ter um efeito positivo na vida desses grupos e minimizam as repercussões psicológicas e sociais decorrentes da exposição a fatores de risco.

Foram identificados, no Capítulo 2, diversas características e atributos pessoais de adolescentes e jovens que aparecem correlacionados com processos de resiliência. Todavia, sabe-se que tais dimensões psicológicas são resultantes de contextos de desenvolvimento que são favorecedores de saúde mental e bem-estar. Argumenta-se, desse modo, que os aspectos subjetivos identificados nas pesquisas podem ser promovidos por intervenções psicológicas e educativas que estejam alinhadas às necessidades desses grupos. As vertentes teóricas que compreendem tais características como inatas ou “espontâneas” não captam acuradamente a complexidade dos fenômenos psicológicos das pessoas que são expostas de forma recorrente a fatores de riscos.

Os projetos de vida de adolescentes e jovens, apontados nas pesquisas analisadas como centrais nos processos de resiliência, têm sido também um tema recorrente na literatura nacional. Já os pontos de virada, ou seja, os eventos significativos que promovem mudanças substanciais no modo de vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, ainda é uma temática pouco explorada e merece investimentos da comunidade científica em investigações futuras.

O estudo apresentado no Capítulo 2 teve o mérito de elencar o que está evidenciado na literatura internacional como relevante para a promoção de resiliência em adolescentes e jovens que vivenciam ciclos geracionais de exclusão e vulnerabilidade social. Os achados da investigação podem fomentar debates em campos de pesquisa ainda

pouco explorados, bem como subsidiar intervenções e práticas institucionais que sejam potencializadoras do bem-estar e dos processos de resiliência de adolescentes e jovens.

Entre as limitações da investigação apresentada no Capítulo 2, aponta-se para a impossibilidade de analisar a publicação em outros idiomas e a não inclusão de outros descritores para a busca de artigos com temáticas similares. Mas as delimitações metodológicas e os recortes empregados tiveram o objetivo de operacionalizar o estudo e torná-lo exequível. Certamente outras revisões integrativas e mesmo sistemáticas podem ser conduzidas como forma de complementar os achados desta investigação. Recomenda-se, ainda, que estudos desse porte sejam replicados no Brasil e que haja mais investimentos em estudos longitudinais associados à temática da resiliência e dos fatores de proteção.

No Capítulo 3 foi descrita, de forma pormenorizada, os aspectos metodológicos que subsidiaram o estudo empírico realizado. Foram retomados os contatos com adolescentes (entre 13 e 15 anos de idade) que participaram da pesquisa coordenada por Libório, em 2010. No ano de 2023, quando a pesquisa de campo foi realizada novamente, eles tinham idades entre 25 e 27 anos, o que caracterizou este estudo como longitudinal retrospectivo. Apesar dos esforços de retomada de contato com todos os participantes do ano de 2010, a pesquisadora responsável por esta Tese conseguiu coletar dados efetivamente com 4 (quatro) participantes, sendo 3 mulheres e 1 homem. Na coleta de dados, foram utilizadas as técnicas de entrevistas semiestruturadas, linha do tempo (*Timeline*) e a produção de fotografias (fundamentado nos métodos visuais). Embora não tenha feito parte dessa Tese, a pesquisadora também fez uma coleta de dados complementar utilizando o Inventário de Eventos Estressores. Espera-se que os resultados derivados desse instrumento possam ser disseminados em publicações futuras.

O trabalho de campo revelou os desafios em pesquisas longitudinais em termos da retenção dos participantes. Pesquisadoras/es que almejam realizar estudos desse porte devem estabelecer, *a priori*, estratégias de manutenção dos vínculos com os possíveis participantes. As tecnologias de informação, como as redes sociais, podem ser aliadas nessa empreitada. Mas é importante salientar que a postura ética e cuidadosa das equipes de pesquisa com os participantes em potencial é crucial para o êxito da retomada desses contatos. Diversos participantes relataram que os vínculos que tinham estabelecido com Libório (2010) tinha sido benéfico, prazeroso e respeitoso, o que fez com que alguns deles não titubeassem em dar continuidade ao estudo.

Avalia-se que a técnica de Análise Temática (AT), descrita também no Capítulo 3, foi adequada para a presente investigação. Isso porque todas as interações estabelecidas com a pesquisadora, seja presencialmente ou online, ficaram armazenadas textualmente. Desse modo, foi possível percorrer as 6 (seis) etapas amplamente recomendadas pela comunidade científica internacional para a realização da AT. Mesmo as interações a partir das fotografias produziram um *corpus* de análise consistente e que corroboraram para o desenvolvimento de uma análise qualitativa abrangente e sólida. Na presente investigação não foi utilizado um *software* de análises qualitativas, contudo, dada a extensão dos dados (coletados em dois períodos distintos e através de diversas técnicas), o emprego de uma tecnologia desse porte poderia ter otimizado a análise e reduzido o tempo de dedicação da pesquisadora nestas tarefas.

O Capítulo 4 objetivou avaliar a manutenção de fatores de risco que se perpetuam entre ciclos de desenvolvimento, mais particularmente na transição entre a adolescência e a vida adulta. Antes de apresentar as temáticas que se derivaram da análise, foi realizada uma síntese das trajetórias de vida dos participantes, levando em consideração dados de suas infâncias e adolescências (coletados em 2010) e da adolescência até a vida adulta

(viabilizados pelo trabalho de campo feito em 2023). Além de contextualizar os leitores acerca dos fatores de risco e proteção que estiveram expostos durante a vida, foi possível identificar similaridades entre suas histórias, marcadas por muitas privações e situações de vulnerabilidade.

Subsequentemente, foram apresentadas 4 (quatro) subseções que tematizaram os fatores de risco que parecem se perpetuar longitudinalmente na vida dos participantes. A primeira delas relaciona-se ao mundo do trabalho. Quando adolescentes, os participantes ansiavam serem inseridos em atividades laborarias, especialmente porque almejavam ajudar suas famílias que passavam por dificuldades socioeconômicas. Na vida adulta, apesar de o trabalho possibilitar que saíssem da condição de vulnerabilidade extrema, verbalizaram o quanto suas atividades eram extenuantes, com impactos até mesmo na saúde mental.

A segunda temática do Capítulo 4 revelou que os participantes ainda residiam em regiões e bairros periféricos de suas cidades. A questão central não é especificamente o território, mas os relatos de que nesses espaços as pessoas convivem rotineiramente com sentimentos de medo, inacessibilidade a políticas públicas e exposição ao tráfico de drogas. Além disso, reclamaram contundentemente do tempo que levam para se deslocar a alguns espaços da cidade, inclusive dos locais onde trabalhavam. A invisibilidade deliberada das periferias dificulta a vida de seus moradores, que em razão dos problemas estruturais são tolidos do direito à participação social e de estabelecer ações de autocuidado.

Algo que pareceu comum aos participantes, descritos na terceira temática do Capítulo 4, foram os inúmeros rompimentos com figuras protetivas de suas vidas. Esta quebra de vínculos se deu com figuras de cuidado (como pais, mães e avós), mas também com profissionais que os atendiam em projetos sociais e em programa especializados. Os

rompimentos abruptos e frequentes de vínculos significativos podem deixar adolescentes e jovens que vivenciam processos crônicos de vulnerabilidade com sentimento de desamparo e sem referências positivas para a vida.

A quarta e última temática do Capítulo 4 focou mais particularmente em processos de vulneração longitudinais vividos pelas adolescentes que participaram do estudo e que tinham sido vítimas de violência sexual na adolescência. Ambas se queixaram, tanto na adolescência quanto na vida adulta, sobre o incômodo com o peso corporal, o que foi explicado, por meio da literatura da área, como sintomas psicológicos que podem se manifestar mais tardiamente para vítimas de violência. Também foi notado que ambas haviam sido revitimizadas em espaços e instituições sociais que deveriam acolhê-las e protegê-las.

Assim, os dados e as análises apresentadas no Capítulo 4 sugerem que os participantes do estudo estiveram expostos a fatores de riscos que se perpetuam longitudinalmente em suas vidas, apesar de ocorrerem algumas variações. Estes achados podem informar ao poder público sobre como as estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades sociais têm sido ineficazes e inócuas.

No Capítulo 5, retomou-se a abordagem das 7 (Sete) Tensões propostas por Michael Ungar. As Tensões são definidas por este autor como problemáticas ou desafios sociais que, quando solucionados ou enfrentados, facilitam a manifestação dos processos de resiliência em adolescentes e jovens. Sumariamente, esta Tese revelou que os processos de resiliência não estão relacionados à resolutividade de todas as Tensões simultaneamente. Algumas Tensões parecem ter sido enfrentadas desde adolescência, ao passo que outras parecem ter sido solucionadas apenas quando adultos. Além disso, os dados, acompanhados de uma análise crítica da literatura da área, sugerem que algumas Tensões parecem ainda não ter sido enfrentadas pelos participantes. A Tabela 16 indica

quais Tensões foram enfrentadas na adolescência, na vida adulta ou não foram solucionadas:

Tabela 16. Tensões na Adolescência e Aduldez

Tensão	Período de Enfrentamento da Tensão	
	Adolescência	Aduldez
<i>Acesso a Recursos Materiais</i>		X
<i>Relacionamentos</i>	X	X
<i>Identidade</i>	X	X
<i>Coesão</i>	X	X
<i>Poder e Controle</i>	X	X
<i>Justiça social</i>		
<i>Adesão cultural</i>	X	

Os dados empíricos evidenciaram que as Tensões *Relacionamentos*, *Identidade*, *Coesão* e *Poder e Controle* pareceram ter sido enfrentadas pelos participantes tanto na adolescência quanto na vida adulta. *Acesso a Recursos Materiais* foi uma Tensão solucionada apenas na adultez, quando os participantes conseguiram se inserir em atividades laborais formais. Ainda, a Tensão *Adesão Cultural* pareceu ter sido enfrentada na adolescência, pois os participantes estavam engajados em inúmeras atividades artísticas, religiosas e vinculados a diversos grupos. Todavia, na vida adulta, a participação e adesão a práticas culturais pareceu muito restrita à igreja e religiosidade. Por fim, a Tensão *Justiça social*, na interpretação da pesquisadora responsável pela Tese, não foi solucionada em nenhum momento de suas vidas. Os participantes até conseguem citar algumas situações de injustiças sociais, mas a análise que fazem é pouco consistente e não participam efetivamente de espaços que produzem transformações sociais diante de situações de injustiças estruturais.

Ainda com base nos dados empíricos, mas levando em consideração outras experiências investigativas do Grupo de Pesquisa que esta Tese integra, foi proposta a inserção de uma nova Tensão, provisoriamente (ou não!) intitulada *Capacidade em nutrir projetos de vida*. Em síntese, esta Tensão aborda a capacidade de adolescentes e jovens expostos a condições de vulnerabilidade pessoal e/ou social conseguirem, apesar das adversidades presentes em suas vidas, manter/nutrir projetos de vida e aspirações futuras. Os dados coletados corroboraram para a afirmação de que tanto na adolescência quanto na vida adulta os participantes enfrentaram essa Tensão, pois, apesar dos infortúnios vividos, foram capazes de manter ideias positivas para o futuro, incluindo a elaboração de novos projetos e desafios. Recomenda-se que estudos futuros sejam conduzidos para verificação da solidez dos argumentos teóricos usados para a definição desta Tensão, de modo que essa prerrogativa seja confirmada, refutada ou reformulada.

Tese Defendida

Os argumentos centrais desta pesquisa, que a sustentam como uma Tese de Doutorado em Psicologia, se baseiam em 5 (cinco) assertivas:

- 1) Apesar do ligeiro aumento da produção científica nas últimas duas décadas sobre processos de resiliência que se expressam longitudinalmente, há uma predominância de estudos conduzidos no Hemisfério-Norte, o que oculta a realidade psicológica e social dos povos do Hemisfério-Sul e acentua os mecanismos coloniais da produção do conhecimento nesse campo investigativo;
- 2) Persistem imprecisões conceituais que precisam ser extensamente debatidas pela comunidade científica sobre o que caracteriza um estudo de delineamento longitudinal e como a resiliência, enquanto um processo psicológico, pode ser estudado em transições de ciclos de desenvolvimento. Além

disso, recomenda-se fortemente uma diversificação nos instrumentos e técnicas para a análise longitudinal da resiliência, cujo enfoque tem sido, majoritariamente, por intermédio de instrumentos considerados tradicionais e padronizados;

3) Relacionamentos interpessoais positivos e duradouros, engajamento em instituições que ofertem genuinamente suporte emocional e intervenções assertivas (validadas cientificamente e sensíveis à diversidade cultural) são cruciais para a promoção de resiliência de adolescentes e jovens que vivenciam processos crônicas de vulneração;

4) Existem fatores de risco que se perpetuam entre ciclos desenvolvimentais e que escancaram a ineficiência do poder público em romper com circuitos de violação de direitos, em especial de adolescentes e jovens que vivem com suas famílias em regiões periféricas e marginalizadas;

5) A resolutividade das Tensões está, de fato, associada à promoção de resiliência, mas isso não ocorre de forma simultânea e linear. Algumas Tensões parecem ter sido enfrentadas desde adolescência, ao passo que outras foram solucionadas apenas quando os participantes eram adultos e uma Tensão (Justiça social) não parece ter sido enfrentadas em nenhuma etapa do ciclo vital. Além disso, identificou-se nesta Tese uma nova Tensão - Capacidade em nutrir projetos de vida – que requer investigações adicionais no futuro.

Referências

- Aguiar, J. M. D., Schraiber, L. B., Pereira, S., Graglia, C. G. V., Kalichman, B. D., Reis, M. S. D., ... & D'Oliveira, A. F. P. L. (2023). Atenção primária à saúde e os serviços especializados de atendimento a mulheres em situação de violência: expectativas e desencontros na voz dos profissionais. *Saúde e Sociedade*, 32, e220266pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220266pt>
- Aldrich, D., & Meyer, M. (2015). Social Capital and Community Resilience. *American Behavioral Scientist*, 59(2), 254-269.
doi: <http://doi.org/10.1177/0002764214550299>
- Almquist, Y. B., Landstedt, E., Jackisch, J., Rajaleid, K., Westerlund, H., & Hammarström, A. (2018). Prevailing over Adversity: Factors Counteracting the Long-Term Negative Health Influences of Social and Material Disadvantages in Youth. *International journal of environmental research and public health*, 15(9), 1842. <https://doi.org/10.3390/ijerph15091842>
- Alvarenga, C. G., Patrocino, L. B., & Barbi, L. (2021). Discutindo projetos de vida com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. *DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude*, (29), 186-199.
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8075418.pdf>
- Alvarez, A. P. E., & Carvalho, M. C. (2006). Novas estratégias no campo da inclusão social: moradia assistida e trabalho assistido. *Psicologia para América Latina*, (8)
Recuperado em 31 de janeiro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400005&lng=pt&tlng=pt

- Alves, H. C., de Oliveira, N. P., & Chaves, A. D. (2016). “A gente quer mostrar nossa cara, mano”: hip hop na construção de identidade, conscientização e participação social de jovens em situação de vulnerabilidade social/“We want to show our face, man”: hip hop helping to build identity, awareness and social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(1), 39-52. <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0637>
- Athias, L. (2011). Reflexões sobre pesquisas longitudinais: uma contribuição à implementação do Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares. *Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro (RJ): IBGE.*
- Banyard, V. L., & Williams, L. M. (2007). Women's voices on recovery: a multi-method study of the complexity of recovery from child sexual abuse. *Child abuse & neglect*, 31(3), 275–290. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.02.016>
- Barbosa, B. F. (2008). *Instrumentos de Coleta de dados em Pesquisa Educacional. Metodologia de pesquisa.* http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf
- Barbosa, J. M., da Silva Rocha, M., & de Oliveira, C. D. M. (2020). Educação, corporeidade e espacialidade: uma perspectiva geográfica sobre os projetos sociais de dança em Fortaleza/CE. *Geografia (Londrina)*, 29(1), 247-265. <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2020v29n1p247>
- Barros, D. D., Ghirardi, M. I. G., Lopes, R. E., & Galheigo, S. M. (2011). Brazilian experiences in social occupational therapy. In Kronenberg, F., Pollard, N., & Sakellariou, D. (Eds.). *Occupational therapies without borders – Volume 2:*

towards an ecology of occupation-based practices. (pp. 209-216). Elsevier Health Sciences.

Bayley, N. (1956). Growth curves of height and weight by age for boys and girls, scaled according to physical maturity. *The Journal of Pediatrics*, 48(2), 187-194.
[https://doi.org/10.1016/s0022-3476\(56\)80164-9](https://doi.org/10.1016/s0022-3476(56)80164-9)

Boas, F. (2004). *Antropologia cultural*. Zahar.

Bonoto, ACP (2013). *Fatores de risco e proteção no processo de adaptação da criança à separação/divórcio dos pais em litígio: um estudo de laudos psicológicos.* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107237>

Bordalo, A. A. (2006). Estudo transversal e/ou longitudinal. *Revista Paraense de Medicina*, 20(4), 5.
http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000400001&lng=pt&tlng=p

Borualogo, I. S. (2018). Resilience of human trafficking victims in Indonesia. *MIMBAR Jurnal Sosial Dan Pembangunan*, 34(1), 204–212. <https://doi.org/10.29313/mimbar.v34i1.2856>

Bottrell, D., & Pessoa, A. S. G. (2019). Waiting, Belonging and Social Change: Marginal Perspectives from Sao Paulo and Melbourne. In: H. Cuervo, & A. Miranda (Edt.), *Youth, Inequality and Social Change in the Global South* (pp. 129-145). Singapore: Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-13-3750-5_9

Boyd, E. (1980). *Origins of the Study of Human Growth*. Oregon Health Sciences University.

- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21, 263-271. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>
- Brandão, J. M., & Nascimento, E. (2019). Resiliência psicológica: da primeira fase às abordagens baseada em trajetória. *Memorandum*, 36, 1-31. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2019.6875>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Breedvelt, J. J. F., Tiemeier, H., Sharples, E., Galea, S., Niedzwiedz, C., Elliott, I., & Bockting, C. L. (2022). The effects of neighborhood social cohesion on preventing depression and anxiety among adolescents and young adults: rapid review. *Cambridge University Press*, 8, 1-12. <https://doi.org/10.1192/bjo.2022.57>
- Cacozza, N. F. H., Sena, B. C. S., & Pessoa, A. S. G. (2023). Resiliência e fatores de proteção: Uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens. *Revista Cocar*, 16, 1-20. <https://177.70.35.171/index.php/cocar/article/view/6918/2894>
- Campana, A. O. Padovani, C. R. Iaria, C., C. T., Freitas, C. B. D., Paiva, S. A. R., & Hossne, W. S. (2001). *Investigação científica na área médica*. Manole.
- Casas-Muñoz, A., Carranza-Neira, J., Intebi, I., Lidchi, V., Eisenstein, E., & Greenbaum, J. (2023). Abordaje de la violencia sexual infantil: un llamado a la acción para los profesionales de América Latina. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 47, e54. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2023.54>.

- Cavalcante, L. F., & Barros, J. P. P. (2019). Violência urbana e juventudes: efeitos da necropolítica no cotidiano de escolas públicas de contextos periféricos de fortaleza. *VI Simpósio Internacional Lavits 2019*. https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Cavalcante_Barros-2019-LAVITS.pdf
- Centro Cultural Bom Jardim – CCBJ (2016, July 1). *Centro Cultural Bom Jardim*. <https://goo.gl/9oL3BS>
- Chao, L. H., Tsai, M. C., Liang, Y. L., Strong, C., & Lin, C. Y. (2018). From childhood adversity to problem behaviors: Role of psychological and structural social integration. *Pediatrics international: official journal of the Japan Pediatric Society*, 60(1), 23–29. <https://doi.org/10.1111/ped.13436>
- Coelho, L. S. V. A., Soares, S. G., Carvalho, G. D., Oliveira, V. J., Belo, V. S., & Romano, M. C. C. (2021). Associação entre violência na infância e aumento do índice de massa corporal entre adolescentes. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 30, e20200201. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0201>
- Colaço, V. D. F. R., Quixadá, L. M., de Araújo Menezes, J., de Lima Cavalcante, A. J., & Sousa, R. N. (2021). Aproximações do Campo-tema Juventude e Violência na Periferia de Fortaleza. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(2), 474-493. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.61052>
- Collins, L. M. (2006). Analysis of Longitudinal Data: The Integration of Theoretical Model, Temporal Design, and Statistical Model. *Annual review of psychology*, 57, 505–528. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.57.102904.190146>

- Collishaw, S., Hammerton, G., Mahedy, L., Sellers, R., Owen, M. J., Craddock, N., Thapar, A. K., Harold, G. T., Rice, F., & Thapar, A. (2016). Mental health resilience in the adolescent offspring of parents with depression: a prospective longitudinal study. *The lancet. Psychiatry*, 3(1), 49–57. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(15\)00358-2](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00358-2)
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and anxiety*, 18(2), 76–82. <https://doi.org/10.1002/da.10113>
- Crump, C., Sundquist, J., Winkleby, M. A., & Sundquist, K. (2016). Low stress resilience in late adolescence and risk of hypertension in adulthood. *Heart*, 102(7), 541-547. [10.1136/heartjnl-2015-308597](https://doi.org/10.1136/heartjnl-2015-308597)
- Cui, Z, Oshri A, Liu S, Smith E. P, & Kogan, S. M. (2020). Child Maltreatment and Resilience: The Promotive and Protective Role of Future Orientation. *Journal of Youth and Adolescence*, 49, 2075-2089. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01227-9>
- Dalgalarondo, P. (2006). Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 28, 177-178. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000300006>
- de Faria Barbosa, C., Pires, E. O., & Di Gregório, M. D. F. A. (2023). Mães Solo: disputas e embates da monoparentalidade feminina na contemporaneidade. *Odeere*, 8(2), 19-40. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9200890.pdf>
- de Freitas, M. L., & Farinelli, C. A. (2016). As consequências psicossociais da violência sexual. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, 14(37). <https://doi.org/10.12957/rep.2016.25400>

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Dieesf. Boletim Especial 8 de março Dia da Mulher Março – 2023.

<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html>

Diemer, M., Rapa, L., Park, C., & Perry, J. (2017). Development and validation of the critical consciousness scale. *Youth & Society*, 49, 461-483.

<https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2022.101202>

dos Santos Rêgo, M. C. (2022). Família monoparental feminina socioeconomicamente vulnerável na pandemia. *Jus Scriptum's International Journal of Law*, 7(1), 66-

93. <https://doi.org/10.29327/238407.7.1-4>

dos Santos, D. T., Zucco, L. P., & dos Santos, D. T. (2022). O PESO DA VIOLÊNCIA SEXUAL: uma análise da produção de conhecimento sobre violência sexual e obesidade no contexto brasileiro. *Revista Gênero*, 22(2).

<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/47863/31388>

dos Santos, R. (2011). O atendimento social a adolescentes em situação de vulnerabilidade social: um relato de experiência. *Revista Triângulo*, 4(2-Esp).

<https://doi.org/10.18554/rt.v4i1.162>

dos Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2013). O processo de revelação do abuso sexual na percepção de mães. *Revista Psicologia: teoria e prática*, 15(1), 50-64.

<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/5151/4049>

Doyle, I., & Catling, J. C. (2022). The influence of perfectionism, self-esteem and resilience on young people's mental health. *The Journal of Psychology*, 156(3),

224-240. <https://doi.org/10.1080/00223980.2022.2027854>

- Dussel, E. (2005). Europa, modernidade e eurocentrismo. In: E. Lander. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais* (pp. 24-32), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- Eisman, A. B., Stoddard, S. A., Heinze, J., Caldwell, C. H., & Zimmerman, M. A. (2015). Depressive symptoms, social support, and violence exposure among urban youth: A longitudinal study of resilience. *Developmental psychology*, 51(9), 1307–1316. <https://doi.org/10.1037/a0039501>
- Ekeland, E., Heian, F., Hagen, K. B., Abbott, J. M., & Nordheim, L. (2004). Exercise to improve self-esteem in children and young people. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 1, 1-35. <https://doi.org/10.1002/14651858.CD003683.pub2>
- Escobar, H. (2021). Orçamento 2021 compromete o futuro da ciência brasileira, *Jornal da USP*, 9. <https://jornal.usp.br/ciencias/orcamento-2021-compromete-o-futuro-da-ciencia-brasileira/>
- Espenshade, A. (1940). Motor Performance in Adolescence. Including the Study of Relationships With Measures of Physical Growth and Maturity. *Society for Research in Child Development*, 5(1), i–126. <https://doi.org/10.2307/1165475>
- Faria, G. N. (2021). ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADES SOCIAIS: DEMANDAS PARA PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NA PRÁTICA CLÍNICA. *Anais do Seminário Científico do UNIFACIG*, (7). <https://www.pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semiariorcientifico/articloe/view/2922/2530>
- Feitosa, M. C., Soares, L. S., Beleza, C. M. F., Silva, G. R. F., & Leite, I. R. L. (2014). Uso de Escalas testes como Instrumentos de Coleta de Dados em Pesquisas

Quantitativas em Enfermagem. *SANARE – Revista de Políticas Públicas*, 13(2), 92-97. <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/579/312>

Fernandes, P. D. S. (2022). *Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. <http://hdl.handle.net/11449/234377>

Florian, F. B., de Oliveira, V. A., & Giusti, A. F. C. O. (2022). A SOCIEDADE LOCAL COMO GARANTIDORA DOS DIREITO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES. *TCC's Direito*, 40-40. <https://repositorio.camporeal.edu.br/index.php/tccdir/article/view/613/361>

Fróis, V. R. (2022). *A contribuição do serviço social para o fortalecimento do sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente na relação escola-família*. [Trabalhos de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília]. <https://bdm.unb.br/handle/10483/31956>

Garn, S. M. (1955). Relative Fat Patterning: An Individual Characteristic. *Hum Biol*, 27, 75-89. <http://www.jstor.org/stable/41448125>

Gaya, T. F. M., & Bruel, A. L. (2019). Estudos longitudinais em educação no Brasil: revisão de literatura da abordagem metodológica e utilização de dados educacionais para pesquisas em Educação. *Revista De Estudos Teóricos Y Epistemológicos En Política Educativa*, 4, 1–18. <https://doi.org/10.5212/retepe.v.4.015>

Germano, I. M. P., & Colaço, V. D. F. R. (2012). Abrindo caminho para o futuro: redes de apoio social e resiliência em autobiografias de jovens socioeconomicamente

vulneráveis. *Estudos de psicologia (Natal)*, 17, 381-387.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300005>

Giraldi, L. P. B., & Sigolo, S. R. R. L. (2016). Perspectiva longitudinal de pesquisa em educação no Brasil: produções brasileiras e a organização e implementação de um estudo deste perfil. *Atos de Pesquisa em Educação*, 11(1), 2-22.
<http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2016v11n1p2-22>

Gomes, M. A., & Pereira, M. L. D. (2005). Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(2), 357-363.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>

Gómez-Restrepo, C., Casasbuenas, N. G., Ortiz-Hernández, N., Bird, V. J., Acosta, M. P. J., Restrepo, J. M. U., Sarmiento, B. A. M., Stefen, M., & Priebe, S. (2022). Role of the arts in the life and mental health of young people that participate in artistic organizations in Colombia: a qualitative study. *BMC Psychiatry*, 22(757), 1-11.
<https://doi.org/10.1186/s12888-022-04396-y>

Gonçalves, H. S. (2005). Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. *Tempo social*, 17, 207-219. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200009>

Gonçalves, H. C. B., Queiroz, M. R., & Delgado, P. G. G. (2017). Violência urbana e saúde mental: desafios de uma nova agenda?. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29(1), 17-23. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i1/1256>

Graham, C., & Pozuelo, J. R. (2023). Do high aspirations lead to better outcomes? Evidence from a longitudinal survey of adolescents in Peru. *Journal of Population Economics*, 36, 1099-1137. <https://doi.org/10.1007/s00148-021-00881-y>

- Habigzang, L.F., Azevedo, G. A., Koller, S.H., & Machado, P.X. (2006). Fatores de Risco e de Proteção na Rede de Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítima de Violência Sexual, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 379-386. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300006>
- Hakim, C. (1997). *Research Design: Strategies and Choices in the Design of Social Research*, Routledge.
- Harrington, R., Fudge, H., Rutter, M., Pickles, A., & Hill, J. (1991). Adult outcomes of childhood and adolescent depression: II. Links with antisocial disorders. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 30(3), 434– 439. <https://doi.org/10.1097/00004583-199105000-00013>
- Hernández Martínez, B. (2022). Proyecto de sensibilización dirigido a profesionales sanitarias/os del área de salud sexual y reproductiva, para erradicar la violencia hacia las mujeres en el ejercicio de su profesión en la Comunidad Valenciana. [Dissertação de Mestrado, Universitat Jaume I]. https://repositori.uji.es/xmlui/bitstream/handle/10234/200683/TFM_2022_HernandezMartinez_Beatriz.pdf?sequence=1
- Ho, C. Y. (2016). Better health with more friends: the role of social capital in producing health. *Health Economics*, 25(1), 91-100. <https://doi.org/10.1002/hec.3131>
- Hochman, B., Nahas, F. X., de Oliveira-Filho, R. S., & Ferreira, L. M. (2005). Research designs. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 20(2), 1-8. <https://www.scielo.br/j/acb/a/bHwp75Q7GYmj5CRdqsXtqbj/?format=pdf&lang=pt>

- Jiang, J., & Wang, P., (2020). Does early peer relationship last long? The enduring influence of early peer relationship on depression in middle and later life. *Journal of Affective Disorders*, 273, 86–94. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.04.043>
- Jordans, M. J., Komproe, I. H., Tol, W. A., & De Jong, J. T. (2009). Screening for psychosocial distress amongst war-affected children: cross-cultural construct validity of the CPDS. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 50(4), 514–523. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.02028.x>
- José, M. A. B. (2021). *Resiliência em indivíduos vítimas de violência doméstica e em agentes sociais*. [Tese de Doutorado, Universidade do Algarve]. <http://hdl.handle.net/10400.1/18497>
- Khambati, N., Mahedy, L., Heron, J., & Emond, A. (2018). Educational and emotional health outcomes in adolescence following maltreatment in early childhood: A population-based study of protective factors. *Child abuse & neglect*, 81, 343–353. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.05.008>
- Kosher, H., & Ben-Arieh, A. (2017). Religion and subjective well-being among children: A comparison of six religion groups. *Children and Youth Services Review*, 80, 63–77. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.06.049>
- Kwok, S., Gu, M., & Cheung, A. (2019). A longitudinal study on the relationship among childhood emotional abuse, gratitude, and suicidal ideation of Chinese adolescents. *Child abuse & neglect*, 94, 104031. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104031>
- Labouliere, C. D., Kleinman, M., & Gould, M. S. (2015). When self-reliance is not safe: associations between reduced help-seeking and subsequent mental health symptoms in suicidal adolescents. *International Journal of Environmental*

Research and Public Health, 12(4), 3741-3755.

<https://doi.org/10.3390/ijerph120403741>

Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. Atlas.

Leon, C. S., Ragsdale, B., Miller, S. A., & Spacarelli, S. (2008). Trauma resilience among youth in substitute care demonstrating sexual behavior problems. *Child abuse & neglect*. 32(1), 67-81. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2007.04.010>

Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P., ... & Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *Annals of internal medicine*, 151(4), W-65. <https://doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00136>

Liebenberg, L., Wall, D., Wood, M., & Hutt-MacLeod, D. (2019). Spaces & Places: Understanding sense of belonging and cultural engagement among indigenous youth. *International Journal of Qualitative Methods*, 18. [https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1177/1609406919840547](https://doi.org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1177/1609406919840547)

Lira, M. O. D. S. C., Nitschke, R. G., Rodrigues, A. D., Rodrigues, V. P., Couto, T. M., & Diniz, N. M. F. (2017). Surviving Sexual Abuse in Everyday life: Forms of Resistance Used by Children and Adolescents. *Texto & Contexto- Enfermagem*, 26, e00050016. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000050016>

Madalena, M., & Falcke, D. (2020). Maus-tratos na infância e o rompimento do ciclo intergeracional da violência. In Teodoro, M. L., & Baptista, M. N. (2020) *Psicologia de Família: Teoria, Avaliação e Intervenção*. (2ed). Artmed Editora.

- Mari, J. de J., Mello, M. F., & Figueira, I. (2008). The impact of urban violence on mental health. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 30(3), 183–184. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462008000300002>
- Martins, H. H. T. D. S. (1997). O jovem no mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Educação*, (05-06), 96-109. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Martins, L. V. (2021). *CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA A PARTIR DA SÓCIO*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário de Várzea Grande]. <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/download/931/907>
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American psychologist*, 56(3), 227. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.56.3.227>
- Masten A. S. (2011). Resilience in children threatened by extreme adversity: frameworks for research, practice, and translational synergy. *Development and psychopathology*, 23(2), 493–506. <https://doi.org/10.1017/S0954579411000198>
- Masten, A. S., & Coatsworth, J. D. (1998). The development of competence in favorable and unfavorable environments: Lessons from research on successful children. *American psychologist*, 53(2), 205. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.53.2.205>
- McGoldrick, M., Anderson, C. M., & Walsh, E. (1989). *Women in families: A framework for family therapy*. Norton.

- McGuire P. D. (2010). Exploring resilience and indigenous ways of knowing. *Pimatisiwin*, 8, 117–131. https://journalindigenousandwellbeing.co.nz/media/2018/12/8_McGuire.pdf
- Medeiros, T. K. R. (2020). O vínculo afetivo no abrigo de crianças. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 5(9), 541-561. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22274>
- Melo, A. P. D. (2022). *Programa Jovem Aprendiz do CESAM: caminhos para uma aprendizagem ao longo da vida*. [Tese de Doutorado, Universidade Católica de Brasília]. <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/3218>
- Menard, S. (2002). *Pesquisa longitudinal*. SAGE Publications. <https://www.doi.org/10.4135/9781412984867>
- Mészáros, Í. (2005). *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Miguel, L. M. D. O. B. (2020). *Rede de proteção da criança e do adolescente: estudo da articulação entre os equipamentos sociais da Região Leste de Goiânia, Goiás, 2020*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4704>
- Miller-Graf, L. E., Scheid, C. R., Guzmán, D. B., & Grein, K. (2020). Caregiver and family factors promoting child resilience in at-risk families living in Lima, Peru. *Child Abuse & Neglect*, 108, 104639. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104639>
- Minayo, M. C. D. S. (1994). Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de saúde pública*, 10, S7-S18. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500002>

- Moses, J. O., & Villodas, M. T. (2017). The Potential Protective Role of Peer Relationships on School Engagement in At-Risk Adolescents. *Journal of youth and adolescence*, 46(11), 2255–2272. <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0644-1>
- Mota, M. M. P. E. (2010). Metodologia de Pesquisa em Desenvolvimento Humano: Velhas Questões? *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 144-149. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v4n2/v4n2a07.pdf>
- Mota Neto, J. C. (2015) *Educação Popular e Pensamento Descolonial Latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borba*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará]. https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/8383/1/Tese_EducacaoPopularPensamento.pdf
- Motta, L. (2022). *Fazer Estado, produzir ordem: Gestão do conflito urbano em projetos sociais para a juventude vulnerável* (6). EdUFSCar.
- Mullainathan, S., & Shafir, E. (2013). *Scarcity: why having too little means so much*. Times Books/Henry Holt and Co.
- Nadú, P. H. S., de Paiva, V. F., & Mantovani, G. G. (2022). Participação dos jovens-adultos no mercado de trabalho: uma análise para o Brasil, Sul e Nordeste, em 2019. *Revista de Economia Mackenzie*, 19(1), 115-144. <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rem/article/view/14536>
- Nascimento, A., Andrade, A., Coimbra, D. R., & Sena, A. B. (2020). RELIGIOSIDADE E FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES. *UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, 8(2), 198-208. <https://doi.org/10.35521/unitas.v8i2.2274>

- Neppl, T. K., Jeon, S., Schofield, T. J., & Donnellan, M. B. (2015). The impact of economic pressure on parent positivity, parenting, and adolescent positivity into emerging adulthood. *Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 64(1), 80–92. <https://doi.org/10.1111/fare.12098>
- Neres, A. S. (2022). *Percepção do (a) professor (a) municipal em relação à violência enfrentada pelos alunos com sobrepeso/obesidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná]. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6014>
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando famílias*, 23(2), 75-91. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Oliveira, M. K., & Rego, T. C. (2006). Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-posições*, 17(2), 119-138. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643631>
- Oshio, A., Kaneko, H., Nagamine, S., & Nakaya, M. (2003). Construct Validity of the Adolescent Resilience Scale. *Psychological Reports*, 93, 1217–1222. <https://doi.org/10.2466/pr0.2003.93.3f.1217>
- Oshri, A., Toppo, T. A., & Carlson, M. W. (2017). Positive Youth Development and Resilience: Growth Patterns of Social Skills Among Youth Investigated for Maltreatment. *Child development*, 88(4), 1087–1099. <https://doi.org/10.1111/cdev.12865>

- Park C. L. (2010). Making sense of the meaning literature: An integrative review of meaning making and its effects on adjustment to stressful life events. *Psychological Bulletin*, 136, 257–301. <https://doi.org/10.1037/a0018301>
- Parra Filho, D., & Santos, J. A. (2012). *Metodologia científica*. Cengage Learning Edições Ltda.
- Pereira, L. D. (2006). Políticas Públicas de Assistência Social brasileira: avanços, limites e desafios. *Lisboa: CPIHTS*. www.cpihts.com
- Pereira, A. L.; Bachion, M. M. (2006). Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 27(4), 491-498. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1035076>
- Pessoa, A. S. G. (2015). *Trajetórias negligenciadas: Processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas*. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/135963>
- Pessoa, A. S. G., Moreno, C. S., & Guimarães, D. A. (no prelo). Exploração sexual de adolescentes e processos de resiliência oculta: Um estudo de casos múltiplos. *Estudos de Psicologia*, no prelo.
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Bottrell, D., & Noltemeyer, A. (2017). Resilience Processes Within the School Context of Adolescents With Sexual Violence History. *EDUR – Educação em Revista*, 33, 1-25. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698157785>
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Koller, S. H., & Ungar, M. (2018). Resiliência Oculta na Vida de Adolescentes com Envolvimento no Tráfico de Drogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-9. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34426>

- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Murgo, C. S., Breda, A. D. V., & Baker-Lewton, A. (2018). Resilience processes of Brazilian young people: Overcoming adversity through an arts program. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(3), 1-17. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v13n3/15.pdf>
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M., Koller, S. H., & Ungar, M. (2019). Resiliência oculta na vida de adolescentes com envolvimento no tráfico de drogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-9. https://www.scielo.br/pdf/ptp/v34/pt_0102-3772-ptp-34-e34426.pdf
- Pessoa, A. S. G., Coimbra, R. M. (2020). Fatores de Risco no Contexto de Adolescentes Envolvidos no Tráfico de Drogas. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 20(1), 119-141. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50793>
- Pinho, E. S., Souza, A. C. S., & Esperidião, E. (2018). Processos de trabalho dos profissionais dos Centros de Atenção Psicossocial: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 141-152. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018231.08332015>
- Poletto, M., & Koller, S.H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de Proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>
- Poortinga, W. (2012). Community resilience and health: The role of bonding, bridging, and linking aspects of social capital. *Health and Place*, 18(2),286-295. doi: <http://doi.org/10.1016/j.healthplace.2011.09.017>
- Pugliese, V. R. D. L. (2022). *Dificuldades dos jovens no mercado de trabalho: o primeiro emprego*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Etec Paulino Botelho]. <https://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/11066>

- Raffaelli, M., Santana, J. P., de Moraes, N. A., Nieto, C. J., & Koller, S. H. (2018). Adverse childhood experiences and adjustment: A longitudinal study of street-involved youth in Brazil. *Child abuse & neglect*, 85, 91–100. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.07.032>
- Rangel, A. P., Torman, R., & Focesi, L. V. (2012). ADOLESCÊNCIA: CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE. *Revista Prâksis*, 1, 39–44. <https://doi.org/10.25112/rp.v1i0.723>
- Reis, T. L. D. (2023). *Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e o impacto no projeto de vida de adolescentes no Morro da Kibon, no Município de Santo André-SP*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Paulo]. https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/66838/TCC_FINAL_THAYNARA_%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Reppold, C. T., Mayer, J. C., Almeida, L. S., & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da resiliência: controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicologia: reflexão e crítica*, 25, 248-255. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000200006>
- Ribeiro, W. S., Andreoli, S. B., Ferri, C. P., Prince, M., & Mari, J. J. (2009). Exposição à violência e problemas de saúde mental em países em desenvolvimento: uma revisão da literatura. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 31, S49–S57. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000600003>
- Rocha, S. (2008). A inserção dos jovens no mercado de trabalho. *Caderno CRH*, 21, 533-550. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000300009>
- Rönkä A., Oravala S., & Pulkkinen L. (2002). "I met this wife of mine and things got on to a better track" turning points in risk development. *Journal of Adolescence*, 25(1), 47-63. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0448>

- Rooke, M. I. (2015). Aspectos conceituais e metodológicos da resiliência psicológica: Uma análise da produção científica brasileira. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 15(2), 671-687.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Ross, P. H. (2019). Occupation aspirations, education investment, and cognitive outcomes: evidence from Indian adolescents. *World Development*, 123, 104613.
<https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2019.104613>
- Ruspini, E. (2000). Longitudinal research in the social sciences. *Social Research Update*, (28). <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU28.html>
- Rutherford, A., Zwi, A. B., Grove, N. J., & Butchart A. (2007), Violence: a priority for public health?. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 61(9), 764-770.
<https://doi.org/10.1136/jech.2006.049072>
- Rutter, M. (1983). Cognitive deficits in the pathogenesis of autism. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1111/j.1469-7610.1983.tb00129.x>
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *The British journal of psychiatry*, 147(6), 598-611.
<https://doi.org/10.1192/bjp.147.6.598>
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x>

- Rutter, M. (1991). Resilience: Some conceptual considerations. *Conference on Fostering Resilience*.
- Samuels, G. M., & Pryce, J. M. (2008). “What doesn't kill you makes you stronger”: Survivalist self-reliance as resilience and risk among young adults aging out of foster care. *Children and Youth Services Review*, 30(10), 1198-1210. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2008.03.005>
- Sanders, J., Munford, R., & Liebenberg, L. (2017). Positive youth development practices and better outcomes for high risk youth. *Child abuse & neglect*, 69, 201–212. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.04.029>
- Santana, J. P., Raffaelli, M., Koller S. H., & Morais, N. A. (2018). “Vocês me encontram em qualquer lugar”: realizando pesquisa longitudinal com adolescentes em situação de rua, *Psico*, 49(1), 31-42. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.1.25802>
- Santoro, B. S. (2022). *Adolescentes em situação de vulnerabilidade social: explorando suas perspectivas de futuro e projeto de vida*; [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.17.2022.tde-08112022-175329>
- Santos, I. S., & Pessoa, A. S. G. (2020). Tutores de resiliência de estudantes com deficiência. In: A. S. G. Pessoa, & S. H. Koller (Edt.), *Resiliência e educação: Perspectivas teóricas e práticas* (pp. 121-134). São Paulo: Vetor.
- Santos, I. S., Pessoa, A. S. G., Gomes, A. R., & de Araújo Furukawa, L. Y. (2021). Processos de Resiliência em Estudantes Universitários com Deficiência. *Revista Subjetividades*, 21(3), e11181-e11181. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i3.e11181>

- Santos, W. R. (2022). *A Evolução dos Direitos Trabalhistas Concomitante com o Trabalho Infantil*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade da Ânima]. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/90284a91-aeefa-48d2-b028-5ed0a226b1ba/download>
- Santos, I. S., Pessoa, A. S. G., Gomes, A. R., & Furukawa, L. Y. de A. (2022). Processos de Resiliência em Estudantes Universitários com Deficiência. *Revista Subjetividades*, 21(3), e11181. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i3.e11181>
- Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia usp*, 15, 11-28. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002>
- Schenk, L., Sentse, M., Lenkens, M., Engbersen, G., van de Mheen, D., Nagelhout, G. E. & Severiens, S. (2018). At-risk youths' self-sufficiency: The role of social capital and help-seeking orientation. *Children and Youth Services Review*, 91, 263-270. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2018.06.015>
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e proteção para uso de drogas na adolescência, *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000300027>
- Seider, S., Kelly, L., Clark, S., Jennett, P., El-Amin, A., Graves, D., Soutter, M., Malhotra, S., & Cabral, M. (2020). Fostering the sociopolitical development of African American and Latinx adolescents to analyze and challenge racial and economic inequality. *Youth & Society*, 52(5), 756-794. <https://doi.org/10.1177/0044118X187677>
- Silva, S. P., Beunen, G., de Freitas, D. L., & Maia, J. A. R. (2013). Estudos longitudinais sobre o crescimento somático e desempenho motor: delineamentos, desafios,

- necessidades. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 15(1), 130-143. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n1p130>.
- Simões, A. V., Machado, J. C., Soares, I. G. B., Rodrigues, V. P., Pires, V. M. M. M., & Penna, L. H. G. (2019). Identificação e conduta da violência doméstica contra a mulher sob a ótica dos estudantes universitários. *Enfermería Actual de Costa Rica*, (37), 95-109. <http://dx.doi.org/10.15517/revenf.v0ino.37.35967>
- Smith, C. A., Park, A., Ireland, T. O., Elwyn, L., & Thornberry, T. P. (2013). Long-term outcomes of young adults exposed to maltreatment: the role of educational experiences in promoting resilience to crime and violence in early adulthood. *Journal of interpersonal violence*, 28(1), 121–156. <https://doi.org/10.1177/0886260512448845>
- Souza, N. H. C. D. (2018). *Perspectiva dos profissionais que atuam na proteção Básica sobre a política de assistência social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Oeste Paulista]. <http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/handle/jspui/1104>
- Souza, E. L. B. D. (2022). “Já viu o meu tênis, tia? Você tem um assim?”: O consumo material entre adolescentes-jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco]. <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8806>
- Sowislo, J. F., & Orth, U. (2013). Does low self-esteem predict depression and anxiety? A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological Bulletin*, 139(1), 213–240. <https://doi.org/10.1037/a0028931>
- Tanner, J. M. (1962). *Growth at Adolescence*. Blackwell Scientific.

- Teti, M., Schatz, E., & Liebenberg, L. (2020). Methods in the time of COVID-19: the vital role of qualitative inquiries. *International Journal of Qualitative Methods*, 19, 1609406920920962. <https://doi.org/10.1177/1609406920920962>
- Theron, L.C., Liebenberg, L., & Ungar, M. (Eds.). (2015). *Youth resilience and culture: Commonalities and complexities*. Springer.
- Theron L., & Van Rensburg A. (2018). Resilience over time: Learning from school-attending adolescents living in conditions of structural inequality. *Journal of Adolescence*, 67, 167-178. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.06.012>
- Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. D. S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, 14, 133-147. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000200007>
- Trombeta, L. H. & Guzzo, R. S. L. (2002). Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes. *Alínea*.
- Tucker, X., Berona, J., & Hipwell, A. E. (2021). A longitudinal study of differences in perceived parenting practices between sexual minority and heterosexual girls. *Journal of Research on Adolescence*, 32(2), 696–703. [https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1111/jora.12679](https://doi.org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1111/jora.12679)
- Ungar, M. (Ed.). (2005). *Handbook for working with children and youth: Pathways to resilience across cultures and contexts*. Sage Publications.
- Ungar, M., Brown, M., Liebenberg, L., Othman, R., Kwong, W. M., Armstrong, M., & Gilgun, J. (2007). Unique pathways to resilience across cultures. *Adolescence*, 42(166).

- Ungar, M., Brown, M., Liebenberg, L., Cheung, M., & Levine, K. (2008). Distinguishing differences in pathways to resilience among Canadian youth. *Canadian journal of community mental health*, 27(1), 1-13. <https://doi.org/10.7870/cjcmh-2008-0001>
- Ungar, M. (2011). Community resilience for youth and families: Facilitative physical and social capital in contexts of adversity. *Children and Youth Services Review*, 33(9), 1742-1748. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2011.04.027>
- Ungar M. (2013). Resilience after maltreatment: the importance of social services as facilitators of positive adaptation. *Child abuse & neglect*, 37(2-3), 110–115. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.08.004>
- Vansteenkiste, M., & Ryan, R. M. (2013). On psychological growth and vulnerability: Basic psychological need satisfaction and need frustration as a unifying principle. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(3), 263– 280. <https://doi.org/10.1037/a0032359>
- Vautero, J. (2019). Oficinas de identidade na adolescência: as relações entre identidade psicossocial e inserção social pela via da educação. *DOXA: Revista Brasileira De Psicologia e Educação*, 21(1), 62–77. <https://doi.org/10.30715/doxa.v21i1.12096>
- Velloso, R. (2020). De/descolonizar o urbano, insurreição nas periferias: notas de pesquisa. *REDOBRA*, 15, 153-176. <https://commoncity.net/uploads/2021/11/velloso-155-178.pdf>
- Wagnild, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165–178.
- Walsh, W. A., Dawson, J., & Mattingly, M. J. (2010). How are we measuring resilience following childhood maltreatment? Is the research adequate and consistent? What

is the impact on research, practice, and policy?. *Trauma, violence & abuse*, 11(1), 27–41. <https://doi.org/10.1177/1524838009358892>

Walsh, F. (2015). *Strengthening family resilience*. Guilford publications.

Watts, R. J., Diemer, M., & Voight, A. (2011). Critical consciousness: Current status and future directions. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 134, 43–57. <https://doi.org/10.1002/cd.310>

Wilson, A., & Somhlaba, N. Z. (2018). Gender, age, religion and positive mental health among adolescents in a Ghanaian socio-cultural context. *Child Indicators Research*, 11, 1121–1158. <https://doi.org/10.1007/s12187-017-9495-2>

Wong, M. M., Puttler, L. I., Nigg, J. T., & Zucker, R. A. (2018). Sleep and behavioral control in earlier life predicted resilience in young adulthood: A prospective study of children of alcoholics and controls. *Addictive behaviors*, 82, 65–71. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.02.006>

Yoon, S., Pei, F., Wang, X., Yoon, D., Lee, G., Shockley McCarthy, K., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2018). Vulnerability or resilience to early substance use among adolescents at risk: The roles of maltreatment and father involvement. *Child abuse & neglect*, 86, 206–216. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.09.020>

Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/16345>

Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e Educação*, (2 ed, pp. 13–42). Cortez.

- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, 8, 75-84. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300010>
- Yunes, M. A. M. (2006). Os discursos sobre a questão da resiliência: expressões e conseqüências para a promoção do desenvolvimento. In: D. Colinvax; L. B. Leite & D. D. Dell'Áglio (Orgs.). *Psicologia do desenvolvimento: reflexões e práticas atuais* (pp. 225-246). Casa do Psicólogo.
- Yunes, M. A. M., Garcia, N. M., & Albuquerque, B. de M. (2007). Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 444-453. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300012>
- Zago, N. (2000). Processos de escolarização nos meios populares: As contradições da obrigatoriedade escolar. In M. A. Nogueira, G. Romanelli, & Zago, N. (Eds.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas populares*. (pp. 17-73). Vozes.
- Zangirolami-Raimundo, J., Echeimberg, J. O., & Leone, C. (2018). Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de corte transversal. *Journal of Human Growth and Development*, 28(3), 356-360. <https://dx.doi.org/10.7322/jhgd.152198>
- Zappe, J. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, 47(2), 99-110. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>
- Zarobe, L., & Bungay, H. (2017). The role of arts activities in developing resilience and mental wellbeing in children and young people a rapid review of the literature.

Perspect Public Health, 137(6), 337–347.

<https://doi.org/10.1177/1757913917712283>

Zola, M. B. (2015). Políticas Sociais, família e proteção social: um estudo acerca das políticas familiares em diferentes cidades/países. *Familismo, direitos e cidadania: contradições da política social*. São Paulo: Cortez, 45-93.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



LAPREV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 e 510/2016 do CNS)

Título da Pesquisa: Análise Longitudinal de Processos de Resiliência em Jovens Expostos a Fatores de Risco na Infância e Adolescência.

Nome da Pesquisadora: Neli Cacoza

Nome do Orientador: Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa

1. **Natureza da pesquisa:** você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa que terá por objetivo analisar processos de resiliência em jovens que foram expostos a fatores de risco significativos durante a infância e adolescência. Queremos saber como você lida com os desafios que você se depara na vida, assim como quem são as pessoas e os lugares que te ajudam a lidar com as adversidades que você enfrenta.

2. **Participantes:** participarão da pesquisa cerca 16 jovens como você, de ambos os sexos, que fizeram parte da pesquisa da Professora Renata Maria Coimbra há 10 anos. Assim, trata-se de uma continuidade da pesquisa que você participou no passado. Aliás, várias etapas da pesquisa serão reproduzidas, caso você aceite participar novamente.

3. **Envolvimento na pesquisa:** ao aceitar participar, teremos dois momentos na pesquisa. Na primeira parte, você responderá alguns questionários sobre a sua vida, como você se sente e o que pensa para o seu futuro. Na segunda parte da pesquisa, farei uma entrevista com você. Além disso, vou pedir para você fotografar pessoas, lugares e instituições que são importantes para sua vida e que considera que te ajudam de alguma forma. Você se lembra que no estudo que você participou no passado você foi filmado(a) durante um dia todo? Também vamos propor que isso aconteça novamente. Depois que as fotos e o vídeo estiverem prontos, vamos conversar novamente sobre eles. Isso vai nos ajudar a compreender sobre vários aspectos da sua vida e o que ajuda a jovens como você a enfrentarem os desafios que se deparam no cotidiano. Você tem liberdade de recusar a participação e, ainda, interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora (localizado abaixo) e, se necessário, poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa.

4. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, mas, caso a você sinta algum desconforto físico ou emocional durante os encontros com a pesquisadora, será suspensa a sua participação na pesquisa. Você pode se sentir à vontade para não dar continuidade a sua participação. Além disso, caso você sinta necessidade, encaminharemos você para um serviço especializado que poderá te ajudar com questões que sejam difíceis de serem expressadas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, portanto, estão fundamentados na Resolução nº. 466/2012 e nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

5. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo serão estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e seu orientador terão conhecimento

da identidade dos participantes. Nos comprometemos em não o(a) identificar ao publicar os resultados dessa pesquisa. Nas fotos e no vídeo que serão produzidas, também teremos o cuidado de não identificar você em nenhuma situação. Se necessário, vamos borrar o seu rosto e de outras pessoas que aparecerem nas imagens, para garantir que você não esteja exposto(a).

6. **Benefícios:** Esperamos que este estudo possa ajudar os pesquisadores a compreenderem como jovens como você lidam com os desafios na vida. Os resultados podem nos ajudar a pensar em estratégias para implementar políticas públicas voltadas para a juventude ou mesmo na criação de serviços que estejam alinhados com as necessidades de jovens como você. A pesquisadora e seu orientador se comprometem a divulgar os resultados obtidos, respeitando o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior. Você também terá acesso aos resultados da pesquisa. Ao final do estudo, podemos mandar pra você os relatórios que foram produzidos, bem como conversar sobre os principais resultados que obtivemos.

7. **Pagamento:** você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Mas, os gastos que você tiver em virtude de ter participado de alguma etapa da pesquisa serão ressarcidos pela pesquisadora.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participa desta pesquisa. Tendo em vista os itens apresentados acima, eu _____, de forma livre e esclarecida manifesto meu consentimento para participar desta pesquisa. Confiro que recebi uma via deste termo de consentimento e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

São Carlos, ___ de _____ de 2020.

Assinatura do(a) Participante

Neli Cacoza
Doutoranda em Psicologia

Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa
Orientador

Pesquisadora: Neli Cacoza. Fone: (18) 991028743

E- mail: cacozzi1@uol.com.br

Orientador: Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa – contato: alexpessoa@ufscar.br

**CEP/UFSCar - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar:
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos
Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São
Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico:
cephumanos@ufscar.br**

APÊNDICE 2

Roteiro de Questões – Desenvolvido a partir do Estudo 2

Fatores de risco e proteção no contexto comunitário

- 1- Como é o bairro que você mora hoje?
- 2- O que você identifica como ruim no local em que você vive atualmente?
- 3- Quais são os desafios que você vem enfrentado na sua vida?
- 4- Como você lida com esses desafios?
- 5- O que você considera que existe em sua comunidade/bairro e que te ajuda?
- 6- Quais serviços/instituições que você acessa em seu bairro e que te ajudam ou facilitam a sua vida?

Projeto de vida e pontos de virada

- 7- Quais são os seus projetos de vida/sonhos atualmente?
- 8- O que você tem feito para realizar esses projetos/sonhos?
- 9- Quais são os maiores desafios para a realização desses projetos?
- 10- Quais pessoas ou lugares te ajudam a realizar esses projetos?
- 11- Você está trabalhando atualmente? Pode me contar sobre isso?
- 12- E em relação aos estudos, você está estudando atualmente?
Se sim, pode me contar a respeito? Se não, tem planos para o estudo no futuro?
- 13- Nos últimos 10 anos, algo significativo aconteceu na vida e que te ajudou a lidar com os desafios?
- 14- Quais pessoas ou lugares foram marcantes para você nos últimos 10 anos? Pode me contar sobre experiências que você revê com essas pessoas/lugares?

Relacionamentos

- 15- Quem são as pessoas que te apoiam quando você precisa?
- 16- Você pode me dar exemplos de como essas pessoas te ajudam/ajudaram?
- 17- Quem são as pessoas que você admira, que são inspirações para você? Pode me contar sobre sua relação com elas?
- 18- E em relação aos relacionamentos amorosos? Tem alguma história marcante que gostaria de compartilhar?

19- O que essas relações trouxeram para você?

Aspectos subjetivos associados a resiliência

20- Quais características você acha que tem e que te ajudam a lidar com os problemas ou desafios na sua vida?

21- Quais estratégias você usa para resolver situações de crise ou as dificuldades que você se depara?

Roteiro de Questões – Abordagem das 7 tensões

Acesso a recursos materiais (disponibilidade de assistência e/ ou oportunidades educacionais, financeiras, médicas, e de emprego, bem como acesso a alimentos):

- Como é a sua vida financeira atualmente?
- Quais são os maiores desafios que você enfrenta financeiramente?
- O que você faz/acessa para se manter física e mentalmente saudável?

Relacionamentos (Relacionamento com outras pessoas importantes, colegas e adultos dentro da família e comunidade).

- Questões “**Relacionamentos**”

Identidade (reconhecimento do “self” (eu) e “others” (outros), incluindo as forças e fraquezas, apesar das adversidades). Esta tensão engloba a relação dialética entre as expectativas individuais e coletivas.

- Como você lida com os desafios e adversidades que enfrenta em sua vida?
- Quais são suas forças/habilidades para lidar com os desafios e adversidades?
- Quais as suas características individuais que impedem que você lide bem com os desafios em sua vida?

Coesão (capacidade de equilibrar os interesses pessoais com o senso de responsabilidade pelo bem maior; sentir-se parte de algo maior do que a si mesmo, socialmente e espiritualmente)

- Como você contribui com a sua comunidade?
- O que você faz quando percebe que alguém próximo a você está enfrentando um problema?

Poder e controle (capacidade de tomar decisões com base nas necessidades individuais)

- Como você lida com os problemas e adversidades que se depara na vida?
- Você pode me dar um exemplo de um problema que você se deparou e como lidou com ele?

Adesão Cultural (adesão às práticas, valores e crenças culturais locais e ou globais)

- Como você avalia as festas, celebrações e encontros da sua família?
- Você participa de algum grupo ou atividades em sua comunidade?
- Como você avalia as festas, celebrações e encontros da sua comunidade?
- Você participa de alguma atividade religiosa? Qual a importância disso para você?
- Para você, como é ser brasileiro (ou morar no Brasil)?

Justiça Social (experiências relacionadas ao preconceito e dinâmicas do contexto sociopolítico)

- Você já vivenciou formas / expressões de preconceito? Pode me contar como foi isso para você?
- Como você lidou com as situações de preconceito que vivenciou?
- O que você considera que sejam injustiças sociais?
- Você já experienciou expressões de injustiça social? Como você lidou com isso?

ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise Longitudinal de Processos de Resiliência em Jovens Expostos a Fatores de Risco na Infância e Adolescência

Pesquisador: Alex Sandro Gomes Pessoa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 34270720.0.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.201.734

Apresentação do Projeto:

O projeto está bem escrito e estruturado. Apresenta rica discussão teórica e metodologia rigorosa. Consta, como resumo, o seguinte:

"A produção do conhecimento sobre processos de resiliência com crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social cresceu consideravelmente no Brasil e nos países da América Latina. Todavia, os recortes investigativos centram-se, majoritariamente, em estudos correlacionais ou com delineamento transversal. Pesquisas com recorte longitudinal são escassas, o que significa que ainda é incipiente a compreensão sobre a manutenção e alteração dos indicadores de resiliência que se manifestam na transição entre ciclos desenvolvimentais. Com base nestas premissas, este projeto objetiva, a partir de um delineamento longitudinal, analisar processos de resiliência em jovens que foram expostos a fatores de risco significativos durante a infância e adolescência. A tese será organizada em 3 Estudos complementares. O Estudo 1 tem como objetivo analisar a produção do conhecimento no contexto nacional e internacional acerca das pesquisas longitudinais acerca do fenômeno da resiliência. A partir do protocolo PRISMA, será realizada uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) nas plataformas SciELO, LILACS, PUBMED, Periódicos CAPES e IndexPsi. Serão utilizados como descritores e operadores booleanos as expressões "resilien*" and "pesquisa longitudinal" nas buscas em português; "resilien*" and "longitudinal research" nas buscas no idioma inglês; e, por fim, "resilien*" and "investigación longitudinal" nas buscas em espanhol. Os critérios de inclusão serão: artigos que abordem

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.201.734

pesquisas sobre processos de resiliência; cujos recortes metodológicos possuam explicitamente um delineamento longitudinal. No Estudo 2, por sua vez, objetiva-se avaliar os indicadores de saúde mental em jovens que estiveram expostos a fatores de risco significativos na adolescência. Participarão da pesquisa 16 sujeitos, com idades entre 23 e 25 anos, de ambos os sexos. Trata-se de jovens que, na adolescência, estiveram expostos a um ou mais fatores de risco significativos (abuso sexual, trabalho infantil, deficiência ou extrema pobreza). Serão empregados os seguintes instrumentos: i) Questionário sociodemográfico; ii) Escalas de Depressão de Beck (BDI); iii) Escalas de Desesperança de Beck; iv) Post-Traumatic Stress Disorder Checklist - Civilian Version (PCL-CC); v) Escala de Afetos positivos e negativos; vi) Escala de Otimismo para adultos; vii) Child and Youth Resilience Measure. A análise dos dados seguirá as especificidades de cada instrumento utilizado, ou seja, dos parâmetros de correção a partir das Tabelas normativas divulgadas pelos proponentes das escalas. Por fim, o Estudo 3 tem dois objetivos: i) verificar a manutenção e/ou alteração dos fatores de proteção associados com a promoção de resiliência durante transições entre ciclos do desenvolvimento; ii) analisar os efeitos psicossociais em longo prazo dos fatores de risco que os participantes estiveram expostos. Trata-se da continuidade do estudo realizado por Libório (2011) há 10 anos com os mesmos participantes. Além do emprego de técnicas consideradas mais convencionais (como entrevistas semiestruturadas), serão utilizadas estratégias que se apoiam nos pressupostos dos métodos visuais, mais especificamente a timeline, produção de fotografias e vídeos. Todo o material produzido no trabalho de campo será analisado qualitativamente por meio das técnicas de Triangulação e Análise Temática. Espera-se que esta investigação forneça subsídios para a compreensão dos efeitos psicossociais dos fatores de risco e proteção nas transições entre ciclos de desenvolvimento, bem como traga subsídios para o entendimento da manifestação dos processos de resiliência longitudinalmente".

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos traduzem, com clareza e coerência, os focos de investigação da pesquisa.

Objetivo primário: "A partir de um delineamento longitudinal, analisar processos de resiliência em jovens que foram expostos a fatores de risco significativos durante a infância e adolescência".

Objetivo secundários:

- Analisar a produção do conhecimento no contexto nacional e internacional acerca das pesquisas longitudinais acerca do fenômeno da resiliência (Estudo 1).
- Avaliar indicadores de saúde mental em jovens que estiveram expostos a fatores de risco significativos na adolescência (Estudo 2).
- Verificar a manutenção e/ou alteração dos fatores de proteção associados com a promoção de

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.201.734

resiliência durante transições entre ciclos do desenvolvimento (Estudo 3).

• Analisar os efeitos psicossociais em longo prazo dos fatores de risco que os participantes estiveram expostos (Estudo 3)”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

1) Avaliação dos riscos, medidas de cautela e providências a serem tomadas:

“A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, mas, caso a você sinta algum desconforto físico ou emocional durante os encontros com a pesquisadora, será suspensa a sua participação na pesquisa. Você pode se sentir à vontade para não dar continuidade a sua participação. Além disso, caso você sinta necessidade, encaminharemos você para um serviço especializado que poderá te ajudar com questões que sejam difíceis de serem expressadas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, portanto, estão fundamentados na Resolução nº. 466/2012 e nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade”.

2) Avaliação dos benefícios:

“Esperamos que este estudo possa ajudar os pesquisadores a compreenderem como jovens como você lidam com os desafios na vida. Os resultados podem nos ajudar a pensar em estratégias para implementar políticas públicas voltadas para a juventude ou mesmo na criação de serviços que estejam alinhados com as necessidades de jovens como você. A pesquisadora e seu orientador se comprometem a divulgar os resultados obtidos, respeitando o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior. Você também terá acesso aos resultados da pesquisa. Ao final do estudo, podemos mandar pra você os relatórios que foram produzidos, bem como conversar sobre os principais resultados que obtivemos”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa com significativa relevância, na medida em que busca investigar, de modo longitudinal, a resiliência de sujeitos expostos a adversidades sociais no início de sua vida adulta em interface com fatores ambientais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O termo de consentimento livre e esclarecido foi retificado de acordo com as solicitações do parecer anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, e considerando que o projeto está em consonância com as exigências dos protocolos normativos nacionais que regem a pesquisa com seres humanos, recomendo sua

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.201.734

aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1585400.pdf	05/08/2020 20:34:25		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLENeli.docx	05/08/2020 20:15:26	Alex Sandro Gomes Pessoa	Aceito
Outros	Justificativa.docx	29/06/2020 20:06:39	NELI DE FARIA HENRIQUES CACOZZA DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	29/06/2020 19:59:48	NELI DE FARIA HENRIQUES CACOZZA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_Rosto.pdf	29/06/2020 19:56:22	NELI DE FARIA HENRIQUES CACOZZA DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 09 de Agosto de 2020

Assinado por:
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br